

Revista do
INSTITUTO
HISTÓRICO *e*
GEOGRÁFICO

DO RIO GRANDE DO SUL

REVISTA
DO
INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DO R. G. DO SUL

ANO XXI — III TRIMESTRE — SETEMBRO DE 1941 — N.º 83

SUMÁRIO

<i>João Manuel</i> — Comentário sobre um documento inédito — por M. Duarte	3	<i>Transadores e retirantes</i> — (Nordeste Missioneiro) — Especial para a Revista — por Manoel Duarte	171
<i>Toponímia Tupi-guaraní do Rio G. do Sul</i> — Especial para a Revista — por J. A. L. Tupi Caldas	5	ATRAVÊS DA IMPRENSA	
<i>A terra em que nasceu Júlio de Castilhos</i> — por Viriato Dutra	85	“Novos rumos aos estudos indígenas” — por Clovis de Gusmão	183
<i>Mamíferos fósseis do Brasil</i> (Marsupialia e Chiroptera) — Especial para a Revista — por Carlos de Paula Couto	87	“Narrativa de uma viagem ao Brasil” — por Rodolfo Garcia	191
<i>Epistolário de Cesar de Castro</i> — Inédito — por Fernando Calage	131	“Sobre o negro no Brasil” — por Fernando Goes	197
<i>A conquista do Acre</i> — por Artur Cesar Ferreira Reis	141	OUTRAS SECÇÕES	
		<i>Noticiário</i>	pág. 205
		<i>Bibliografia</i>	pág. 225
		<i>Revista das Revistas</i>	pág. 239

**INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO
DO RIO GRANDE DO SUL**

Presidente honorário: Desemb. Florêncio C. de Abreu e Silva.

Presidente: Dr. Leonardo Macedônia Franco e Souza.

Vice-Presidente: Prof. Otelo Rosa.

Secretário Perpétuo: Dr. Eduardo Duarte

2.º Secretário: Prof. J. A. L. Tupí Caldas.

Orador: Dr. Adroaldo Mesquita da Costa.

Tesoureiro: Professor Afonso Guerreiro Lima.

Bibliotecário: Dr. Olinto Sanmartin.

COMISSÕES PERMANENTES

Fundos e orçamentos:

Dr. Adroaldo Mesquita da Costa

Cel. Gaston Hasslocher Mazon

Prof. Jorge Bahlis

Dr. João C. Maia

História:

Cap. D. Paranhos Antunes

Pe. Luiz Gonzaga Jaeger, S. J.

Dr. Mario Teixeira de Carvalho

Dr. Manoelito G. de Ornellas

Geografia:

Prof. A. G. Lima

Dr. Darcí Azambuja

Prof. Otelo Rosa

Dr. Olinto Sanmartin

Arqueologia, Etnografia e Paleontologia:

Prof. Angelo Guido

Dr. Armando Dias de Azevedo

Prof. J. A. L. Tupí Caldas

Prof. Jorge Bahlis

Folclore e línguas indígenas:

Prof. Angelo Guido

Sr. Dante de Laytano

Cel. Luiz Carlos de Moraes

Dr. Manoelito G. de Ornellas

Admissão de Sócios:

Dr. Armando Dias de Azevedo

Dr. Eduardo Duarte

Cel. Gaston Hasslocher Mazon

Cel. Luiz Carlos de Moraes

Estatutos:

Dr. Adroaldo Mesquita da Costa

Cel. E. F. de Souza Docca

Dr. Eduardo Duarte

Prof. Walter Spalding

**REVISTA
DO
INSTITUTO HISTÓRICO
E GEOGRÁFICO
DO
RIO GRANDE DO SUL**

(FUNDADA EM 1920)

—X—

- Registrada de acôrdo com as exigências da lei.
- Publicação trimestral
- Órgão do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul.
- Reconhecido de utilidade pública por decreto n.º 4373 de 24 de novembro de 1921.

—X—

DIRETOR

DANTE DE LAYTANO

—X—

- Assinatura anual 20\$000
Cada número 6\$000
Números atrasados: preços especiais.
- A Revista não se responsabiliza pelos conceitos emitidos por seus colaboradores.
- Tôda a correspondência deverá ser remetida para o Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul — Porto Alegre — Rio Grande do Sul — Brasil.
- Solicitamos permuta.

João Manuel

Depois de haver desbaratado, fulminantemente, as hostes imperialistas de Loureiro, em Missões, cuidaria o grande João Manuel de Lima e Silva de “visitar localidade sôbre localidade, onde visava estabelecer harmonia social”, por aquelas longínquas veredas esbatidas de assombro e devastação.

Ao se ver, porém, coagido a se refugiar em Corrientes, deixaria Loureiro duas partidas errantes, de aventureiros, por fração, destinadas a “entreter a luta” naquelas paragens remotas. A primeira dessas vanguardas volantes foi literalmente destroçada. Já, porém, a outra, fatidicamente comandada pelo índio, alferes Roque, posto que igualmente acosada, contudo, ficaria oculta e vigilante, na região. Assim que, apenas sabedor da presença, em São Luiz, do insigne general farroupilha, “o sanhudo Roque entrou inopino naquela Vila, onde colheu prisioneiro o valoroso Cabo de Guerra, a 18 dias de agosto de 1837. Conduzido, ato contínuo, para além do rio Piratini, o malvado legalista impiedoso o imolou, a umas 10 quadras do Passo-Geral. Este o fim que teve, com menos de 33 anos de idade, o preclaro guerreiro”, da gloriosa estirpe Lima e Silva e uma das mais altas cabeças militares que o Brasil há produzido.

No Arquivo da Diocese de Uruguaiana encontrei o seguinte termo de enterramento do imortal João Manuel, lavrado no Livro I. fls. 99, da Paróquia de São Borja, cuja cópia literal eu devo à nímia solicitude do respectivo arquivista, sr. Atoz Carvalho:

“Aos dezenove dias do mês de Setembro de mil oitocentos oitenta digo oitocentos trinta e sete, dentro numa catacumba, no Cemitério desta Matriz da Igreja da Villa de São Francisco de Borja, Comarca Ecclesiastica das Missões, Bispado do Rio de Janeiro, foi sepultado o cadaver do General Manuel de Lima e Silva, que morreo assassinado cruelissimamente; de 33 annos de idade pouco mais ou menos; casado, sem testamento que se não achou; e foi por mim encommendado: o que para constar exarei este Termo que assinei.

O Parocho int.º — Marcellino Lopes Falcão”.

Infelizmente, não contém o importante documento transcrito a data exata do impiedoso martírio do preexcelso militar e grande estrategista nacional. Consigna-lhe o “POVO” o dia 29 de agosto de 1837, — “perto a S. Borja.” Sem embargo, precisa-lhe o douto A. Varela o dia 18 de agosto, em que se consumara o sacrificio do insigne varão predestinado, cujo destino tão monstruosamente se interrompia.

Finalmente, consta no têrmo, simplesmente — Manuel de Lima e Silva, suprimido, assim, o respectivo prenome — João — ao denodado herói farrapo, morto no esplendor da mocidade radiosa.

M. DUARTE

Toponímia Tupí-Guaraní

Sedes de Circunscrições do Estado do Rio Grande do Sul

J. A. L. Tupí Caldas

Publicando pequeno estudo histórico e linguístico sobre a origem dos nomes próprios de lugares, sedes das circunscrições administrativas e judiciárias do Estado do Rio Grande do Sul, classificados como cidades e vilas, por força do decreto n.º 7842, de 30 de junho de 1939, do Governo Estadual, temos o objetivo de realizar investigação sobre o período aglutinativo da língua tupí-guaraní, reconhecendo o valor informativo da fase monossilábica, registada pelos primeiros missionários, bem como o tempo áureo da flexão, sistematizada pelo P. Antônio Ruiz de Montoya, missionário da antiga redução de Loreto, junto ao rio Paranapanema (Brasil), e que posteriormente escreveu a sua "*Gramatica y Dictionarios*" (Arte, Vocabulario y Tesoro) da "*Lengua Tupí ó Guaraní*".

Admitimos que a elaboração da Linguagem, no ambiente americano, nos grupos ameríndios, como produto das faculdades humanas, em marcha orientada pela lei do progresso, foi lenta até o momento da descoberta da América pelo homem europeu; se a língua tupí nasceu do próprio gênio da raça brasílica, com fase inicial de insulação cultural, não é menos verdade que os educadores missionários católicos orientaram nas suas escolas paroquiais, situadas junto às "tabas" do litoral e do sertão, a passagem do período monossilábico para o da aglutinação; o estado progressivo da flexão tupí ficou registado no monumento linguístico da "*Gramatica e Dictionarios de Montoya*", que tem o seu fundamento na obra de José de Anchieta, na escola de Piratininga, em São Paulo.

No primeiro século de colonização americana foi possível elevar o tupí-guaraní da fase de conhecimentos empíricos e insulados à estrutura de língua científica. Tal fato cultural e histórico é que determinou que "até o começo do século XVIII a proporção entre as duas línguas (tupí e português) na colônia era mais ou menos de três para um, do tupí para o português. Em algumas capitânias como em

São Paulo, Rio Grande do Sul, Amazonas, Pará, onde a catequese mais influuiu, o tupí prevaleceu por mais tempo ainda. Nas duas primeiras (São Paulo e Rio Grande do Sul) falava-se entre o homem do campo a língua geral até o fim do século XVIII”.

Ainda, hoje, ano de 1941, a língua geral é falada nas “toldarias” existentes no nosso Estado, bem como na população de origem ameríndia das margens do rio Uruguai, notando-se decadência na estrutura. Procuraremos, enfim, que este pequeno estudo não se afaste do método empregado na ciência da linguagem, em função da história dando a análise de formas concretas e as relações psicológicas que entre elas existem.

Aos cultores da história e da ciência da linguagem oferecemos estas linhas ditadas pelo amor à Terra Brasília.

ACEGUÁ (10), ¹⁾ c. d. ²⁾ açé = a pessoa, compreendendo a pessoa que fala + guâ = passar; guâ muitas vezes foi usado em função de quâ, significando tragar, acontecer, competência; quâ tem ainda a significação de atadura.

Acé = A pessoa

Guâ = Passar

“Lugar passar a pessoa”

“Lugar onde passamos (os limites internacionais)”.

Acé guâ
└─────────┘
Aceguá

Acé = A pessoa

Guâ = quâ = atadura

“A pessoa atadura”

“Atadura da pessoa”

“Lugar da prisão (na fronteira meridional)”.

“Lugar onde sou aprisionado (tradição das lutas da fronteira meridional)”.

ARAÇÁ (119), c. d. de araa = enfermidade do tempo quente, moléstia do verão e açá = açaguẽ = cabeça; a expressão primitiva devia ter sido:

Araá açaguẽ
└─────────┘
Ará açá
└─────────┘
Araçá

1) O número indica a ordem da circunscrição administrativa no “Guadro da Divisão Territorial do Estado” — Vide Anexo.

2) c. d. = Composto de...

“Lugar da enfermidade do tempo quente”

Em Tupí-guaraní Montoya registou a seguinte frase:

“Che araa ycó guitúpa”, servindo para traduzir de três modos análogos: “estou com minha (febre) quartã”; “estou com minha (febre) terçã”; “estou com minha (febre) fortíssima”.

Araçá, em Botânica, é o nome da espécie “*Psidium variabilis*” Ber.; Família das Mirtáceas; variedades registadas:

Araçá corôa = *Psidium Cattleianum*

Araçá do campo = *Psidium Araçá*

Araçá felpudo = *Psidium Canescens*

“*Lugar do araaçá*”, isto é, do vegetal que tem aspecto de “pequenas *guayabas*”; v. M. pág. 65.

AJURICÁBA (124). Ex-linha 19, — c. d. *ayuru* = papagaio; *ycó* = entender, morar, viver, estar; *abá* = muito.

Ayuru	ycó	abá
└──────────┘		
Ayurycó		abá
└──────────┘		
Ajuricába		

“Lugar onde vive grande quantidade de papagaios”.

BAGÉ (7), c. d. de *bág* = volta, volver o corpo e *e*, no fim do vocábulo, indicando destreza, aptidão, habilidade, induzir.

Exemplo: “Abag hecé = bolvime ázia el y contra él”, in M. 75 v.

Bág	e
└───┘	
Bagé	

Obsção.: A letra *e*, no fim do vocábulo também indica “al fin”, in M. 121 v.

“Bolver el cuerpo al fin”

“Voltar do limite extremo”

BOTUCARAI (47), c. d. de *bo* = sinal, mancha, *continens*; “Lo que se sigue de algo”; também é sinal de superlativo; de *tu* = golpe, ex.: Chembotú = lo mesmo que chembo iapú = me aporréo, in M.; de *cara* = astúcia, manha; de *i* = yá = pegar apartar.

Bo = superlativo (no caso do acidente geográfico que o vocábulo determina).

tu = golpe.

cara = astúcia.

i ou *yá* = pegar

Lemos, “superlativo da cousa, isto é, Monte Grande, onde o golpe (foi dado) com astúcia e (enfim) pegado”.

Bo tu cara yá
 └──────────┘
 Botu caraia
 └────────┘
 Botucaraí

BORORÉ (126), Ex-Itaó, c. d. de *bo* = sinal, efeito, *continens*, mancha; *bo* pode ser terminação para o gerúndio e supino de verbos; o gerúndio é forma verbal, que denota ação que se continua; supinos são nomes verbais substantivos; os supinos são formas cuja desinência neutra, em latim, não difere do particípio passivo; *ro*, é partícula de composição, significando *o*, *os*, bem como, “exercitar a cousa com outros”; *ré* = depois, em seguida.

Para o tema *bo*, no caso em exame, aceitamos a versão *sinal*, com conceito de lugar ou local.

Bo ro ré
 └────────┘
 Bororé

“Sinal (lugar) exercitar as cousas com outros, em seguida”

“Local onde ação (de catequese?) continua”.

O nome anterior era Itaó, que admito como contração de *itá* = pedra, ferro e *ó* = interjeição exclamativa, com versão Oh! Pedra, Oh! Ferro; admiração ao observar o ferro, nas suas múltiplas utilidades, quando extraído pela primeira vez, nas Missões Guaranís, no ano de 1683.

BOJURÚ (245), c. d. *bo* = sinal, mancha, “lo que se segue de algo”; *j* = *y* = quitar, desobrigar, toler, impedir, “tirar uma cousa do seu lugar”; *u* = verbos ir e vir; *ru* = padre.

“Local onde impediram varias vezes à ação do padre.

Bo y u ru
 └────────┘
 Boyuru
 └────────┘
 Bojurú

BUTIÁ (318) Ex-Minas de Carvão de Butiá, — c. d. *mbucú* = grande, com *tĩai* = *tĩ* (agua) + *aĩ* = suor de pessoa e de coisas; sentido figurado *aĩ* = suco de vegetal.

Forma primitiva da expressão:

<i>mbucú</i>	<i>tĩai</i>
└──────────┘	
Bucú	tĩa
└──────────┘	
Butiá	

Obsção.: Pelo nome “butiá” são conhecidas várias palmeiras, tais como o “*Cocus odorata*” com estipe de 8 metros de altura, fôlhas de 3 metros de comprimento, com frutos amarelo-avermelhados.

Outra espécie muito estimada é o “Côco jataí” (*Cocos Yatay*), cuja medula fornece a “farinha de Jataí”; as fôlhas servem para a confecção de chapéus, cestas e outros objetos de fibras trançadas; a polpa dos frutos contém açúcar, preparando-se com o suco dos frutos, pela fermentação, uma ótima bebida alcoólica.

A amendoa é medicinal, com propriedades antihelmiticas, fornecendo ainda um oleo alimentar.

O “Butiá verdadeiro” é o “*Cocos eriospatha*”, distinguindo-se de outros “butiás” pelas grandes folhas de côr verde-cinereas; em algumas localidades brasileiras o “*Cocos eriospatha*” apresenta-se com estipe reduzida.

“Lugar da árvore de que extraio o suco e preparo bebida fermentada”

“Lugar do Butiá”.

BOSSORÓCA (342) Ex-Igrejinha, c. d. *mbocóca* = bordão; *Coroi* = aparecer qualquer cousa; *Cá* = quebrar, ofender, abrir.

<i>mbocóca</i>	<i>coroi</i>	<i>cá</i>
└──────────┘		
mboço	ró	cá
└──────────┘		
Bossoróca		

“Local onde para quebrar (abrir fenda no terreno) assomou alguma cousa (a água da chuva)”.

Não existindo a letra S no tupí-guaraní a forma exata é — *Boçoróca*.

Obsção.: O exame atento do vocábulo — bossoroca — leva-nos a admitir uma origem portuguesa, em ambiente de colonização estrangeira, em época mais próxima, no qual havia um residuo cultural português; admito que seja possível explicar a origem na copu-

lação de dois vocábulos portugueses: *Bócio*: s. m. — Papeira, mais *Roca*: s. f. — no sentido antigo de rocha. Logo teríamos a significação: “Rocha da papeira” ou “Lugar da papeira”.

Não é de desprezar o fato sociológico da existência do “homem marginal”, que foi abandonado pela cultura, na região do Município de São Luiz Gonzaga; outrossim, é verificada a existência da “papeira” em indivíduos que sempre residiram no local.

Bócio	roca
└──────────┘	
Bóssio	roca
└──────────┘	
Bossoroca	

O vocábulo — bossoroca — está registado nos termos de origem no Brasil, São Paulo; também grafado — Vossoroca — para indicar ação das águas de superfície sobre uma rocha pouco resistente; caminho aberto pelas enxurradas; em Portugal, conhece-se a forma — Fossoroca.

COTIPORÃ (17). Ex-Monte Vêneto, c. d. de *Cotĩ* = lugar, pôsto onde a pessoa se encontra; *po* = salto; *rã* = cousa parecida.

Cotĩ	po	rã
└──────────┘		
Cotĩporã		

“Local do pequeno salto (cachoeira), onde encontro-me”.

Admitindo-se a forma atual — Cotiporã — com corrupção de — cotĩ porâng — onde cotĩ = lugar e porâng = môrâng = formoso ou agradável temos:

Cotĩ	porang
└──────────┘	
Cotĩporã	

“Lugar formoso, onde encontro-me”:

CAÇAPAVA (23), c. d. Caça = Çacari = cousa estimada, cousa vistosa; “que reverbera en los ojos” — v. M.; *pa* = nota do supino, no caso, verbo estimar; *ba* = corrupção de bae = indicando particípio.

Çaca + pa + ba
└──────────┘
Çacapaba
└──────────┘
Caçapava

“Região lindíssima que estimo”.

Também podemos decompor o vocábulo — Caçapava — em *Cá* = quebrar, ofender, *abrir*; *Çapé* = Teça = olhos; *bae* = partícipio.

Assim a versão diria:

“**Lugar que faz abrir os olhos** (ato de admiração pela beleza da região). Montoya registou Caáçapá, correspondendo á “atravessia do monte”; assim temos:

Caá	çapatú	pab
└──────────┘		
Caá	çapapab	
└──────────┘		
Caçapava		

Caá = Mato.

Çapatú = calçado, figurado: marcha, movimento, caminho.

pab = fim.

“Fim da travessia do monte”.

CARAJÁ (23) Ex-Seival, c. d. *cara* = destreza, astúcia, ma-nha, tardância, curiosidade e *yá* = pegar, apartar, dissimulado estar.

A forma — *carajá* — é corruptela de *carayá* — que Montoya traduziu por “grande mono”.

“Local do grande mono”.

CAPANÉ (27), c. d. *cápa* = capaguêra = rinha, renhir, “com-bater encarniçadamente”; *né* = advérbio afirmativo.

Cápa né < Capaguêra né; — “Local onde combateu-se de modo encarniçadamente” ou “Lugar do grande combate”.

CAÍ (33) Ex-São Sebastião do Caí, c. d. *Cá* = quebrar, ofen-der, abrir; com *í* = *aí* = *y* = eu estou, mais *ĩ* = capitão, caudilho, guia.

No século XVIII (dezoito) a grafia era Caií; logo a melhor versão é: “ofender — eu estou — guia” ou Local onde fui ofendido pelo guia (capitão de bandeira ou caudilho)”.

“Local onde fui combatido pelo bandeirante”.

CAMAQUÃ (41) Ex-São João do Camaquã, que no século XVII tinha a grafia — Câmqâquã — significando “bico das têtas das vacas”; bico do peito; mamilo.

Em Espanhol “peçon de las tetas” pode ser traduzido por “bico das têtas”; o vocábulo — pezon — em espanhol corresponde, em latim, à expressão: Axis extremitas. Em sentido figurado podemos ler a significação de “ponta da serra”, cabo (acidente geográfico). A versão que admitimos é “Ponta da Serra”.

CANGUSSÚ (51), c. d. de Câng = osso e guaçu = grande; logo “Osso grande”.

Também encontramos o vocábulo tupí — *uçú* — significando grande e largo, v. M. 406 v. assim o vocábulo em análise resultou pela copulação direta:

Câng uçú
└─────────┘
Cânguçú

Em pontos diversos da região têm sido encontrados grandes ossos de fósseis.

“Osso grande” em sentido popular é indicador do grau superlativo do que é trabalhoso e incômodo. Na Espanha e em Portugal, no meio culto a expressão latina “lapides calcis incoctoe” indica a parte da pedra de cal que se não cozeu quando foi ao forno.

O vocábulo — *cânguçú* — é registado nos dicionários modernos de Portugal e do Brasil, como *a* f., para indicar espécie de “*Onça do Brasil*”.

Sob o nome de “*Onça*” são conhecidas no Brasil 9 espécies de animais, do gênero “*Félix*”, da família “*Felídeos*”, que são carnívoros e mamíferos; seis espécies de onças são de “pêlos pintados”, as três outras espécies são unicolores.

A maior espécie é a “onça pintada de cabeça grande”, chamada, pelos tupís, de Jaguatetê ou cânguçú. Não tendo o tupí a letra *s* a grafia exata é *cânguçú*.

“Lugar da cânguçú”.

“Lugar da onça pintada de cabeça grande”.

CARAZINHO (55), c. d. de *cará* = inhame, mais *z* (infixo port.), mais inho (sufixo port.), planta tuberosa, de que se faz a 1.^a cultura nos meses de Fevereiro e Março; a 2.^a cultura é realizada em Julho, Agosto, Setembro ou Outubro; o *cará* tem o nome particular de “batatinha”; os rizomas tuberculosos, com poucas raízes, são os de melhor qualidade; o “*cará*” é vegetal do gênero “*Dioscorea*”, família das “*Dioscoriáceas*”; existem diversas espécies de “*carás*”, como “*Dioscorea* do decanevra, de Veloso”; *Dioscorea* Lagoasanta, de Uline; *Dioscorea* sinuata, de Veloso; admito que a *Dioscorea* do decanevra de Veloso, seja o “*Cará* barbado”, que alguns autores chamam “*Dioscorea* dodecandra; existe ainda o “*Cará* do ar”, que é o *Dioscorea* bulbífera”, que tem bulbilhos ou tubérculos aéreos, que nascem nas axilas das folhas; estes tubérculos aéreos são nutritivos, embora possuam um princípio tóxico, que se decompõe pela desiccação e pelo cozimento.

Cará zinho
└─────────┘
Carazinho

“Lugar do inhame pequeno”.

CAJURÚ (76) ExNova-Sardenha c. d. de *Caí ayngá* = nome de uma planta, da qual os ameríndios aproveitavam ramos e fibras na fabricação do material de pesca, e *Urucurú* = nome de cestos e jaulas usados pelos índios para guardar aves.

Caí	aynga	urucurú
└──────────┘		
Ca	ynga	urú
└──────────┘		
Cayurú		
Cajurú		

Os ameríndios da região meridional faziam uso do vegetal — Cayurú — nos trabalhos de indústria rudimentar e doméstica.

“Lugar do arbusto, que fornece varas para a pesca e para fazer cestos”.

CHASQUEIRO (128), s. m. Admitimos como corrupção do vocábulo português — *Chasqueador* — s. m. — adj. — “aquele que chasqueia”; vem do verbo — chasquear, que é v. tr. i.; “dirigir chascos”; “dizer chascos”; chascos = motejo, gracejo satírico.

COTEGIPE (152), c. d. de *coté* = *co*, pronome + *té* = nome, fama, boa; *gi* = corrupção de *çé* ou *si*, com significação especial indicada por Montoya: “sea assi otorgado” ou “seja enorabuena”; *pe* = posição de quietude e de movimento.

Co	te	gi	pe
Êsse	nome	sim	quietude movimento
└──────────┘			
“Êsse nome sim (dirigirá) a paz e a evolução”			
Cotegipe			

CHARRUA (155), Ex-7 de Setembro — s. m. e s. f. segundo o sentido. A palavra — *Charrua* — não é de origem americana; em português significa máquina de lavrar a terra; arado grande de ferro, com uma só alveca; em sentido figurado significa agricultura. Em francês existe o vocábulo — *Charrue* — que indica “arado” ou “terreno que o arado lavra anualmente” ou “geira de terra lavrada”; não esquecer as frases francesas: “Mettre la charrue devant les boeufs”, com versão livre “inverter a ordem natural das coisas”; “Cheval de charrue” com versão livre “homem grosseiro” ou “homem estúpido”.

Em português existe o vocábulo — *charro* — adj. = grosseiro, rude, bronco; provincialismo: *chicarro*.

Montoya registou a voz tupí “*chaĩ*” para significar “judeu”; evidentemente êste vocábulo não é de origem ameríndia. Podemos verificar que a expressão “*chaĩ rú a*” que dá a versão direta “judeus — estar — imitar” ou a versão livre “imitar aos judeus”, pode explicar a formação do vocábulo por aglutinação, em ambiente riograndense.

Chai	rú	a
└──────────┘		
Chai	rúa	
└──────────┘		
Charrúa		

“*Imitador do judeu*”

CACIQUE DOBLE (181), s. m., nome de chefe duma “toldaria” no Estado do Rio Grande do Sul, no Século Vinte; o vocábulo — *cacique* — não é originário da América; foi introduzido pelos portugueses sob forma primitiva de *Caciz*, isto é, s. m. antigo, indicando o “Vedor” ou “Homem nobre em alguns estados africanos”; *Caciz*, depois *Cacique*, é o título de sacerdote muçulmano na África Oriental.

No Brasil, o vocábulo — *Caciquismo* — é s. m., indicando preponderância política dos “caciques”, isto é, dos indivíduos que exerciam influência eleitoral.

O nome próprio do cacique riograndense, chefe da “toldaria da Lagoa Vermelha”, tem a seguinte origem:

Nde = tu, pronome

óg = deixar, como particula de composição

bé = todos, (mais, desde).

e = fazer cousa à-parte.

Nde	+	og	+	bé	+	e
└──────────┘						
De	o	bé	e			
└──────────┘						
Dobée						
└──────────┘						
Doble						

“Lugar do Cacique que deixa trabalhar livremente” ou “do Cacique que deixa trabalhar pequenas roças”.

CASEIROS (183). Ex-Caseros. E’ vocábulo de origem portuguesa; a forma primitiva — Caseros — é um adjetivo antigo, indi-

cando os indivíduos que faziam moradas de casas em algum local; vem do verbo — *casear* — antigo português, sendo verbo transitivo e irregular.

A forma — *Caseiros* — é adjetivo masculino, indicando de modo particular “usado em casa”; “amigo de viver em casa”; “indivíduo modesto”; como substantivo masculino indica o “inquilino”; *aquele* que dirige a cultura de uma quinta ou herdade de outrem.

Aconselho conservar a forma — *Caseros* — para o nome da sede da circunscrição administrativa.

CATÍ (189), Ex-Vista-Alegre, ou *Catĩ* = odôr forte e nauseabundo, mau, veemente; é c. d. de *cá* = quebrar, ofender, abrir e *tĩ* = nariz, branco, vergonha.

Cá	+	tĩ
Quebrar		nariz
Quebrar		face (cara)
Ofender		vergonha
Abriu		cabeça
Ofender		branco
Catĩ		

Montoya deixou escrito: Tendapĩguĩ *cãtĩ* = olor sobaquina.

“Lugar do odor forte e nauseabundo”.

CAPIVARI (251), c. d. *capyĩ* = palha, feno, cereais; *u* = músculo, coxa, anteperna, figurado é calções, isto é, vestuário de homem desde a cintura até abaixo dos joelhos, onde aperta com laço ou fivela; *ári* = sôbre (c. de che *arĩ* = sôbre mim).

Capyĩ	u	ári
cereais	calções	sôbre mim
Capy v ári		
Capivari		

“Local do animal que destruindo os cereais fornece os calções”.

Em zoologia o nome “Capivara” indica a espécie “*Hydrochoerus capibara*”, que é um mamífero roedor.

“Local da Capivara”.

CAVERÁ (252), c. d. *cáú* = c. de cânguĩ — vinho e *û* = beber, significando “beber vinho ou bebida espirituosa”; *héra* = nome, fama ou de hérâquâ = fama.

Cânguĩ	u	héra
└──────────┘		
Beber vinho	nome	
Caú	héra	
└──────────┘		
beber vinho	fama	
Cav	héra	
└──────────┘		
Caverá		

“Local da borracheira”.

“Lugar da beerragem”.

CHUÍ (273), c. d. *che* = eu e *ucuí* = espanhol allá; português — lá, que é advérbio de lugar.

Che	ucuí
yo	allá
eu	lá
└────────┘	
Chucuí	
└────────┘	
Chuí	

“Local onde fui e permaneço (eu lá)”.

CAROVÍ (274), c. d. de *carú* = ato de comer, ação de usar alimentos (checarú = eu comer); *uí* = farinha de mandioca.

Carú	uí
└────────┘	
Caró	uí
└────────┘	
Caroví	

“Local onde obtenho a minha comida de farinha de mandioca”.

CATUIPE (280), c. d. de *catuí* c. d. *caá catuí*, isto é, monte onde não existe abundância de ervas ruins que prejudicam as sementeiras úteis; *pe* = cousa plana e chata.

Caá	catuí	pe
└────────┘		
Cá	catuí	pe
└────────┘		
Catuí	pe	
└────────┘		
Catuípe		

“Local do monte plano e chato (meseta) própria para as sementeiras úteis”.

“Lugar da meseta ótima para a agricultura”.

CARÁA (294) Ex-Rio dos Sinos, c. d. de *cará* = raiz conhecida comestível; *a* = fruto, grão, grão de fruta nascido, “corporea cosa”, “pedaço de...”, quando a letra entra em composição do vocábulo tupí.

Cará a
└──────────┘
 Caráa

Exemplos:

Caráguaçu = espécie com grandes raízes.

Cará hambó = espécie com raízes de tamanho médio.

Cará mÿnĩ = espécie com raiz pequena.

Cará tĩ = espécie de cará de côr branca.

Carápipá = espécie de cará de côr parda.

“Lugar da “corpórea cousa” da espécie vegetal denominada cará”.

“Lugar da raiz de Cará”.

A grafia exata é Caráa.

CATUÇABA (310), Ex-Santa Bárbara, c. d. de *catú* = bom, bem, lícito, melhor, muitos; *çá* = olhos e tudo que lhe pertence; *ba* = mbába = mortandade, fim, acabamentoo.

Catu çá mbába
└──────────┘
 Catú çá ba
└──────────┘
 Catuçába

“Lugar onde se deu fim e acabamentoo a muitos olhos e tudo que lhe pertencem (pessoas ou indivíduos)”.

“Local onde se produziu grande mortandade”.

Obsção.: Santa Bárbara é a protetora do soldado paulista; a Legião Paulista que chegou e combateu no Rio Grande do Sul, nos Séculos XVIII e XIX, tinha como orago da Irmandade essa santa.

CACEQUÍ (315), c. d. de *Cá Cá* = *Cacáří* = chegar, acercar; *e* = é em composição significa dizer = (Che é = eu dizer v. m.); *quí* = aquí, neste lugar, a êste lugar.

Cacáří é quá
└──────────┘
 Cacé quá
└──────────┘
 Cacequí

Parece que a versão "*digo que chegou a este lugar*" é a melhor, lembrando a existência do entroncamento da estrada de ferro; Cacequí é nome registado na geografia e na história somente no Século XIX, depois da construção da Estrada de Ferro de Pôrto Alegre à Uruguaiana.

Podemos admitir que o nome tenha origem no fenômeno de aglutinação, ainda, como se demonstra:

Cá	cá	é	quí
└──────────┘			
Ca	cáé	quí	
└──────────┘			
Cacé	quí		
└──────────┘			
Cacequí			

CRIÚVA (366), c. d. *Curi* = significa desejo, quando acompanhado de outra partícula, exemplo: *Curi aítamô* = oxalá!. E' forma de interjeição; podendo ser traduzida: "Queira Deus!" ou "Provera Deus"; usa-se para manifestar o vivo desejo de que suceda uma cousa"; *uĩbá* = planta de caule ôco nos entrenós; nome de várias gramíneas; a palavra *uĩbá*, foi usada pelos primeiros colonizadores para indicar "cana de açúcar", donde em tupí-guaraní pode ter um sentido geral de vegetal.

Curi	uĩbá
└────────┘	
Cri	ubá
└────────┘	
Criuvá	

Em Botânica — Criúva — é o nome comum da espécie vegetal "*Lencothoe multiflora* D. C.", variedade acuminata, segundo registou o Prof. Francisco J. R. de Araujo, in *Elementos de Botânica — Pelotas — 1905*.

E' uma árvore dos "campos montanhosos" da Região serrana do Rio Grande do Sul; não se desenvolve muito; seu aspecto é pouco sedutor, pois se apresenta sempre baixa e retorcida, como martirizada pelas queimadas anuais dos campos. E' para notar o enorme desenvolvimento da parte suberosa de sua casca; parece que a própria natureza quis dotá-la dêste seguro meio de defesa contra o fogo, envolvendo-a em tão grossa camada de cortiça.

A "cortiça de criúva" é muito grosseira e profundamente fendida; tem um coeficiente muito baixo de elasticidade, donde não ser aplicada nas indústrias.

A “madeira de criúva” tem pouca utilidade; o que torna notável a “Criúva” é a sua grande fronde, que dá sombra ao gado, e seus ramos servem de “pousos” aos pássaros, principalmente aos “cricris”, o que lhe valeu, entre os homens dos nossos campos, o nome de “*árvore dos cricris*”.

Obsção.: Em português — cricrí — s. m. Onomástico. Instrumento que imita o cantar do grilo; “cantar do grilo”.

Não deve ser confundida a espécie Criuva, com a espécie — Cabriuva — classificada por Freire Alemão, prof. da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro; esta última planta é o *Myrocarpus frondosus*”.

CAMBARÁ (368), c. d. *Caá* = a erva utilizada pelos ameríndios, no sentido de vegetal; *mbaráa* = mãrã = enfermidade; *á* = cair.

Caá	mbaráa	á
└──────────┘		
Cá	mbará	
└──────────┘		
Cambará		

A espécie botânica tem o nome científico de “*Moquinia polymorpha* — D. C.”; é árvore da família Compositae; existem duas variedades: o Cambará-mirim, em todo o Estado do Rio Grande do Sul; o Cambará-guaçú, do território do Município de Vacaria; ambas as árvores têm propriedades medicinais; as partes utilizadas, em farmácia, são as folhas e as flores.

O Cambará-guaçú fornece madeira para construção e obras externas; a parte da madeira enterrada conserva o aspecto de verde.

“Local da árvore que dá as folhas e as flores que uso quando estou enfierno”.

“Lugar do Cambará”.

EMBOABA (77) Ex-Nova Milão; no vocábulo em estudo podemos admitir a copulação de *mbocá* = arcabuz, arma de fogo, com *abá* = homem, pessoa.

Mbocá	abá
└────────┘	
Emebocá	abá
└────────┘	
Emebo	abá
└────────┘	
Emboabá	

O grupo literal — mbo. — não tem pronuncia com o nariz, ensina Montoya, logo deve ser, pronunciado com os lábios: *emebo*.

“Lugar do homem de arcabuz”.

“Local do homem de fuzil”.

EREBANGO (154), c. d. de *Eré* = *si haré*, antiga expressão popular espanhola transcrita pelo Padre Montoya; tem a versão portuguesa = se pagares, se deres dinheiro em troca; Montoya esclareceu o sentido da versão espanhola quando afirmou: “dizem las mugeres”; a versão espanhola — placeme — em português significa “dar prazer”, “dar agrado” ou “dar um gosto”; *Bâng* = coisa torcida, contrafeito, contra ordem natural; *O* = quitar, tomar, tapar, remendar, “tirar uma cousa de seu lugar”, impedir, tolher, anular.

Eré bâng o
└──────────┘
Eré bango
└────────┘
Erebango

“Lugar onde impedi, contrafeito, que a mulher dissesse: Eré (se pagarés)”.

A forma espanhola — “harébueno” é uma expressão substantiva, significando “ordem de pagamento; corresponde ao termo — pagaré, isto é, vale ou obrigação pela qual uma pessoa se compromete a satisfazer uma certa quantia em determinado dia.

As informações colhidas na análise do vocábulo permitem a versão livre: “Lugar onde anulei a vida desregrada”; “...onde impedi a prostituição”; “...onde tolhi o concubinato”.

FÃO (162); na língua tupí-guaraní não existia a letra F; admito a forma — Fão — com augmentativo de — Fuá — que é um brasilerismo, com função de adjetivo; para não confundir com — Fuão — forma que significa — Fulano — foi fixada provavelmente a forma *Fão*, indicando “grande cavalo manhoso”; a forma — Fuá — diz da qualidade péssima de um cavalo (cavalo manhoso).

Em Portugal existe desde a época romana a vila do Fão, na região do Minho, na comarca de Barcelos, concelho de Espózende, sobre a margem esquerda do rio Cávado, trinta quilómetros a Oeste de Braga; a velha localidade portuguesa foi fundada, seguido autoridade histórica, pelos celtas em 984 antes de Cristo.

Perto da costa, em frente de Fão, em Portugal, estão os celebres penhascos denominados Cavalos de Fão, que correm de Norte ao Sul, na distancia de 1500 metros. (in Portugal Antigo e Moderno. III v.).

GUARARAPÊS (79) Ex-Nova Roma, c. d. *Guará* = mover, agitar, revolver, no sentido de trabalhar um terreno argiloso, próprio para cultura (Montoya — in 108 v. “... y de aqui lo tóman por la barrena”); *ra* = espiga; *pe* = coisa plana e chata, onde o *s* final foi determinado pela incorporação difinitiva do vocábulo ao patrimônio histórico da nacionalidade brasileira (Guerra contra os Holandeses em Pernambuco).

Guará ra pés

Guarara pés

Guararapés

“Terreno argiloso plano e chato onde cultivo o milho”.

“Terreno ótimo para a agricultura”.

GUAPORÉ (105), c. d. *Guâ* = passar; *po* = salto; *ré* = riré
= ryré = depois, posteriormente, em seguida.

Guâ po riré

Guapo riré

Guaporé

“Lugar que deve passar depois do salto (cachoeira)”.

GUAÍBA (233), c. d. *Guai* = trocar e *ibá* = fruto, no sentido figurado “produtos da terra para o sustento do homem”.

Guai ibá

Guahybá

Guaíba

Obsção.: A letra H não tem valor próprio; não é letra propriamente dita; para os latinos (romanos) é um simples sinal, tornando mais longo o tempo de pronúncia da vogal.

“Lugar onde se faz a troca de produtos da terra para o sustento do homem”. Vida e Obra do P. Roque Gonzales S. J. por R. P. Teschauer, onde faz referências ao comércio entre portugueses e tapes no Rio Grande de São Pedro, no século XVII.

O vocábulo em estudo pode ser originado da copulação seguinte:

Guahú ibá

Guahyba

Guaíba

O vocábulo — *guahú* = “canto de los indios” significa “série de sons musicais emitidos pela voz dos ameríndios”; no entanto, pessoa menos entendida no tupi-guaraní poderia ter tomado a expressão “canto dos índios”, em sentido “de lugar afastado dos índios”; canto dos índios na extremidade da abertura da bôca do Rio Grande de São Pedro”; o vocábulo *Canto* tem significação portuguesa e espanhola de “pedra grande” ou “de esquadria de pedra”; a existência de grande “matações de granito” ao longo das margens do rio Guaíba, teria dado origem ao nome: “Rio da Terra das Pedras Grandes”.

GIRUÁ (278), c. d. *Çĩrĩ* = palma de que os índios faziam pontas de flechas; a letra *c* é muito substituída pela letra *g*;

u = tirar alguma cousa do seu lugar, quitar, extrair, sacar;

á = aa, que em composição significa “grande cousa de grão”; exemplo: ubá aquíraá = uvas grandes.

$\begin{array}{c} \text{Çĩrĩ} \quad u \quad aa \\ \hline \text{Çĩruaa} \\ \hline \text{Girúa} \end{array}$

“Lugar da palmeira de que tiro cachos de frutas com grande grão”.

“Lugar das palmeiras”.

GARRUCHOS (309) Vocábulo de origem espanhola, muito comum entre os homens que trabalham na arte náutica, significando “cabo que se mete nas relingas”, por entre os chicotes, donde se fazem as puas das bolinas. Em português existe a forma garrucha, s. m., roldana ou polé; “polé de dar tratos” é instrumento de tortura da Idade Média.

Em França, a expressão “echar la garrucha” tem a versão livre: “tirar a corda da garganta”.

Em Portugal — garruchon é s. m., indicando roldana de ferro que serve para sustentar o *correão* das molas das carruagens.

Em português — relingar — é forma antiga de verbo, significando “por as relingas à vela dos barcos” ou “fazer cara ao vento com as relingas”; o vocábulo *relinga* indica cordas ou cabos com que se ata a vela duma embarcação.

Em linguagem figurada, o vocábulo — garrucho — sendo de origem espanhola e de uso corrente no meio português, têm a significação de “homem que trabalha com cordas e ao vento”.

“Lugar dos trabalhos com cordas e ao vento”.

A corrupção do vocábulo — garrucho, em ambiência americana, deu origem ao vocábulo — *gaúcho* — homem do campo, que trabalha os gados com as cordas ou laços, sempre expostas as mais variadas condições da atmosfera; há alguns anos, na imprensa de Santana do Livramento, o nosso amigo dr. Alcides Müller sustentou este ponto de vista etimológico.

José Saldanha, astrônomo da Comissão de Demarcação da Fronteira da América, colheu em 1774, quando de sua chegada ao Continente do Rio Grande de São Pedro, a forma *Gauches*, informando ser vocábulo espanhol, muito usado na nossa terra para “expressar aos vagabundos, ou ladroens do Campo, quaes Vaqueiros, costumados

a matar os touros chimarrones, a saccar-lhe os Couros, e a levalos occultamente as Povações, para a sua venda ou troca por outro genero”. Vide pág. 181 — Vol. LI — Anais Biblioteca Nacional — Ano 1929. Publicado em 1938, que contem o “Diario Rezumido e Histórico”.

GUARANÍ (345), c. d. de *Guâra* = utilidade, pertencer à cousa, pertencer à pessoa, constar de matéria e forma; *Pátria*, *parcialidade*, *países*, *regiões*; *ni* = *ni* = partícula afirmativa, com mesmo valor que *né*, que sempre lembra *nde*, forma tupí do pronome *tu*; ex.: *Nembae* = *ndembae* = tuas cousas.

Guâra	ni
Pátria	tua
Parcialidade	tua
País	teu
Região	tua

“Tua Pátria”.

“Tua Nação”.

A forma “*guaraní*” “...es palabra que en *aimará* y *quechua* significa *tapa-rabo*...” ensina Daniel Ortega Ricaurte, Chefe da Comissão Colombiana de Limites do Perú-Brasil.

O vocábulo espanhol — *tapa rabo* é sinónimo de — *pampanilla*, que tem a versão portuguesa de *tanga*; significa peça de pano com que os índios e negros selvagens cingem a cintura; notar a semelhança de forma, porém com significação diferente. (Sinais diacríticos diferentes).

GRAVATAÍ (390), c. d. *Ca* = abrir; *ra* = ha, partícula verbal de nome e verbo significando instrumento com que se fazem as cousas; *uataí* = *yataí* = vocábulo tupí, constituido no primeiro século de colonização, usado pelos “camperos a las sartas de piñones mondados” v. M. 189 v.

O vocábulo “sartas”, que é espanhol, tem a versão: “série de cousas enfiadas por ordem”; outrossim faz lembrar o vocábulo — cordão.

“Lugar do vegetal que se abre para tirar o fio (instrumento) com que se faz a série de cousas enfiadas por ordem”.

“Lugar onde se faz o fio vegetal para tecer”.

Ca	ra	uataí
Cra uataí		
Gravataí		

Obsção.: A espécie botânica “cardos de cañamo”, no século XVII, em ambiente das missões riograndenses era conhecido sob nome de Caraguatá, donde a sua adição ao vocábulo ou sinal y, com significação de cortar, quitar ou despegar, deu origem a

Caraguatáy
 Crauatáy
 Gravataí

INHANDUI (1), c. d. de ĩ *embĩhába* = o atalho; *ndú* = voz tupí indicando o ruído de qualquer cousa, lembrando multidão; ĩ = estado, estar. V. M. 163.

ĩ embĩhába ndú ĩ
 ĩ mbĩhan duí
 Inhanduí

“Lugar (do rio) do atalho onde está gente de guerra”.

IGUATEMI (51), c. d. de ĩ = água, quando no início do vocábulo ou usada separada; *gûá* = lista, raia atravessada, mancha, pintura; *tēmĩ* = partícula que adicionada ao radical do verbo, indicava no tupí o particípio passivo do presente.

ĩ gûá tēmĩ
 ĩguá temí
 Iguatemi

“Rio que está atravessado na fronteira (raia)”.

IBIRUBÁ (85), c. d. ĩbĩ = terra; *ru* = padre; *bag* = voltar, volver o corpo.

ĩbĩ ru bág
 ĩbĩru bág
 Ibirubá

“Terra da qual o padre voltou”.

A localidade de Ibirubá teve anteriormente o nome de General Câmara e depois de General Osório.

IVORÁ (90) Ex-Nova Udine, c. d. *Yû* = vir, ir, acontecer; *o* = nota recíproca de nome e verbo; *râ* = sinal, mancha, levantado.

Yú	o	râ
└──────────┘		
Yvorá		
└──────────┘		
Ivorá		

“Caminho que utilizo para chegar ao lugar assinalado”.

IBARÉ (101), c. d. *İbá* = fruta e *ré* = *rîré* = *rÿrê* = depois ou posteriormente; em seguida.

İbá	rîré
└────────┘	
İbá	ré
└────────┘	
Ibaré	

“Local depois da fruta”.

“Lugar em seguida a região das frutas”.

Obsção.: Em espanhol o vocábulo “fruta” tem sentido figurado de “coisa nova” ou “novidade”; assim a versão livre poderia dar “local da coisa nova” ou “lugar da novidade”.

Não devemos perder de vista que o local — Ibaré — fica situado a sudeste do vale do Ibicuí.

IJUÍ (122) Forma primitiva foi *Iui* ou *Yuui*, c. d. *Iu* = *Yu* = vir e ir, acontecer; *uí* = farinha de mandioca.

İ	Yu	uí
└────────┘		
İ	Iu	uí
└────────┘		
Ijuí		

“Rio pelo qual vou às plantações de mandioca”.

“Rio que banha as plantações de mandioca”.

“Rio do mandiocal”.

Obsção.: O tupí-guaraní não tem a letra J; no vocábulo em estudo o J substituiu, modernamente o Y ou i; o I inicial do vocábulo indica água, rio, riacho.

ITAQUÍ (125), c. d. de *İta* = assentar, firmar, fundar, fundamentar; armação, pilares e cousas em outro procura apôio; *qui* = aquí; v. M. *quie* = aquí.

İta	quie
└────────┘	
İta	qui
└────────┘	
Itaquí	

“Fundar-se na armação”.

“Escorar-se na armação”.

Obsção.: No local existiu um arsenal da Marinha brasileira, na primeira metade do século XIX.

Não devemos confundir dois vocábulos tupí-guaraní: — *Itá* — *Ytá*; — o primeiro tem a significação que indicamos; o segundo corresponde à pedra, penha, ferro, sino, cadeia, prisão; o P. Montoya deu exemplo diversos, para precisar a diferença entre os dous termos; assim *Ytaqui* = Pedra de amolar, no qual lemos referência a estrutura geológica da região.

IJUCAPIRAMA (135), c. d. de *Y* = indicando relativo e nota verbal; *Yucá* = Lastimar, matar, ferir; *Pĩra* = particula indicando verbo passivo; *mã* = voltas do caminho, manajo, rôlo pequeno, cilindro; *montão*, “cousa em forma de monte”.

<i>Y</i>	<i>Yucá</i>	<i>pĩra</i>	<i>mã</i>
└────────────────────────────────┘			
<i>I</i>	<i>Iucá</i>	<i>piramã</i>	
└────────────────────────────────┘			
<i>Ijucapiramã</i>			

“O morto da volta do caminho”.

“O morto do manajo”.

“O morto do engenho”.

Obsção.: Podemos admitir que na origem do vocábulo *Ijucapirama* se processou copulação de *Ijucápĩra* com a interjeição — *má*! — que corresponde em português — *ah!*; Montoya ensina — *má*! “ponese siempre al fin”.

<i>Ijucápĩra</i>	<i>má</i>
└────────────────────────┘	
<i>O morto</i>	<i>ah!</i>
└────────────────────────┘	
<i>Ijucapiramá</i>	
└────────────────────────┘	
<i>Ah! o morto</i>	

Há necessidade de inscrever um dos sinais indicados sobre a vogal da última sílaba, para uniformidade de versão. Admitimos como seja uma expressão vocabular interjecional, própria da língua tupí.

A forma semelhante — *Ijucápyráma* — representa o supino passivo ou participio passivo, do modo infinitivo, do verbo — *Jucá*; — com versão: Para se matar, cousa que há de ser morta, cousa digna de ser morta; v. Arte P. Figueira, pág. 28.

IBICUI (188), c. d. de *ĩbĩ* = terra, solo, orbe; *cú* = estamos; *í* = y = no fim do verbo indica perseverancia.

<i>ĩbĩ</i>	<i>cú</i>	<i>y</i>
└──────────┘		
<i>ĩbĩ</i>	<i>cú</i>	<i>í</i>
└──────────┘		
Ibicuí		

“Terra na qual estamos com perseverancia”.

“Com perseverancia estamos neste solo”.

Obsção.: Montoya, in 167, indicou a versão espanhola do vocábulo — *ĩbĩcúí* = “polvo de tierra”; sem dúvida em sentido particular; a nossa análise, confere um pesamento e ação histórica e cultural do grupo humano, que ocupou a bacia do Ibicuí, no século XVII.

IRAÍ (213), c. d. *Eí* = mel, com *hay tĩ* = ninho; receptáculo construído pelas aves e em extensão aplicado à colmeia, construída pelas abelhas.

<i>Eí</i>	<i>hay</i>	<i>tĩ</i>
└──────────┘		
<i>Ihaytĩ</i>	<i>ou</i>	<i>Iraytĩ</i>
└──────────┘		
Iraí		

Obsção.: As fases indicadas na formação do vocábulo demonstram alteração profunda na forma primitiva; assim, afastamos a tradição oral, procurando em Montoya um vocábulo que possuísse raiz ou tema igual ao de Iraí.

Em tupi-guaraní temos o vocábulo — *Yraitĩ* = *cerca*, que pode ser usado, em sentido figurado; a versão espanhola — *cerca* — deve corresponder ao vocábulo português — *cercal* — mata de árvores frondosas, de aspecto análogo ao da “mata de carvalhos cerquinhos da Europa”, na qual as abelhas constroem as suas colmeias.

Como Montoya afirma que — *Yraitĩ* — teve origem na contração de — *Eí hay tĩ* — aceitamos a lição do mestre; o grupo fonético *tĩ* possui variada significação, mais de vinte, donde resultou o seu abandono pelo homem desamparado pela civilização.

A melhor versão que encontramos é “*Colmeal*”.

Finalmente, devemos informar que o vocábulo Iraí ou Irahay foi sempre vertido, em português, no ambiente Riograndense, como indicando: “Água do mel”. V. R. I. H. Rgs. IV trimestre — 1938.

ITÁPEVA (299), c. d. de *Itã* = conchas, moluscos; *peû* = pôdre; *a* = corpórea cousa.

“Local que contém as conchas pôdres dos moluscos”.

A grafia exata é *Itãpeva*, para não confundir com *Itápeva*. O vocábulo *Ytã* significa concha; *Ytã çai* = concha grande; *Ytã rambá* = uma espécie de molusco brasileiro, a ostra, "*Ostrea parasitica*".

Itãpeva significa "corpórea cousa podre da pedra".

$$\begin{array}{c} \text{Itã} \quad \text{peû} \quad \text{a} \\ \hline \text{Itã} \quad \text{peúa} \\ \hline \text{Itãpeva} \\ \hline \text{"Concha pôdre"} \end{array}$$

ITACURUBI (274), c. d. *Ytá* = pedra; *curubí* = curú = pedaços pequenos, indicando diminutivo de cousas; *bí* = cousa própria.

$$\begin{array}{c} \text{Ytá} \quad \text{curubí} \\ \hline \text{Itacurubí} \end{array}$$

"Lugar das pedras pequenas".

"Local do cascalho".

ITACUMBÍ (308), c. d. *Ytá* = pedra; *cuá* = o meio entre dous extremos; em sentido figurado indica equilíbrio de corpo imerso na água dum rio ou lago; *bĩ* = cousa determinada, cousa própria, instrumento.

$$\begin{array}{c} \text{Ytá} \quad \text{cuá} \quad \text{bĩ} \\ \hline \text{Ytácua} \quad \text{bĩ} \\ \hline \text{Itacumbí} \end{array}$$

Montoya registou o vocábulo — *Ytácua* — dando a versão "pedra com cintura para conjunto de pesos que põem nas rêdes".

Assim a melhor versão portuguesa é "*Instrumento de pedra usado na pesca*"

Talvez seja conveniente dizer: "*Contrapêso de rêde*".

ITARQUEM (308), c. d. de *ĩtarõ* = fartura, satisfeito, sazornado; *quê* = dormir, repousar; *m* = emé = negação do imperativo e permissivo; o exato é imé, que tem versão espanhola "no te", correspondendo em português não te".

$$\begin{array}{c} \text{ĩtarõ} \quad \text{quê} \quad \text{imé} \\ \hline \text{ĩtarõ} \quad \text{quême} \\ \hline \text{ĩtarquem} \end{array}$$

“Lugar onde não deves dormir na fartura”.

“Lugar da virtude e da abundância”.

Obsção.: O vocábulo Te, em espanhol e português, é pronome da segunda pessoa e a representa como paciente da ação verbal.

IPANÉ (375), c. d. Ipa = por corrupção a ĩbá = árvore, no sentido de fruto; né = ne = nota ou sufixo tupí indicando o futuro.

ĩbá	ne
$\underbrace{\hspace{1.5cm}}$	
Ipá	né
$\underbrace{\hspace{1.5cm}}$	
Ipané	

“Árvore do futuro”.

“Árvore do paraíso”.

“Fruto do paraíso”.

“Maçã”.

IPÉ (386), c. d. tĩ = rasura, fragmento de substâncias; pé = sujidade, qualidade de que é sujo.

Tĩ	pé
$\underbrace{\hspace{1.5cm}}$	
Ipé	
$\underbrace{\hspace{1.5cm}}$	
Ipé	

“Rasura suja”.

“Sujidade da rasura”.

“Vegetal que dá rasuras sujas”.

O vocábulo Ipé é nome de uma árvore, que fornece madeira rija e resistente para qualquer obra de duração. É comum nos Estados do Sul do Brasil; altura de 6 a 10 metros; diâmetro do caule entre 40 a 60 centímetros. Pertence à família das Bignoniáceas, espécie “Tecoma florescens”. No Rio Grande do Sul existem duas outras espécies, que têm o nome vulgar de Ipé; o “Tecoma alba” é o Ipé vacariano, com flores amarelas; o “Tecoma ipé” de Martius é o Ipé preto, com flores roxas. O Dr. João Dutra, médico e cientista brasileiro, que residiu em São Leopoldo, no Rio Grande do Sul, descreveu uma nova espécie de Ipé, que denominou Ipé-pardo (Tecoma regida), comum nas matas daquele município.

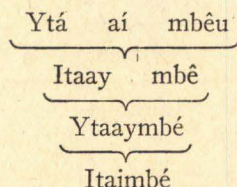
O nome Ipé foi dado às diversas espécies vegetais pelo fato de que seu caule, quando serrado, dá um pó resinoso, de cor amarela, que adere fortemente às ferramentas, embotando o fio da serra e do machado.

ITAIMBÉZINHO (387), é forma do diminutivo de Ytáaymbé, sob influência portuguesa.

Ytáaymbé segundo Montoya era vocábulo aglutinado no século XVI, pois está registado no Dicionário; tem a versão de pedra adelgada, pedra áspera como pedra pomes para raspar. A expressão “pedra de açular” indica rocha própria para afiar facas e machados.

Todavia realizamos a análise do vocábulo Ytáaymbé, para reconhecer o significado no instante de aglutinação.

Ytáaymbé, — c. d. de Ytá = pedra; aí = brenhas, penha, penhasco; mbé = mbêu = matéria.

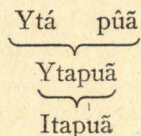


A forma — Itaimbezinho — é brasilismo, na qual sentimos a combinação do vocábulo tupí-guaraní com o sufixo — inho — indicando diminutivo; a letra z foi intercalada pela exigência de pronúncia mais fácil (infixo).

A palavra — Itaimbé — teve a significação seguinte: “Matéria rochosa colhida nas brenhas”; “Rocha extraída nas brenhas”.

O exame da estrutura do vocábulo — Itaimbé — confirma o conceito original, que se contém na versão moderna, agora particularizado pela utilidade da rocha.

ITAPUÁ (389), c. d. de Ytá = pedra, penha, ferro, sino, cadeia, prisão; pûã = assalto, levantar, rebate.



“Pedra levantada”.

“Penha do assalto”.

“Penhasco do rebate”.

Obsção.: No local denominado — Itapuã — existe um morro, acidente geográfico importante, onde se levantou um farol; no Século XVIII alí se levantou o — Forte de Santo André — como se vê no mapa do Rio Grande do Sul, desenhado pelo brigadeiro Rocio; o forte foi erguido em 1769.

O vocábulo — Itapuã — teve a versão, dada pelo ilustrado historiador Teodoro Sampaio, de “Pedra redonda”, vide “Tupí na Geografia Nacional, 1901, § 107; não concordamos com a versão do mestre ilustre porque “cosa redonda” em Tupí se diz “mbae apuá”.

A nossa versão está mais obediente às normas de formação dos vocábulos da língua tupí-guaraní.

IPIRANGA (391), c. d. de ĩ = água; *Pira* = colorido em vermelho, ensanguentado; *ang* = sombra, abrigo; *a* = caída, nascimento, ação de embarcar.

ĩ pĩra ang a
└───────────┘
Ipiranga

“Ação de embarcar no abrigo do avermelhado rio”; “Rio Vermelho do estabelecimento em que embarco”.

“Rio Vermelho, abrigo dos que embarcam (para as Bandeiras)”.

Os autores que traduziram o vocábulo — Ipiranga — somente por — Rio Vermelho — desprezaram o grupo de letras — *angá* — que é bom vocábulo tupí, registado em dicionários, como o de Montoya, in 38 v.

ĩ pĩra angá
└──────────┘
Ipiranga

Importa considerar que, no Século XVII, a expressão tupí-guaraní, usada para indicar “*princípios de rio* ou *cabeçadas de rios*” era a seguinte: “ĩ riapĩra”. Combinando-se esta expressão com o vocábulo — *angá* — que “denota amor e ternura” temos:

ĩ riapĩra angá
└──────────┘

“Amor e ternura tenho às nascentes dos rios”.

“Denoto rogos de ternura às cabeceiras dos rios”.

O vocábulo Ipiranga denotaria na língua aglutinada um sentimento nacionalista, esboçado na consciência do homem de Piratininga, que amando as cabeceiras do Tieté, quiz sintetizar numa palavra: “o tempo em que, num tropel, num bizarro alvorôco de armas e embarcações, como agora na há, partiu para o sertão...”.

JARI (96), c. d. *ia* = calabça, cuia, porongo; *ri* = reh  = posposi o com, adversus, por, etc.

$$\begin{array}{cc} \text{ia} & \text{ri} \\ \hline & \text{Jari} \end{array}$$

“Local dos porongos”.

“Lugar das cuias”.

JAGUARÃO (127), c. d. de *i* =  gua; *Y * = fruta; *g  * = lista, raia atravessada; ramo = agora de novo.

$$\begin{array}{cccc} \text{i} & \text{y } & \text{g  } & \text{r mo} \\ \hline & \text{Y } & \text{g  } & \text{r m} \\ \hline & & & \text{Jaguarão} \end{array}$$

“Rio das frutas, agora de novo fronteira”.

JAGUARI (133), c. d. *i* =  gua; *Y * = fruta; *g  * = lista, raia atravessada; *ri* = “em frente”, “pertencer de mim e de ti”.

$$\begin{array}{cccc} \text{i} & \text{y } & \text{g  } & \text{r } \\ \hline & \text{Y } & \text{g  } & \text{r } \\ \hline & & & \text{Jaguar } \end{array}$$

“Rio das frutas entre mim e ti”.

“Vale das frutas situado na fronteira”.

“Rio das frutas em frente da fronteira”.

Montoya registou, in 18 v, a forma *Y      *, com versão “cachorro”, bem como a expressão “Y       ya” significando “eu tenho cães”. Não devemos esquecer que a história registou o vocábulo espanhol “perro = C o ou cachorro” como expressão pejorativa, encerrando idéia de deprecia o do homem português; da , talvez, o fato de pontos próximos da raia dos domínios espanhóis e portugueses, no território do Rio Grande do Sul, terem nomes que podem recordar uma idéia de deprecia o enunciada pela ameríndio, sob contr le social.

Assim a forma — Y      — teria a versão — C o, — para indicar o local da fronteira, onde os índios guaran s foram combatidos pelos lusos-brasileiros.

O grupo literal — Y      — como radical de diversos nomes de animais das nossas florestas, recorda formas zoológicas diversas:

Y      = Cachorro.

Y       = Lobo grande.

Y        = Zorrilho.

Yâgûareté = Tigre.

Yâgûarucú = Lebre.

Assim, podemos considerar a forma — Yâgûari — como constituida pelo grupo literal — Yâgûar — combinado com a voz — ĩ, — significando *caudilho*.

Yâgûar ĩ
Yâgûari
Jaguari

“Local do caudilho cão”; “Local do inimigo feroz”.

Obsção.: Em documento histórico, o mapa organizado pela Comissão Demarcadora de Limites na América, desenhado pelo Coronel Miguel Angelo Blarco, colhemos a grafia — Yaguara, — correspondendo ao vocábulo português cão ou cachorro.

Na zoologia brasileira — “Jaguar— cambé” é nome do “Zorri-lho”, carnívoro, da família dos Melíneos; é animal dos campos; muito lardo; vive em tocas; à noite caçam animais pequenos; tem como defesa o fato de, com a cauda-levantada, esguicharem um líquido tão fétido, que a pessoa atingida, durante muitas semanas, por forma alguma, pode livrar-se da horrível catinga.

Não obstante a versão de “Rio do Jaguar” dado por alguns autores, bem como de “Rio da Onça”, admito que a versão que apresento se encontra mais de acôrdo com a tradição histórica dos movimentos guerreiros na América, na defesa de soberanias européias.

JACUIZINHO (353), c. d. de *Yacú* = gerúndio do verbo tupi-guaraní — Cú, que significa *estar*; ĩ = y, que no fim da voz verbal diz *perseverancia*. O gerúndio é modificação do infinito dos verbos, denotando ação que se continua.

A terminação — *inho* — é o sufixo português demonstrando diminutivo; a letra Z foi introduzida por eufonia, tornando o som mais agradável (infixo).

“Pequeno rio, no qual a ação continuamos com perseverança”.

O vocábulo Jacuí, que encontramos sob forma — Jacuy (Rio e Guarda), no Mapa de Francisco João Roscio, levantado no período de 1774-1778, permite a versão que damos: “Rio Jacuí = Rio onde perseveramos”.

A exata expressão tupi-guaraní era a seguinte:

ĩ yacuy
ĩ yacuí
Rio Jacuí

Obsção.: O vocábulo Jacuí pode ser considerado com adição de

ĩ	Yacú	í
└──────────┘		
Rio	Estar	caudilho
└──────────┘		
ĩ	Yacuí	

“Rio onde encontra-se o caudilho”.

Para a minha inteligência, trabalhada por patriotismo esclarecido, a melhor versão é a que apresentamos por último, pôsto que, o nome do acidente geográfico recorda, na língua tupí-guaraní, o *único monumento* levantado à memória do fronteiro glorioso, Rafael Pinto Bandeira; no mapa das Côrtes de Portugal e de Espanha, que serviu à demarcação e Tratado de 1750, o nosso Rio Jacuí é denominado Rio Iguaçu.

A forma — ĩacuí — foi registada por Montoya, in G. Dic. pág. 165, II^a P., com a versão: “Calabaço como plato grande”, com a versão livre, em português: “Vasilha proveniente do casco sêco da cabaça, i. é., espécie de abóbora que forma dois bojos desiguais, separado por um colo”; em síntese: “Grande cuba”; “Grande rio”; “Rio Grande”. (Lenda ameríndia da origem do mar).

MUSSUM (107), c. d. Muçúrá = cinta trançada; *emé* = negação do imperativo e permissivo da língua tupí-guaraní; o natural desta negação é — *imé*, que a pronúncia áspera converteu em *emé*.

Muçúrá	imé
└──────────┘	
Muçúrá	emé
└──────────┘	
Muçum	
ou	
Mussum	

A forma — Mussum — tem grafia errada; o tupí-guaraní não tem a letra *s*; a forma exata é “*Muçum*”; tem a versão:

“Não permitir cinta trançada”.

“Não permitir escravidão”.

MAUÁ (114), c. d. de Mã = voltas de caminho; *u* = vir e ir; comer, beber; *a* = em composição indica cabeça, fruto nascido, coisa corpórea, pedaço de ferro, entidade, essência, existência, individualidade.

Mã	u	a
└──────────┘		
Mauá		

“A cabeça que concebeu as estradas como necessárias à agricultura e indústrias”.

A palavra — Mauá — foi constituída com o objetivo de recordar a individualidade do Visconde de Mauá; a aglutinação de três vozes tupí-guaraní recorda a ação construtora desenvolvida pelo grande Irineu Evangelista de Souza, na solução dos mais variados problemas financeiros e econômicos do Brasil, no Século XIX.

MARATÁ (191), c. d. de Mârã = enfermidade, ruindade, aflição, delito, adversidade, falta, calúnia; ta = espiga, maçaroca, espécie de espiga de milho em que se criam alguns grãos muito junto.

Mârã ta
└─────────┘
Maratá

“Espiga doente”.

“Maçaroca enfêrma”.

“Milho ruim”.

Obsção.: Existe a voz tupí-guaraní — Tá — com significado: Colhêr, receber, comprar; podemos admitir que o vocábulo Maratá, tenha origem na combinação de

Mârã ta tá
└─────────┘
Maratatá

“Comprar espigas doentes”.

Posteriormente, teria dado

Maratá

Obsção.: Em português existe a forma “marata”, nome de uma língua moderna da Índia, derivada do “pácrita”, que é considerada como evolução adiantada do “sânscrito”, língua clássica da poesia, da filosofia e da religião na grande família indó-européia.

MARAÚ (218), c. d. de Mârã = enfermidade, aflição, ruindade, adversidade, calúnia, falta, delito; u = vir, ir, comer, beber, sacar, tirar.

Montoya informa que a voz tupí-guaraní u pode ter a versão de “gusano peludo que se cria”, isto é, a enfermidade parasitária produzida pelo “Bicho verne”.

“Moléstia do bicho verne”.

MINUANOS (237), c. d. m̄y = lança de pau (em rigor, lança ou pau); nôang = junto das cousas.

M̄y nôang
└─────────┘
M̄i nôan
└─────────┘
Minuano

“Junto das lanças”.

“Lanceiros”.

A localidade de Minuanos tinha o nome de Inhandui.

MIRIM (272), significa pouco, pequeno, humilde. Em tupi-guaraní a grafia é *Mĩrĩ*.

Exemplo: *Che mĩrĩ* = sou pequeno; *mĩrĩbé* = “Un poco mas, y menos”. v. M.

MIRAGUAÍÁ (291), c. d. de *Mĩ* = esconder; *rá* = sinal; *guã* = Passar; *íá* = corrupção de *yaú*, que significa lama.

Mĩ rá guã yaú
 └──────────┘
 Mirá guãya
 └────────┘
 Miraguaia

Atualmente o vocábulo — Miraguaia — indica uma espécie de peixe; na análise do vocábulo encontramos a seguinte versão: “Lama — passar — sinal — esconder”, donde concluímos, ser nome dum peixe, “que tem o hábito de esconder-se na lama”.

MAQUINÉ (300), c. d. de *Má* = Que es? Como será?; *qui* = aqui, advérbio, neste lugar; *ñê* = seu, pronome possessivo.

Má qui ñê
 └────────┘
 Maquiné

Obsção.: O pronome possessivo *seu* corresponde a *dê*le, contração da preposição *de* com o pronome pessoal *ê*le; Montoya ensina que *ñê* é “recíproco in si ipsum”; o conceito do “recíproco” afirma “que tem mútua correspondência”; diz-se dos pronomes cuja significação recae sobre o mesmo sujeito ou cousa de que se fala; tais são em castelhano *se* e *suyo*, e em português *se*, *seu*, *sua*.

O vocábulo — Maquiné — possui a significação que atribuímos, considerando que o vocábulo — aquí — tem função de interjeição em expressões, como “aquí — del-rei”, com que invocamos o auxílio de alguém; a forma — Maquiné — aglutinação que recorda o nome duma gruta calcárea, no Estado de Minas Gerais, relembra uma situação psicológica de pedido de auxílio para o início de exploração do acidente geográfico; podemos mesmo admitir uma exclamação admirativa, na observação do fato. Originalmente a expressão “Ma qui ñê” deve ter a versão:

“Dele — aquí! Como será?”

MORUNGAVA (392), c. d. *mbûrûã* = cicatriz, umbigo; *gava* = corrupção de cába = abelha.

Mbûrûã	cába
⏟	
Mûrûã	gába
⏟	
Morungava	

“Cicatriz de abelha”.

As antófilas são limenópteros aculeados. O vocábulo “morungava” corresponde a “mamangába” são abelhas sociais; as abelhas brasileiras são muito estimadas, quando do gênero — *Melipona*, — como a “Mandassaia”, “guarupú” e “tuiuva”; ao gênero — *Trigona* — pertencem as abelhas “jatai” e “manduri”.

As abelhas indicadas não foram criadas domesticamente, até agora; são estas abelhas que fornecem o nosso “mel de pau”, bem como a nossa “Cera de pau”; o ninho da “abelha mandassaia” chega a medir 80 cm. de altura por 35 cm. de largura.

Os estudos sobre as abelhas brasileiras, permitem afirmar que as do “gênero trigona” constroem na entrada do ninho um tubo de cera, que de noite é fechado na extremidade, isto é, as abelhas-operárias juntam cera nos bordos do buraco ou orifício de entrada do ninho, deixando a membrana de cera crivada de orifícios, que permitem a ventilação interna; tal fato é observado no ninho da abelha “jatai”.

Nas outras espécies o orifício de entrada apresenta-se no meio de uma chapa circular de cera ou de argila, donde a semelhança com o umbigo dos animais (Cicatriz natural).

NONOAÍ (65), c. d. *No* = também; *Nó* = indica exercitar em si o que denota o verbo; *ai* = eu estou.

No	nó	ai
⏟		
Nonoai		

“Eu estou, com permanência, também”.

“Eu estou, fixado também”.

Versão livre “Lugar que possuo e uso”.

PIRAÍ (11), c. d. de *Pira* = voz que indica ação verbal passiva; *ai* = eu estou

Pira	ai
⏟	
Pirai	

“Eu sou pôsto”.

“Eu sou colocado”.

“Eu sou estabelecido”.

O vocábulo Pirai pode ser admitido como sendo forma moderna de “Pyrâi”, que encontramos em Montoya, com a versão espanhola: “Palo meta pece”, para qual damos a versão portuguesa, seguinte: “Cruz do limite da terra alta”.

Obsção.: Palo = Pau, madeiro e lenho.

Meta = Termo, limite.

Pece = Vocábulo antigo, indicando porção de terra, com certa elevação, entre dois regos ou córregos.

PARAGUASSÚ (42), c. d. de *pará* = variedade; *guaçú* = grande.

Pará guaçú
└───────────┘
Paraguaçú

“*Variedade grande*”.

Obsção.: Deve ser feita a correção ortográfica do vocábulo, usando Ç em substituição de SS, letra que não existia no tupi-guaraní.

PIRATINÍ (54), c. d. de *Pirá* = pescado; *tiní* = fresco.

“Pescado fresco”.

Em documentos históricos do século XVIII encontramos a forma — Piratininga — para acidente geográfico no Rio Grande do Sul (rio).

Pirá tiní ngâ
└───────────┘
Piratininga

“Local de abundância de pescado fresco”.

Obsção.: O grupo literal “Ngâ” é terminação do supino — que é forma verbal; supinamente; de modo supino; excessivamente.

PINDORAMA (86), Ex-Neu-Würtemberg, — c. d. de *Pindó* = Palma; *Râmâ* = Futuro.

Pindó râmâ
└───────────┘
Pindorama

“Palma do futuro”.

“Palma da glória”.

Em tupí-guaraní a partícula *Râ* é nota usada para o futuro, bem como para o pretérito; a partícula *râmâ* serve de nota para três tempos: pretérito perfeito, “havia palma”; pretérito perfeito, “houve palmas”; futuro, “haverei palmas”.

A expressão — Pindó râmâ — tem a versão: “Havia, houve e haverei palmas”.

A partícula *râmâ* indicando ação verbal em três tempos diferentes, exercida pelo sujeito com a palma, a expressão original e o vocábulo aglutinado pode significar o

“Símbolo da vitória”.

“Insigna do triunfo”.

“Palma da virgindade”.

Obsção.: A palma indica vitória do martir contra as potestades infernais.

Outrossim, devemos lembrar que “pindarizar” é v. tr., louvar exageradamente; pindárico, adj., de Píndaro; à maneira de Píndaro; excelente; magnífico. (Em português).

Na Igreja Católica a palma é símbolo das oito virtudes evangélicas preconizadas por N. S. Jesus Cristo, para alcançar o céu.

Os conceitos dos vocábulos palma e futuro completam-se na inteligência do homem cristão, na expressão portuguesa — “Bem-aventurar” ou no vocábulo — “Bem-aventurança”.

PARAÍ (120), c. d. de Pará = variedade; ĩ = caudilho.

Pará ĩ
└──────────┘
Paráĩ
└──────────┘
Paraí

“Caudilho da variedade”.

O vocábulo *variedade* deve ser tomado no sentido completo, *variedade de homem pintado*, que os espanhóis na América chamavam hombre hovero, quando faziam a versão do vocábulo tupí — *abápára*.

Abá pára ĩ
└──────────┘
Abáparaĩ

“Caudilhos dos Homens da variedade pintada”.

Obsção.: O vocábulo — abá — tem significação comum de **homem** ou **pessoa**; foi abandonado na aglutinação da forma, em análise, obdeendo a lei do menor esforço.

A expressão “abápára” ou “hombr Hoover” pode-se admitir como indicadora de grupo humano em degenerescência, com grandes manchas na epiderme, hoje, explicadas pela insuficiência das glândulas de secreção interna.

PUTINGA (168), c. d. de *Pú* = mbu = som, ruído; *týngĩ* = enfado; *ĩa* = calabazo, cuia.

Pú	tyngĩ	ĩa
Putyngĩa		
Putinga		

“Cuia, som enfado”.

O *porongo*, cujos frutos secos fornecem as nossas “cabaças” ou “calabassas” é a espécie — *Lagenaria vulgaris* da família das Cucurbitáceas; o nome mais vulgar é — Cuieira — ou Planta das cuias.

O porongo contendo no interior pequenas pedras ou semente duras serve de instrumento de som para o ameríndio; atualmente é usado no “jazz-band” orquestra americana, na qual os instrumentos são os mais heteróclitos.

MBOREBI — deve ser o nome da localidade denominada “*Poços das Antas*”, que é sede da circunscrição sob número de ordem 199, no Estado do Rio Grande do Sul.

O vocábulo — Mborebi — é o nome particular da *onça* (Félis concolor — onça parda — Sussuarana), na língua tupi-guaraní.

Obsção.: Mborebí piaó = Couro de Anta.

Mbo-repirapé = Caminho de Anta.

Mborebí ita = Pedras do bucho das Antas que era medicamento dos ameríndios para o “mal do coração”.

PARECf-NOVO (200), c. d. de *Parehá* = correio, mensageiro; *çĩ* = mãe natural e raiz de onde procede as cousas.

A forma exata é Parehá Tupãçĩ, isto é, “Mensageiros da Virgem Mãe”.

Parehá	Tupã	Çĩ
Parehá	Tupãçĩ	
Pareçĩ		

Obsção.: Pá = ya pues.

Re = Partícula de composição que com verbos iniciados com h, r, m, indica ação sobre o sujeito: Ex.: Chererahá = me levam.

Ha = Instrumento com que se fazem as cousas.

Tu = Pai.

Pa = Nota do supino.

Çi = Mãe.

Pá + re + ha + Tu + pa + çĩ

“Instrumentos que me levam rapidamente a Mãe do Grande Pai”;

“Mensageiros que me levam rapidamente à Mãe de Deus”;

“Missionários da Virgem Mãe”.

A locução substantiva — Parecí-Novo — é hibridismo tupí-português, com corrupção do tema tupí.

PAROBÉ (359), c. d. *pari* = espécie de rêde de que se usa para apanhar peixes nos rios e lagoas; *oberábôte* = em um instante.

Parí	oberábôte
└──────────┘	
Parí	oberá
└──────────┘	
Parobé	

“Rêde (cançada = grades de canas) em que caem os peixes, num instante”.

Em sentido figurado podemos admitir a versão: “Cançada do pescado abundante”.

Os índios faziam cercados de canas (taquaras) para pescarem, nas proximidades das margens dos rios e lagoas.

QUARAÍ (237), c. d. de *quâra* = mina, buraco, poço, cavidade; *ĩ* = hastea, pau de ferramenta; arrimo, caudilho, capitão, guia.

Atendendo ao fato do *ĩ* estar usado com partícula de composição no fim do vocábulo, a melhor versão é dada pelos termos: capitão, caudilho ou guia.

Quâra	ĩ
└──────────┘	
Quarai	

“Caudilho da mina”.

O sentido sociológico encontrado na versão refere-se, sem dúvida, a d. José Artigas, que operou na Região Missioneira, conservando-se a tradição oral e posteriormente na toponímia; não devemos esquecer que “Rincão de Artigas” é nome da localidade em que nasceu o chefe uruguaio, a qual fica situada em território hoje brasileiro.

Podemos dar a versão seguinte ao vocábulo — Quaraí: — “Guia da mina”, isto é, “Rio que leva a mina”, como indicando o caminho fluvial que conduz às jazidas minerais de sua cabeceira, em territórios uruguaio e brasileiro.

BARRA DO QUARAÍ (375) Vide título — Quaraí — Versão: “Barra do Rio do Caudillo da Mina”.

A forma — *Quaraim* — foi usada no Mapa de Saldanha, no ano de 1777; o antigo vocábulo pode ser analisado: *Quâ*: Raia atravessada, fronteira; *ra* = outra vez; *im* = *imã* — antigamente; combinando os conceitos obtemos a versão: “Antigamente e outra vez raia atravessada” ou “Antigamente e outra vez fronteira”. Aconselho conservar a forma antiga — *Quaraim* — para circunscrições n.^{os} 237 e 375.

QUAREPOTÍ (347), c. d. de Qua + repotí;

Qua = Quaá = Quâra

Qua < Quaá < Quâra

Repotí = tepotí

Versão: Quâra = Espanhol — agujero; em português significa buraco ou furo; em francês trou; em italiano buco; em inglês hole; em alemão loch.

A versão para o espanhol correspondendo ao vocábulo “agujero”, tem a significação de “abertura que tem...”; “abertura que se faz...”; “rotura que se faz em alguma coisa”; “greta ou fenda na terra ainda não arada”.

O vocábulo espanhol “agujero” foi utilizado, de modo particular, para indicar “a bôca ou bocal de um poço”; também indica “orifício de um canal”.

Como o vocábulo “quâra” tem a versão portuguesa “buraco” ou “furo”, podemos encontrar a significação exata do topónimo, combinando em associação de idéias, com a do vocábulo repotí.

Repotí = tepotí = escoria, espanhol; escória, português; têm significação particular e específica, quer em tupi-guaraní, quer nas línguas da Ibérica; assim, Montoya dá a versão de “escoria”, bem como de “hierro” e “metal”; a versão portuguesa que se impõe é a indicada pelos dicionário nacionais, isto é, tem significação de “resíduos dos minerais fundidos na preparação dos metais”; “restos da preparação dos metais”; em Portugal, ainda hoje, é comum dizer “Fézes dos metais fundidos”, pôsto que o vocábulo “escória” teve origem no vocábulo germânico skoría.

Montoya é que ensina, no Vocabulário y Tesoro de la Lengua Guarani (ó mas bien Tupí) que o vocábulo repotí tem a mesma significação que tepotí (páginas 329 v /323 v. — Guarani-espanhol).

Não devemos esquecer que Plínio Airoso, catedrático da Língua Tupí, na Universidade de São Paulo, publicou o “Vocabulário na Língua Brasileira”, admitindo à autoria de Anchieta; imprimiu uma cópia feita em São Paulo, em mil seiscentos e vinte e um (1621); dela consta na página 235, o vocábulo “Itarepoti”, com a versão portuguesa “ferrugem do ferro”, expressão aparentemente errada; na época, Século XVII, em que foi feita a cópia, bem como no Século XVI, quando o grande Anchieta escreveu o vocabulário tupí, a química não estava constituída como uma ciência autônoma. Assim, o exame atento do vocábulo “itarepoti”, permite reconhecer que é composto de “ità = ferro” e “repoti = ferrugem” resultando pela ação da umidade sobre o ferro; a *ferrugem*, hoje sabemos ser composta de sesqui-óxido de ferro, hidrato férrico e carbonato de ferro.

A analogia de estrutura dos vocábulos “quarepoti” e itarepoti”, esclarece a razão da grafia usada por Montoya, in páginas 329 v./323 v. do “Vocabulário e Tesoro”; Montoya deu a exata grafia, isto é “*qua repoti*”, que na mesma época já se encontrava alterada em “quarepoti”, “quarepoti” ou “quarepoti”; na página 382, Montoya, dá a significação exata do vocábulo, escrevendo as seguintes linhas: “*Quarepoti, excremento de minas, s. metales, hierro* etc. V. Quarepoti”.

Evidentemente a expressão “excremento de minas” usada pelos espanhóis, nos Séculos XVI e posteriores, corresponde rigorosamente a expressão popular portuguesa “fézes dos metais fundidos”.

O vocábulo português “fez”, que é um substantivo feminino, tem a significação de “sedimento líquido”; teve origem no latim (faex, — cis); a forma do plural é *fézes*, com significação de “bórras”, “escórias”; não esquecer que o litargírio, que é o protóxido de chumbo fundido e cristalizado, em Portugal, tem a nomenclatura de “fézes de ouro”; é nomenclatura da alquímica, com antiguidade milenária.

Assim, podemos admitir que Montoya, escrevendo a versão espanhola do vocábulo tupí, *quarepoti*, obedeceu à lei da analogia; “excremento de minas”, em espanhol ou “fézes de minas, em português, não têm outra significação além daquelas que admitimos: “escória de minerais fundidos”; “restos dos minerais fundidos”.

Como o vocábulo foi recolhido na Região Missioneira, onde até à metade do século dezenove a língua tupí foi falada, sendo o mesmo usado nos nossos dias pelos habitantes de origem européia, para nomenclatura dum distrito do Município de São Luiz Gonzaga, ficha 347, do Conselho Regiol de Geografia e História, encontro para o mesmo uma filiação histórica e cultural ameríndia.

Admitimos que a forma evoluiu no tempo e no espaço, donde no primeiro século de civilização cristã da América do Sul foi escrita *quâratepoti*; no segundo século *quaâtepoti* e imediatamente, por influência mameluca, *quarepoti*, conservando-se esta grafia até nossos dias.

Montoya ensina que *qua* = *quaá* = *quâra*.

O vocábulo *quarepotí* alcançou, em uso local, no interior do Município de São Luiz Gonzaga, antiga Missão de São Lourenço, sem dúvida, popularidade, porque servia às necessidades culturais do grupo de ameríndios puros e seus descendentes. Assim, verificamos os seguintes fatos da linguagem brasílica (tupí-guaraní):

- 1) Quarepotí apÿi = argolas, gonzos
- 2) Quarepotí atã = aço
- 3) Quarepotí ñaëmbê = prato de prata
- 4) Quarepotí nê = latão
- 5) Quarepotí yâpepó = caldeirão de cobre ou de ferro
- 6) Quarepotí çãmã = corrente de ferro
- 7) Quarepotí embó = fio de ferro
- 8) Quarepotí eté = ouro
- 9) Quarepotí yú angau = ouro falso ou oropel
- 10) Quarepotí membeg = estanho-chumbo
- 11) Quarepotí tĩ = prata
- 12) Quarepotí quâra = mina

Os exemplos citados comprovam a nossa afirmativa, pôsto que Montoya adotou uma nomenclatura uniforme para indicar os diversos metais, na qual reconhecemos o *gênero*, pelo vocábulo — *quarepotí*; — a *espécie* foi indicada pela adição de um vocábulo indicador da qualidade, que mais impressionava um dos sentidos.

O vocábulo — *Quarepotí* — é forma fixada, no século dezesseis, pois o grande Montoya, faleceu em Lima, cidade de seu nascimento, hoje capital da República do Perú, em 1652; nele encontramos a fusão de duas *voces*, isto é, dois *sons*, a cada um dos quais atribuímos causa intencional.

A voz — *Qua* — lembra buraco; furo; orifício de um canal; bôca de um poço; cavidade destinada à dar luz à alguma cousa; abertura que se faz em algum local; rotura que se faz em alguma parte; cavidade destinada à conter alguma matéria.

A voz — *Repotí* — tem a versão de escória, restos dos minerais fundidos. Na época de Montoya e Anchieta, a voz — *Repotí* — era usada em São Paulo e São Vicente, como significando "*ferrugem*", como se lê no Vocabulário na Língua Brasílica, página 235, v. g. *Xerepotí* = Ferrugem ter o ferro ou ferrugento estar; *Itarepotí* = Ferrugem do ferro; *Repotí*, em Piratininga tinha, em 1621, a significação de "matéria que resulta da alteração do ferro"; dizemos, hoje, "corpo que se formou pela ação química do ar e da água sobre o ferro".

Havendo analogia de propriedades físicas e químicas entre a “ferrugem” e misturas de minerais de ferro, com predominância de limonita, a nossa *canga ou itapanhoacanga*, julgamos não errar com a afirmação de que, no século dezessete, o vocábulo — Repotí — representava, para a inteligência do homem ameríndio, a idéia de *mineral*, melhor de *minério*, isto é, corpo natural do qual extraímos um metal.

Somos obrigados a julgar daquela situação psicológica e cultural, dada a utilização feita pelo Rev. P. Montoya, que recolhendo o vocábulo, registou várias formas complexas, no qual — *Repotí, sempre recorda idéia de metal* que, aqui no Rio Grande do Sul, no Século dezessete, foi extraído pelo Rev. P. Antonio Sepp, no ano de 1687, o ferro.

A forte impressão da extração do ferro, transmitida de geração em geração, entre os ameríndios das Missões de São João, São Miguel, São Lourenço e São Luiz, somente para citar as mais próximas, permitiu a conservação de um vocábulo tupí; julgo, que — Quarepotí — recorda a área ou local em que o Rev. P. Sepp colheu as “pedras” ou “minérios” do qual extraiu o ferro, para fundir os instrumentos da civilização cristã.

Em síntese, o vocábulo — Quarepotí — tem a significação imposta pela associação de duas vozes, que são: 1.^a) — Qua = buraco, furo, furado, perfurado, poço, cavidade; 2.^a) — Repotí = escória, restos de minerais (o padre Sepp, recolheu as “pedras de bronze” sem “rasgar rochas por minas de pólvora”; num sentido particular encontramos a significação “ferrugem”, melhor será dizer “minério de ferro análogo à ferrugem”.

O topónimo riograndense, — Quarepotí — ficha, 347, do C. R. G. H., tem o significado de “cavidade que contém minérios ferruginosos”; “poço aberto para extrair o ferro”; “local perfurado para recolher minérios ferruginosos”; “buraco que contém material semelhante à ferrugem”.

O culto cívico-histórico exige a conservação da nomenclatura antiga — São Lourenço — para a circunscrição n.º 347.

Observação: Não concordamos com os professores, que deram a significação pejorativa de — latrina; — Latrina em São Paulo, no tempo de seiscentos, denominava-se “caapiãoaba”; na Região das Missões foi sempre chamada pelo ameríndio de — tepotitiba”.

SAPIRANGA (331), c. d. de *Çarai* = jôgo, olvido, esquecimento; *pĩrã* = colorido, ensanguentado, incendiado; *angai* = espírito mau, má consciência.

$\overbrace{\text{Çarai} \quad \text{pĩrã} \quad \text{angai}}$
 $\overbrace{\text{Çapĩrã} \quad \text{angá}}$
 $\overbrace{\text{Çapiranga}}$
 Sapiranga

“Local da má consciência, que tem olhos ensanguentados, (votado ao) esquecimento”.

Em versão livre:

“Local do homem que praticou ou é capaz de praticar grandes crimes”.

A palavra — Sapiranga — foi estruturada sem dúvida pelo nosso grande Rafael Pinto Bandeira, o imortal fronteiro, no desbordar da ironia, para nome de sua própria personalidade, numa expressiva figura de retórica com que se afirma o contrário do que as palavras naturalmente significam. V. Proc. R. P. B. — in R. A. P. R. G. S., n.º 23 — Junho — 1930.

SAPUCAIA (332), c. d. de *Çarai* = jôgo, olvido, esquecimento; *pucá* = ruído, som, quebrar (pu + cá), exemplo: “Apucá éçapiá” = “Salir la risa de repente”; *ia* = *ya* = abrir, brotar.

$\overbrace{\text{Çarai} \quad \text{pucá} \quad \text{ya}}$
 $\overbrace{\text{Ça} \quad \text{pucá} \quad \text{ya}}$
 $\overbrace{\text{Çapucaya}}$
 Sapucaia

“Local onde brota o jôgo e o riso”.

A fazenda de Francisco Pinto Bandeira cobria o território que veio a ser a vila de Sapucaia; assim, nossa versão confirma a dada para o vocábulo “Sapiranga”; outrossim, confirma que “local onde brota o jôgo e o riso”, sendo a sede da Estância dos pais de Rafael Pinto Bandeira, ela permaneceu na tradição oral como figura de retórica, palavra estruturado pelo próprio brigadeiro, herói da defesa e da conquista, para dar mais ênfase a zombaria de inimigos políticos.

Chamamos, em Botânica, “Sapucaias” as várias espécies vegetais que têm valor econômico, como o “*Lecythus Ollaria*”, da Venezuela; a “*Lecythus Amazonum*”, do Pará; a “*Lecythus Pohlil* de Goiaz; a “*Lecythus Pisonis*”, do Espírito Santo e Minas Gerais; a “*Lecythus Urnigera*”, do Rio de Janeiro e Estados do Sul do Brasil.

Tôdas as espécies dão sementes oleaginosas e comestíveis, contidas nos frutos, que são verdadeiras “*urnas lenhosas*”, que se abrem por um “opérculo”; as urnas lenhosas serviam como pequenas “taças” usadas pelos ameríndios.

A forma atual — Sapucaia — pode encontrar origem na adição direta de

Capucaî a
⏟
Çapucaia ou Sapucaia

Com versão: “Imitar o grito”.

Ainda, aquí, lemos a ironia de Rafael Pinto Bandeira, escrevendo em sentido figurado: “esforçar-se por fazer o que outrem faz”; “falsificar patriotismo”.

Em tupi moderno, na Amazônia, o vocábulo — Sapucaia — (Hartt escreveu — Sapukaia) é nome de gênero de aves galináceas, de crista carnuda e asas curtas: galo, s. m., galinha, fêmea do galo; Provincialismo: “*Má sorte*”.

Na Revista do Museu e Arquivo Público do Rio Grande do Sul, n.º 23, Junho de 1930, estão publicados os “autos principais do Conselho de guerra a que foi submetido o coronel Rafael Pinto Bandeira, no ano de 1780, à pedido próprio. (Página 121, transcreve o requerimento de Rafael Pinto Bandeira).

O nosso grande cabo de guerra, no século XVIII, aquele que mais se impôs a admiração não só da Pátria Brasileira, bem como da Pátria Portuguesa, foi em 1780, remetido preso ao Vice-Rei do Brasil, debaixo de ordem do governador do Rio Grande de São Pedro, o Coronel José Marcelino de Figueiredo.

O ódio, o rancor, a perfídia, a “politicagem” do “grupo dono do poder”, manifesta-se no próprio corpo do processo, quando o auditor de guerra, reinol chegado ao Rio de Janeiro, faz a inquirição.

Nas páginas 128 e 129, encontramos as seguintes linhas:

“Foi perguntado se ele dito Coronel *havia assistido* a dita ação de Santa Barbara; *ao que respondeu que tinha assistido, e tinha sido o Comandante da referida ação.*

Então foi instado em que depozesse do *descaminho de alguns cavalos que havia feito...*”.

Ao que respondeu, “que ele respondente absolutamente não havia tirado da dita ação por descaminho Cavalos alguns, e que só com conseqüência do Governador do Continente trocara duas mulas”.

Foi perguntado “se ele dito Coronel respondente *havia assistido na ação de São Martinho*; respondeu que *havia assistido na dita ação, e tinha sido dela Comandante*”.

Foi então perguntado “porque razão *havia ficado com as eguas*, que se haviam apreendido na dita ação; respondeu “que ficara com as ditas eguas que eram o numero de duzentas e sessenta e cinco (265) por lhe tocarem em conta da sua repartição como consta da partilha dada em conta corrente assinada pelo Escrivão da Provedoria Domingos de Lima Veiga, que apresenta para também se juntar por linha”.

Foi perguntado se ele Coronel respondente, *assistio* na dita ação de Santa Tecla, respondeu, que *assistira a dita ação, e fora dela Comandante*”.

“Então foi perguntado, porque havia dezemcaminhado quatrocentos cavalos...”.

Para bom psicólogo, não existe melhor documentação do que o “Processo de Rafael Pinto Bandeira” para o estudo do ambiente riograndense, na década de 1770 e 1780.

SÃO SEPÉ (25), c. d. *Çe* = partícula do futuro; *pé* = Inspirar, iluminar.

$\underbrace{\text{Çe} \quad \text{pé}}_{\text{Sepé}}$

“Inspirado do futuro”.

“Iluminado do futuro”.

Obsção.: Na Igreja Católica os santos de côr negra, que têm altares na Igreja do Rosário da Ordem dos Pretos, na cidade de São Paulo, são: São Benedito, Santa Efigênia, São Elesbão, Santo Antônio de Catirijó.

Em português existe o vocábulo — Sépio — s. f., que lembra o nome duma substância de côr parda avermelhada escura (côr de pinhão), que se extrai dos Sibas ou Chocos; é muito aplicada na pintura.

São Sepé não recorda nenhum santo canonizado pela Igreja Católica Apostólica Romana; é nome que participa da história e da lenda, no Rio Grande do Sul, recordando a personalidade do *chefe ameríndio José Tiaraiú*, “*Tubichá de São Miguel*”; nome dum pequeno rio, afluente do Vacacaí, duma cochilha, duma cidade e de um município riograndense permanece na memória do homem do campo como símbolo de heroicidade e sacrifício do homem ameríndio; o Tubichá José Tiaraiú

“Era moço e vigoroso,
E mui valente guerreiro:
Sabia mandar manobras
Ou no campo ou no terreiro;

E na cruzada dos perigos
Sempre andava primeiro.

.....
Mas, o lunar de Sepé
Era o rastro procurado
Pelos vassallos dos Reis,
Que o haviam condenado:
Ficando o povo vencido...
E seu haver... conquistado.

Então Sepé foi erguido
Pela Mão de Deus — Senhor,
Que lhe marcara na testa
O signal de seu penhor:...
O corpo ficou na terra...
A alma subiu em flôr...

E subindo para as nuvens,
Mandou aos povos — benção!
Que mandava o Deus-Senhor
Por meio de seu clarão...
E o lunar da sua testa
Tomou no ceu posição...

Eram armas de Castéla
Que vinham do mar de alem;
De Portugal tambem vinham,
Dizendo por nosso bem:
Sepé-Tiaraiú ficou santo
Amen! Amen! Amen!"

Simões Lopes, informa haver colhido esta rapsódia, no ano de 1902, sôbre os limites dos municípios de Cangussú e Encruzilhada, dos lábios de velhíssima mestiza; está publicado no belo livro de Simões Lopes — Lendas do Sul — e no Volume 20, Junho de 1928, da Revista do Museu e Arquivo Público do Rio Grande do Sul (Conferência do sr. Mansueto Bernardi, em 4 de Setembro de 1926).

Traduzimos a expressão — Çe pé José Tiaraiú — como correspondendo rigorosamente:

"José Tiaraiú O iluminado do futuro!"

A morte de José Tiaraiú processou-se em combate, nas proximidades do "Passo do Jacuí", à margem direita, no dia 7 de Fevereiro de 1756; "um cavaleiro português o derrubou juntamente com o cavalo, ferindo-o com a lança", ensina Carlos Teschauer, S. J., na História do Rio Grande do Sul, IIº Volume, página n.º 261.

SANTA LÚCIA DO PIAÍ (38), c. d. de *Pi* = picaduras de formigas; *ai* = eu estou

$\begin{array}{cc} \text{Pi} & \text{ai} \\ \hline & \text{Piaí} \end{array}$

“Local onde estou picado de formigas”.

Santa Lúcia do Piaí era denominada Faria Lemos. A forma — Piaí — pode ser considerada como alteração de — Apiái — com versão espanhola: “Chico circuncidado”, lembrando a circuncisão de N. S. Jesus-Cristo; v. M. 52-53 — II^a P.

SARANDÍ (62), c. d. *Çaraí* = jôgo, olvido; *ndi* = partícula que indica juntamente

$\begin{array}{cc} \text{Çaraí} & \text{ndí} \\ \hline & \text{Çarandí} \\ \hline & \text{Sarandí} \end{array}$

“Lugar onde juntamente existe jôgo e olvido (da moral cristã)”.

“Lugar onde todos jogam”.

Em Botânica — Sarandí — é nome de várias espécies vegetais, como indicamos:

Sarandí branco = *Cephalantus Sarandi* — de Schl.

Sarandí amarelo = *Terminalia australis* — de Camb.

Sarandí de espinho = *Sebastiania hippophaifolia* — de Griseb.

Assim podemos dar a versão: “Lugar do vegetal Sarandí”; “Local onde nasce o sarandí”, que também é conhecido sob nome de “Branquilo”.

Obsção.: O vocábulo — Sarandear — é brasileirismo, v. i.; em português também existe a forma — *Saracotearse*, — *Sarandalhas*, *Sarandalhos*, são vocábulos do provincialismo português correspondendo a expressão adjetivada: “sem talho nem maravalho”; indicam ainda a significação “mal feito de corpo”, “sem jeito para nada”, mal-ajambrado”.

No tupí moderno, ainda falado no Amazonas, ensina Simpson, que o vocábulo — *Çára* — indica *ação*, isto é, *acto* e sujeito que o pratica.

SANTA-CLARA DO INGAÍ (83), c. d. *ĩ* = água, rio; *ngâ* = formação do supino; *ĩ* = no fim do vocábulo significa — estada — estar, bem como, capitão, guia, caudilho.

ĩ ngâ ĩ
 └──────────┘
 Ingaí

“Rio no qual estou desde longo tempo”.

SANANDUVA (179), c. d. Çânâ = mover contínua e violentamente (cousa ou corpo); *nde* = te disse; *uú* = tosse; *a* = imitar.

Çânâ nde uú a
 └──────────┘
 Çânan duúa
 └──────────┘
 Sananduva

Çânâ tem ainda a versão — abanar, abalar, em português; significa bazuquear, chocalhar, no espanhol.

Os conceitos contidos nos diversos vocábulos aglutinados resumem-se:

Imitar + tosse + te disse + movendo contínua e violentamente o corpo; podemos assim concluir: “Local onde canta-se e grita-se, com movimentos desordenados”; talvez em síntese seja possível admitir a versão: “Local de toldaria desordenada”.

SAÍCÃ (253), c. d. Çai = olhos; cã = peito, ubre, têtas.

A análise obtém dois conceitos fundamentais: Têtas + Olhos ou seja “vacas sob vista dos pastores”; “sob olhos determino têtas (vacas)”; “Vacaria”.

Çai cã
 └──────┘
 Çaicã
 └──────┘
 Saicã

SINIMBÚ (257), c. d. Çĩ = mãe natural; *Ynâmbú* = perdiz.

Çĩ ynâmbú
 └──────────┘
 Çĩ nâmbú
 └──────────┘
 Sinimbú

“Mãe natural da perdiz”.

“Perdiz fêmea”.

SÃO JOSÉ DO INHACORÁ (278) c. d. de Inha = *Iñã* = choro; *corá* = corâmī = viver, andar, morar.

Iñã corâmĩ
└──────────┘
Iñã corá
└──────────┘
Inhacorá

“Andar chorando”, isto é, São José (protetor) da Criança (Criança, como símbolo do Menino Jesús; a Imagem de São José traz ao colo o Menino Jesús)”.

A expressão tupí-guaraní *ĩ añã corá*, contém os sons fundamentais do vocábulo — Inhacorá — donde a análise leva a segunda versão, como demonstramos: *ĩ añã* = Rio acima; *corá* = o que está; assim teríamos: “São José do curso superior do rio”.

ĩ añã corá
└──────────┘
Inhacorá

A primeira versão satisfaz ao sentimento religioso católico da povoação; a segunda versão a um conceito de geografia física; somos partidários da segunda versão.

TOROQUÁ (4), c. d. de *Torôro* = chôro acompanhado de dança, pôsto que Montoya dá também a versão — choréa — que é vocábulo médico, significando em medicina a “moléstia de Saint-Guy” ou “doença de São Guido”, afecção do sistema nervoso, que obriga ao paciente a realizar fortes contrações involuntárias dos músculos da face e dos membros, produzindo gestos e atitudes desordenadas; *quaá* = conhecer, saber, qualidade do que é certo.

Torôro quaá
└──────────┘
Torô quaá
└──────────┘
Toroquá

“Local onde com certeza há dansas acompanhadas de chôro”; o nome — Toroquá — lembra, provavelmente, a existência de uma tol-daria, na qual era constante a execução do ritual religioso do ameríndio.

TAPES (43), corrupção do vocábulo — Tapés — nome da tribo ameríndia do Rio Grande do Sul, que ocupava no Século XVII a região serrana; o nome fixou-se na área do município e cidade do mesmo Estado, no Século XIX.

Tapes é c. d. *Ta* = povo; *pé* = advérbio de local, lá, ali, naquele lugar.

Ta pé
⏟
Tapé ou Tape

“Povo naquele lugar (na região serrana, do R. G. S.).
“Povo da região serrana”.

TAPÉRA (57), c. d. de *Ta* = povo; *pûera* = pretérito.

Ta pûera
⏟
Tapéra

“Lugar onde esteve povo”.

TAMANDARÉ (60), c. d. de Tamanduá = Urso formigueiro;
aré = c. d. *a*, dia + *ré*, depois, isto é, “depois do dia” ou “à noite”.

Tamânduá aré
⏟
Tamanduaré
⏟
Tamandarě

O mamífero que come formigas, durante à noite, foi chamado *Tamânduá aré* pelos ameríndios; é sinônimo de Tamanduá-Bandeira, mamífero, desdentado, mirmecofagídeo, corpo peludo, sem couraça óssea, cabeça alongada, maxilares desdentados; também é conhecido pelo nome de Tamanduá-Açú e Tamanduá-Cavalo; nome científico: *Myrmecophaga jubata*”.

A colheita das formigas pelo “Tamanduá aré” é feita com a língua, que é estirada cerca de 40 cm., no interior do canal de entrada do formigueiro.

O motivo próximo do nome da localidade constitue homenagem cívica ao Barão de Tamandaré, glória da Marinha Brasileira, na Campanha do Paraguai.

TUPANCIRETĀ (94), c. d. de *Tupâçĩ* = Mãe de Deus; *rě* = depois; *tã* = vocativo.

Tupâçĩ rě tã
⏟
Tupaciretã
(Grafia exata)

“Lugar dedicado posteriormente a Mãe de Deus”.

TOROPÍ (97), c. d. Torôrô = choro; pí = picadura de formigas.

Local onde “choro, por sofrer picaduras de formigas”, provavelmente em sentido figurado, indicando local de formigueiros, que impediam os trabalhos da agricultura.

$$\begin{array}{c} \text{Torôrô} \quad \text{pí} \\ \hline \text{Tororopí} \\ \hline \text{Toropí} \end{array}$$

TAQUARICHIM (136), c. d. de *Taquâ rĩ* = Canas de Castela, espécie de taquara; chinĩĩ = trinado da voz.

$$\begin{array}{c} \text{Taquâ} \quad \text{rĩ} \quad \text{chinĩĩ} \\ \hline \text{Taquâ} \quad \text{rĩ} \quad \text{chinĩ} \\ \hline \text{Taquarichim} \end{array}$$

“Trinado da voz em Canas de Castela”.

“Flauta de taquara”.

TAQUARAL (227), alteração de — *Taquâ tĩba* — expressão tupi-guaraní registada por Montoya, para indicar o “Lugar onde crescem canas”, sem dúvida, da espécie que tem o nome americano de — Taquara.

A forma — taquaral — é um brasilerismo mais que secular.

TAÍM, (241), é alteração da expressão tupi-guaraní “Taĩ moôâng”, que tem a versão “Cousa pequena em que penso”; — é o nome consagrado a um pequeno riacho, importante como limite entre os territórios das antigas colônias portuguesa e espanhola na América do Sul.

$$\begin{array}{c} \text{Taĩ} \quad \text{moôâng} \\ \hline \text{Taĩmô} \\ \hline \text{Taím} \end{array}$$

“Cousa pequena em que penso”.

“Riacho em que penso”.

Em sentido figurado — “Arroio da linha de demarcação que desejo”.

TABATINGAÍ (251), c. d. *Tába* = Ta = povo, no sentido habitantes da povoação; *tỹ* = enterrar; *quai* = colo ou pescoço, em sentido figurado, regaço.

Tába	tỹ	quai
└──────────┘		
Tabatin	guai	
└──────────┘		
Tabatingái		

A estrutura do vocábulo analisado permite a versão:

“Regaço para enterrar o povo (o habitante da povoação)”.

A palavra “regaço” considereí como sinônimo de vestimenta, recordando a matéria-prima que utilizavam os ameríndios para a construção das urnas funerárias; assim ao barro branco chamavam Tobâtí e ao barro vermelho denominavam Tapýtã.

O vocábulo — Tabatingái — pode representar a mistura de barro branco e barro avermelhado, em processo de trabalho manual, quando utilizado na preparação da urna funerária.

TUCUNDUVA (287), c. d. *túcûm* = tucúmbaĩ = palmeira; *ndí* = juntamente; *ubá* = uvas, frutos.

Túcûmbaĩ	ndí	ubá
└──────────┘		
Túcûm	ndí	ubá
└──────────┘		
Túcûmdúbá		
└──────────┘		
Tucunduva		

Túcûmbaĩ é o nome duma palmeira, de cuja palma o ameríndio fazia flechas; — da casca muito dura dos frutos — túcûm fabricavam-se anéis e outros objetos de adôrno; suas amêndoas fornecem uma espécie de “manteiga vegetal”, muito apreciada.

O emprêgo do vocábulo — ndí — resultou da observação de que os espinhos do estipe desta palmeira formam densas corôas; os espinhos enquanto novos são envolvidos pelas bainhas das fôlhas e são estreitamente presos ao estipe.

TÔPÁRENDÍ (289) Ex-Belo-Centro, — c. d. *Tûpã* = Deus; *re* = depois; *ndí* = juntamente; o vocábulo ndíbé foi usado por Montoya, como sendo formado de *ndí* e *bé*, para indicar uma situação de companhia e de movimento; *ndí* usado como sufixo indica situação de companhia.

$$\begin{array}{c} \text{Tûpã} \quad \text{re} \quad \text{ndíbê} \\ \hline \text{Tûpã} \quad \text{re} \quad \text{ndí} \\ \hline \text{Tûpãrendí} \end{array}$$

“Local onde irei depois para Deus”.

“Lugar da glória”.

TRAMANDAÍ (303), corrupção de *Teramandii*, que é c. d. de *Tera* = nome, fama boa e má; *mandii* = bagre, espécie de peixe.

$$\begin{array}{c} \text{Tera} \quad \text{mandii} \\ \hline \text{Tramandii} \\ \hline \text{Tramandaí} \end{array}$$

“Lagoa de abundância de bagre e de má fama (perigosa)”.

Obsção.: Montoya registou a fama — *Teraquandaí* que é c. d. de *Tera* = fama boa e má; *qua* = poço; *nda* = não; *y* = arrebatado; sua versão é: “não arrebatado o poço (lagoa) da boa e má fama”.

TIARAJÚ (313) corrupção de *Tiarayû*, que é c. d. de *Ti* = estar, costume; *ara* = dia; conceito abstrato de tempo; *yû* = acontecer.

$$\begin{array}{c} \text{Tî} \quad \text{ara} \quad \text{yû} \\ \hline \text{Tîarayû} \\ \hline \text{Tiarajû} \\ \hline \text{Tiaraiú} \end{array}$$

Os conceitos do vocábulo — Tiarajú — analisado nos temas de estrutura — são: “acontecer — século — estar”, logo recorda o nome da personalidade que “*está no grande acontecimento do século*”, isto é, o tubichá José Tiarajú, que teve saliente papel na luta contra portugueses e espanhóis, no século XVIII.

Obsção.: O vocábulo — Tî — pode ter a versão — coisa levantada — como ensina Montoya, in dicionário, pág. 388; no caso de pessoa, combinando os conceitos dos outros temas estruturais, podemos traduzir por — “*chefe rebelde*” = pessoa levantada contra os demarcadores da fronteira, assim — Tîarayû — tem a versão direta “*Caudilho da rebelião do século*”.

TAQUARA (57), c. d. de Taquâ = canas; *ratĩ* = maciças.

Taquâ ratĩ
 └─────────┘
 Taquaratĩ
 └─────────┘
 Taquara

“Canas maciças”.

Obsção.: Houve perda da sílaba final.

TAQUARÍ (371), c. d. de Taquâ = canas ôcas, *rĩ* = *rehé* = comigo — consigo.

Taquâ rĩ
 └─────────┘
 Taquârĩ
 └─────────┘
 Taquarí

A palavra Taquarí lembra a locução substantivada — Taquâ *rĩ* — cuja versão é “Canas de Castela”, como ensina Montoya, in *Dicionário*, pág. 355/349; outrossim, Montoya, in pág. 510, dá a forma Taquarĩ, como correspondendo ao vocábulo espanhol — “Zerbatana”, que admito corresponder ao vocábulo português — Zarabatana — s. f., tubo comprido pelo qual se impelem setas e bolinhas, com o sôpro.

“*Lugar das canas ôcas*”.

UMBÚ 1(40), E' forma registada por Montoya, com indicação seguinte: “Arbolillo conocido”.

Não obstante a informação do mestre, submetemos o vocábulo em estudo, já estruturado no Século XVI, ao exame dos temas que supomos aglutinados. Assim admitimos, que *Umbú* é c. d. de *U* = comer, beber; *mbú* = mbucú = grande, largo (vide *Pucú*).

U mbúcú
 └─────────┘
 U mbú
 └─────────┘
 Umbú

“*Arvore grande de (altura) e larga (ramada) (sob cuja sombra) cômô e bebo*”.

UPAMOROTÍ (188), c. d. de *Upé* = partícula do dativo no tupí-guaraní, o mesmo que “para”; *Môrôti* = branco.

Upé môrôti
 Upémôrôti
 Upámôrôti
 Upamorotí

“Local para o branco”.

ALTO-URUGUAI (212), expressão substantiva própria e híbrida formada pela palavra — *Alto* — s. m. português e que também pode ser considerado com advérbio de lugar, “na parte mais alta do Rio Uruguai”; *Uruguai* = I’ryiugay, forma inscrita no mapa do Padre Luiz Ernot, S. J. ano de 1631-1632, para a qual atribuímos a versão “Rio que abrange (a região) onde o padre parou” ou “Água que banha o vale onde o padre ampara”, bem como, em síntese, podemos dizer: “*Rio das Missões*”.

No mapa n.º 4 da Coleção do Museu Paulista, que admitimos ser anterior ao ano de 1722, o nome de tal acidente geográfico era escrito da seguinte maneira:

Rio Vruxig ou *Rio das Missões dos P. Pes.*
 Analisando o vocábulo *Vruxig* temos:

Vruxig = Uruxig
 Vruxig = U + ru + xig

Vejo a letra U, pôsto que o tupí-guaraní não tem a letra V, como indicando uma idéia de cousa natural que separa, sem desunir ou fragmentar; as letras V e U representam, em grafia simbólica, a secção transversal de vales e rios.

O vocábulo — *Ru* — em idioma tupí-guaraní, ainda hoje falado, em Corrientes, Província da República Argentina, tem a significação de — *Padre*.

Ao grupo de letras — *Xig* — admito como corrupção gráfica do vocábulo tupí-guaraní — *Acigc* — que é forma sintética correspondente à expressão portuguesa, seguinte: “abranger o que se reparte”, como ensina o professor Plinio Airoso, da Universidade de São Paulo.

Sendo a forma “acigc” maior que “cig” e esta última podendo ser representada por “xig”, como figura fonética, compreenderemos a significação do topônimo *Uruxig*.

Uruacigc > Urucig.
 Urucig = Uruxig

Versão: “Rio que separa o que o Padre reparte;

“Rio que corre entre as Missões”;

“Rio das Missões dos Padres”.

A forma atual — Uruguai — conserva-se, na toponímia americana austral, como testemunho da inteligência do civilizador cristão, dando-nos conhecimentos mais exatos da voz do “homem americano”, afirmando as relações de exterioridades do mundo objetivo e a nobre harmonia de atitudes sociais para a grandeza da América, na obediência aos Evangelhos — (Vide Rev. I. H. G. R. G. S. II Trimestre — Ano XX).

URUGUAIANA (375), c. d. do vocábulo tupi-guarani — *Uruguai* — com o sufixo português — *ana* — cuja função é exprimir o gênero da palavra; s. f., hibridismo; a cidade de Uruguiana é sede do Município de igual nome, criado pela lei n.º 898, de 6 de Abril de 1874.

Uruguai + ana = Uruguiana.

VACAIQUÁ (98), c. d. de *U* = Ir e Vir; *acá* = pendência, briga; *ĩ* = estada, estar; *quâ* = “passar adiante, deixando atrás outros”.

U	acá	ĩ	quâ
└──────────┘			
Vacá	ĩ	quâ	
└──────────┘			
Vacaiquá			

“Lugar onde estive várias vezes para a luta, passando adiante (vencendo)”.

VACACAI (312), c. d. de *U* = Ir e Vir; *a* = em composição tem significação de imitar; *cá cá* = chegar ou acercar; *í* = apoderar-se de alguma cousa contra a vontade de outrem, tirar, arrebatat.

U	a	cá	cá	í
└──────────┘				
Vacá		caí		
└────────┘				
Vacacai				

“Local conquistado com repetidas ações”.

O vocábulo — Vacacai — recorda na toponímia americana as ações cívico-militares de Rafael Pinto Bandeira — que pelo interior continuava a bater-se com brio, tendo sido êle o iniciador da gloriosa campanha (1773-1777), “queria também ser quem a fechasse com valor”.

Do nosso pequeno ensaio concluímos que à observação e à intuição de Anchieta e de Montoya devemos o conceito de um idioma americano, amplamente estendido no campo das investigações científicas da linguística, nos dois primeiros séculos de colonização, determinando que as deficiências primitivas fôsem anuladas, para melhor aplicação de novo método cultural de civilização, o da unidade de idioma de uma Pátria; importa é reconhecer a *humanidade integral* do processo linguístico de Anchieta e de Montoya, assegurando o aperfeiçoamento biológico e moral do homem ibirapitanguense, conseguindo a sua incorporação no progresso.

Abril — 21 — 1941

Pôrto Alegre

Praça Garibaldi, 68



BIBLIOGRAFIA

- 1 — Arte de la lengua guaraní, ó mas bien tupí por el P. Antonio Ruiz de Montoya — Edição 1876. Viena — Faesy e Frick; Paris — Maisonneuve y Cia. Editor V. de P. S.
- 2 — Vocabulario y tesoro de la lengua guarani, ó mas bien tupi por el P. Antonio Ruiz de Montoya — Edição de 1876 — Viena — Faesy e Frick; Paris — Maisonneuve y Cia. Editor V. de P. S.
- 3 — Nota sôbre a língua geral ou Tupí moderno do Amazonas pelo prof. Ch. Fred Hartt, in Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. Volume LI — Ano de 1938.
- 4 — Vocabulário da língua brasílica — Manuscrito português-tupí do Século XVII, coordenado e prefaciado por Plínio Ayrosa — São Paulo — D. C. 1938.
- 5 — Têrmos tupís no português do Brasil — Plínio Ayrosa — D. C. — São Paulo — 1937.
- 6 — O Caderno da Língua de Fr. Arronches — Vocabulário português-tupí — Plínio Ayrosa — D. C. — São Paulo — 1935.
- 7 — Revista da Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro — Artigo: “As letras *F*, *L* e *R*, entre os nomes ameríncolas” pelo dr. M. Tenorio d’Albuquerque — Tomo XLVI — Ano 1939.
- 8 — Dos índices de relação determinativa de posse no tupí-guaraní — Plínio Ayrosa — D. C. São Paulo — 1938.
- 9 — Gramática da Língua Brasileira (Brasílica, Tupí ou Nheén-gatú) por Pedro Luiz Simpson — 2.^a Edição — Rio — 1925 — Impressores: Fernandes, Neiva & Cia.

- 10 — Dicionário da língua tupí (chamada língua geral dos indígenas do Brasil) — A. Gonçalves Dias — Revista da Língua Portuguesa — Publicação de Laudelino Freire — Rio de Janeiro.
- 11 — Sociedade gaúcha — pelo General João de Deus Martins, in III e IV volumes, ano 1925, da Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul — Pôrto Alegre.
- 12 — Língua abá-ñeên pelo General João de Deus Martins, in III e IV volumes, ano de 1927, da Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul — Pôrto Alegre.
- 13 — Língua Guaraní e o Ven. P. Roque Gonzales pelo R. P. Carlos Teschauer, S. J., in III e IV volumes, ano 1921, da Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul — Pôrto Alegre.
- 14 — Vocabulário indígena na geografia riograndense pelo Coronel Souza Doca (in I e II volumes, ano 1924, da Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul — Pôrto Alegre.
- 15 — Vocabulário Tupí na geografia riograndense pelo Coronel Souza Doca, in III e IV volumes, ano 1921, da Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul — Pôrto Alegre.
- 16 — O Tupí na Geografia Nacional por Teodoro Sampaio — 1.^a Edição — Rio de Janeiro.
- 17 — O Minuano na toponímia riograndense por Aurelio Porto — in III volume, ano 1938, da Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul — Pôrto Alegre.
- 18 — Artefactos indígenas por Francisco Rodolfo Simch, in III e IV volumes, ano 1923, da Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul — Pôrto Alegre.
- 19 — Os Caíngang ou Coroados no Rio Grande do Sul pelo R. P. Carlos Teschauer, in Boletim do Museu Nacional, volume III, n.º 3, ano de 1927.
- 20 — Etnografia da Província do Uruguai — A. Serrano — República Argentina.

- 21 — La Gramatica Yunga — F. de La Cabrera — Edição do Instituto de Antropologia da Universidade de Tucuman — Republica Argentina — 1939.
- 22 — Diario Rezumido e Histórico (Relação Geográfica das marchas, e observações Astronômicas, com algumas notas sobre a História Natural, do País — Capitania de São Pedro por José Saldanha — 1786-1787. Publicada nos Anais B. N. do R. J. — Volume LI — 1938.
- 23 — Origem guaraní-túpicas do Português falado no Brasil. Apolinário Porto Alegre. Publicado na Revista do I. H. G. R. G. S. — IIIº e IVº Trimestres — 1921.
- 24 — Compendio noticioso do Continente do Rio Grande de S. Pedro até o Destrito de Santa Catarina, por Francisco João Roscio, concluido em Lisbôa, aos 21 de Junho de 1781, extraído dos diários, observações e noticias nos anos de 1774-1775 — In cópia datilografada feita por Aurelio Porto, a quem devo a gentileza de haver lido trabalho ainda inédito, em o periodo de 30 de Maio a 3 de Junho de 1940.
- 25 — Correspondência dos Governadores do Continente do Rio Grande de São Pedro — In Arquivo Público do Estado — Anos de 1751 a 1790.
- 26 — La Hoya del Amazonas por Daniel Ortega Ricaurte — Bogotá — Republica da Colombia — Tipografia Salesiana — 1938.
- 27 — Arte de Gramática da Língua mais usada na Costa do Brasil feita pelo P. Joseph de Anchieta — Em Coimbra per Antonio de Mariz — 1595 — Edição da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro — 1933.
- 28 — Vocabulário Guaraní — Quirino Nunes Pereira — 1932 — São Luiz — R. G. S. Edição da Papelaria 5 de Maio.
- 29 — Lenguas e Dialectos Arawak (Apuntes) por el Prof. S. Perea y Alonso — Montevideo — 1937 — Edição: A. Monteverde y Cia.

**“Quadro da Divisão Territorial
do Estado do Rio Gr. do Sul”
Ano 1941**

Anexo “**TOPONÍMIA TUPÍ-
GUARANÍ**” — Prof. J. A. L.
Tupí Caldas

N O M E N C L A T U R A

Número de ordem	Municípios — Cidades (com zonas) — Vilas (com zonas)	Categorias
1	ALEGRETE: 1. ^a Zona — Alegrete (Sede) 2. ^a Zona — Conceição 3. ^a Zona — Passo do Firmin (Ex- Dustasnal) 4. ^a Zona — Vasco Alves (Ex-Boa Vista 5. ^a Zona — Inhanduí	Munic. 1. ^o T — 1. ^a C. Cidade Vila
2	Passo Novo	
3	SÃO FRANCISCO DE ASSIS: 1. ^a Zona — São Francisco de Assis (Sede) 2. ^a Zona — Kraemer 4 Toroquá (ex-Vila Farroupilha) .. 5 Manuel Viana (ex-Passo Novo) ... 6 Beluno (ex-Pinheiro Bonito)	Munic. 2. ^o T — 1. ^a C. Cidade Vila Vila Vila
7	BAGÉ: 1. ^a Zona — Bagé (Sede) 2. ^a Zona — Olhos d'Água (ex-En- cruzilhada) 3. ^a Zona — Palmas 8 Rio Negro 9 Seival	Munic. 3. ^o T — 2. ^a C. Cidade Vila Vila Vila
10	Aceguá (ex-Coxilha Sêca): 1. ^a Zona — Aceguá 2. ^a Zona — Tupí Silveira (ex-Passo do Salso)	 Vila
11	José Otávio (ex-São Domingos): ... 1. ^a Zona — José Otávio 2. ^a Zona — Pirai (ex-Passo do Vio- la)	Vila
12	BENTO GONÇALVES: 1. ^a Zona — Bento Gonçalves (Sede) 2. ^a Zona — Faria Lemos 13 Monte Belo 14 Pinto Bandeira (ex-Nova Pompéia) 15 Santa Teresa	Munic. 4. ^o T — 3. ^a C. Cidade Vila Vila Vila

N O M E N C L A T U R A

Número de ordem	Municípios — Cidades (com zonas) — Vilas (com zonas)	Categorias
16	ALFREDO CHAVES:	Munic. 5.º T — 3.ª C.
	Zona da Sede — Alfredo Chaves ..	Cidade
17	Cotipcrã (ex-Monte Vêneto)	Vila
18	Fagundes Varela (ex-Bela Vista) ..	Vila
19	GARIBALDI:	Munic. 6.º T — 3.ª C.
	Zona da Sede — Garibaldi	Cidade
20	Carlos Barbosa	Vila
21	Florianô Peixoto	Vila
22	Daltro Filho (ex-Ipiranga)	Vila
23	CAÇAPAVA:	Munic. 7.º T — 4.ª C.
	1.ª Zona — Caçapava	Cidade
	2.ª Zona — Carajá (ex- Seival)	
	3.ª Zona — Serro do Martim (ex-Camaquã)	
	4.ª Zona — Forninho (ex-Durasnal)	
24	Santana da Boa Vista:	Vila
	1.ª Zona — Santana da Boa Vista	
	2.ª Zona — Pessegueiro	
25	SÃO SEPÉ:	Munic. 8.º T — 4.º C.
	1.ª Zona — São Sepé (Sede)	Cidade
	2.ª Zona — Cerrito d'Ouro	
	3.ª Zona — Jazidas (ex-Santa Bárbara)	
	4.ª Zona — Mata Grande (ex-São João)	
26	Formigueiro	Vila
27	CACHOEIRA:	Munic. 9.º T — 5.ª C.
	1.ª Zona — Cachoeira (Sede)	Cidade
	2.ª Zona — Caponé	
	3.ª Zona — Barro Vermelho	
28	Restinga Sêca	Vila
29	Dona Francisca	Vila
30	Agudo	Vila
31	Cêrro Branco	Vila
32	Paraíso	Vila

N O M E N C L A T U R A

Número de ordem	Municípios — Cidades (com zonas) — Vilas (com zonas)	Categorias
33	CAÍ (ex-São Sebastião do Caí):	Munic. 10.º T — 6.ª C.
	Zona da Sede — Caí	Cidade
34	São José do Hortêncio	Vila
35	Nova Petrópolis	Vila
	Capela (ex- Santana do Rio dos Sinos)	Vila
36	Feliz (ex-Júlio de Castilhos)	Vila
37	Santa Lúcia do Piaí (ex-Faria Lemos)	Vila
38	Portão	Vila
39	Portão	Vila
40	Nova Palmira	Vila
41	CAMAQUÃ (ex-S. João do Camaquã):	Munic. 11.º T — 7.ª C.
	1.ª Zona — Camaquã (Sede)	Cidade
	2.ª Zona — Capela Velha (ex-São João Velho)	
	3.ª Zona — São Braz (ex-colônia São Braz)	
	4.ª Zona — Bonito (ex-Galpões)	
	5.ª Zona — Santa Augusta	
	6.ª Zona — Pacheca	
42	Paraguassú	Vila
43	TAPES:	Munic. 12.º T — 7.ª C.
	Zona da Sede — Tapes	Cidade
44	Vasconcelos (ex-Dôres de Camaquã)	Vila
45	Cêro Grande ex-colônia Rio Grande)	Vila
46	CANDELÁRIA:	Munic. 13.º T — 8.ª C.
	1.ª Zona — Candelária (Sede) ...	Cidade
	2.ª Zona — Palmital (ex-7 de Setembro)	
47	Botucaraí	Vila
48	SOBRADINHO (ex-Jacuí):	Munic. 14.º T — 8.ª C.
	1.ª Zona — Sobradinho (Sede) ...	Cidade
	2.ª Zona — Passa Sete (ex-Povoado Sobradinho)	
49	São Paulo (ex-Povoado São Paulo):	Vila
	1.ª Zona — São Paulo	
	2.ª Zona — Nova Boêmia	
50	Arroio do Tigre	Vila

N O M E N C L A T U R A

Número de ordem	Municípios — Cidades (com zonas) — Vilas (com zonas)	Categorias
51	CANGUSSÚ:	Munic. 15.º T — 9.ª C.
	1.ª Zona — Cangussú (Sede)	Cidade
	2.ª Zona — Iguatemi	
	3.ª Zona Cochilha do Fogo	
	4.ª Zona — Cochilha dos Piégas (ex-Rincão dos Bravos)	
	5.ª Zona — Armada	
52	Freire	Vila
53	Cerrito	Vila
54	PIRATINÍ:	Munic. 16.º T — 9.ª C.
	1.ª Zona — Piratini (Sede)	Cidade
	2.ª Zona — Ferreira	
	3.ª Zona — Pedregal	
	4.ª Zona — Passo do Graciano (ex- Boa Vista)	
	5.ª Zona — Fachina	
55	CARAZINHO:	Munic. 17.º T — 10.ª C.
	Zona da sede — Carazinho	Cidade
56	Não me Toque	Vila
57	Tapéra	Vila
58	Selbach	Vila
59	Bôa Esperança	Vila
60	Tamandaré	Vila
61	Cochinho	Vila
62	SARANDÍ:	Munic. 18.º T — 10.ª C.
	Zona da sede — Sarandí	Cidade
63	Rondinha	Vila
64	Benjamin Constant	Vila
65	Nonoai	Vila
66	CAXIAS:	Munic. 19.º T — 11.ª C.
	Zona da sede — Caxias	Cidade
67	São Marcos	Vila
68	Galópolis	Vila
69	Ana Rech	Vila
70	Sêca	Vila
71	FLÔRES DA CUNHA:	Munic. 20.º T — 11.ª C.
	Zona da sede — Flores da Cunha	Cidade
72	Nova Padua	Vila
73	Otávio Rocha	Vila

N O M E N C L A T U R A

Número de ordem	Municípios — Cidades (com zonas) — Vilas (com zonas)	Categorias
74	FARROUPILHA:	Munic. 21.º T — 11.ª C.
	Zona da sede — Farroupilha	Cidade
75	Jansen (ex-Flores da Cunha)	Vila
76	Cajuru (ex-Nova Sardenha)	Vila
77	Emboabas (ex-Nova Milão)	Vila
78	ANTÔNIO PRADO:	Munic. 22.º T — 11.ª C.
	Zona da sede — Antônio Prado ..	Cidade
79	Guararapes (ex-Nova Roma)	Vila
80	CRUZ ALTA:	Munic. 23.º T — 12.ª C.
	1.ª Zona — Cruz Alta (Sede)	Cidade
	2.ª Zona — Três Capões	
81	Cadeado	Vila
82	Alfredo Brener (ex-Rincão Sefrin)	Vila
	Santa Clara do Ingaí (ex-Santa Clara)	Vila
83		Vila
84	Santa Bárbara	Vila
85	Ibirubá (ex-Gal. Câmara ou ex-Gal. Osório)	Vila
86	Pindorama (ex-Neu-Würtemberg) ..	Vila
87	Rio Branco	Vila
88	Quinze de Novembro	Vila
89	JÚLIO DE CASTILHOS:	Munic. 24.º T — 12.ª C.
	Zona da sede — Júlio de Castilhos	Cidade
90	Ivorá (ex-Nova-Udine)	Vila
91	Nova Palma	Vila
92	Pinhal Grande	Vila
93	Quevedos (ex-Igrejinha)	Vila
94	TUPANCIRETÃ:	Munic. 25.º T — 12.ª C.
	Zona da sede — Tupanciretã	Cidade
95	Inconfidência (ex-24 de Abril)	Vila
96	Jari:	Vila
	1.ª Zona — Jari	
	2.ª Zona — São Bernardo	
97	Toropi	Vila

N O M E N C L A T U R A

Número de ordem	Municípios — Cidades (com zonas) — Vilas (com zonas)	Categorias
98	DOM PEDRITO: 1. ^a Zona — Dom Pedrito (Sede).. 2. ^a Zona — Caveiras 3. ^a Zona — Vacaiquá 4. ^a Zona — Ponche Verde 5. ^a Zona — Fontoura (ex-Santa Maria Grande)	Munic. 26.º T — 13. ^a C. Cidade
99	São Sebastião	Vila
100	LAVRAS: Zona da sede — Lavras	Munic. 27.º T — 13. ^a C. Cidade
101	Ibaré	Vila
102	ENCRUZILHADA: 1. ^a Zona — Encruzilhada (Sede).. 2. ^a Zona — Coronel Prestes (ex-Figueira) 3. ^a Zona — Pompeu Machado (ex-Camaquã) 4. ^a Zona — Capitão Noronha (ex-Piqueri)	Munic. 28.º T — 14. ^a C. Cidade
103	Patrocínio	Vila
104	Don Feliciano (ex- São Feliciano): 1. ^a Zona — Don Feliciano 2. ^a Zona — Gaspar Simões (ex-Herval)	Vila
105	GUAPORÉ: Zona da sede — Guaporé	Munic. 29.º T — 15. ^a C. Cidade
106	Casca (ex-São Luiz de Cáscara).. 107 Mussum (ex-General Osório) 108 Vespaziano Corrêa	Vila Vila Vila
109	Dois Lageados	Vila
110	Oeste (ex-Borges de Medeiros) ..	Vila
111	Maria (ex-Júlio do Castilhos)	Vila
112	São Domingos	Vila
113	Serafina Corrêa	Vila
114	Mauá	Vila
115	Montaurí	Vila

N O M E N C L A T U R A

Número de ordem	Municípios — Cidades (com zonas) — Vilas (com zonas)	Categorias
116	PRATA:	Munic. 30.º T — 15.ª C.
	Zona da sede — Prata	Cidade
117	Silva Pais (ex-Nova Bassano) ...	Vila
118	Augusto Severo (ex-Vista Alegre)	Vila
119	Araçá	Vila
120	Paraí (ex- Flores da Cunha)	Vila
121	Protásio Alves	Vila
122	IJUÍ:	Munic. 31.º T — 16.ª C.
	1.ª Zona — Ijuí (Sede)	Cidade
	2.ª Zona — Dr. Bozano	
123	Dr. Pestana	Vila
124	Ajuricaba (ex-Linha 19)	Vila
	1.ª Zona — Ajuricaba	
	2.ª Zona — Capão Bonito	
125	ITAQUÍ:	Munic. 32.º T — 17.ª C.
	Zona da sede — Itaquí	Cidade
126	Recreio:	Vila
	1.ª Zona — Recreio	
	2.ª Zona — Bororé (ex-Itao)	
	3.ª Zona — São Canuto	
127	JAGUARÃO:	Munic. 33.º T — 18.ª C.
	1.ª Zona — Jaguarão (Sede)	Cidade
	2.ª Zona — Juncal	
	3.ª Zona — Telho	
128	ARROIO GRANDE:	Munic. 34.º T — 18.ª C.
	1.ª Zona — Arroio Grande (Sede)	Cidade
	2.ª Zona — Costa do Arroio Grande	
	3.ª Zona — Chasqueiro	
129	Olimpo (ex-Paraíso)	Vila
130	Santa Izabel	Vila
131	HERVAL:	Munic. 35.º T — 18.ª C.
	1.ª Zona — Herval (Sede)	Cidade
	2.ª Zona — Arroio Mau (ex-Arroio Malo)	
132	Basílio	Vila

N O M E N C L A T U R A

Número de ordem	Municípios — Cidades (com zonas) — Vilas (com zonas)	Categorias
133	JAGUARÍ:	Munic. 36.º T — 19.ª C.
	Zona da sede — Jaguarí	Cidade
134	Nova Esperança	Vila
135	Ijucapirama (ex-Linha 14)	Vila
136	Taquarichim	Vila
137	SÃO VICENTE:	Munic. 37.º T — 19.ª C.
	Zona da sede — São Vicente	Cidade
138	Mata:	Vila
	1.ª Zona — Mata	
	2.ª Zona — Demétrio Ribeiro (ex-Taquarichim)	
139	Clara	Vila
140	Umbú	Vila
141	JOSÉ BONIFÁCIO:	Munic. 38.º T — 20.ª C.
	Zona da sede — José Bonifácio ..	Cidade
142	Marcelino Ramos	Vila
	Severiano de Almeida (ex-Nova Itália)	
143	Paulo Bento	Vila
144	Barro	Vila
145	Princesa Izabel (ex-13 de Maio) ..	Vila
146	Rio Novo	Vila
147	Quatro Irmãos	Vila
148	São Valentim	Vila
149	Viadutos	Vila
150	Carlos Gomes (ex-Nova Polônia) ..	Vila
151	Cotegipe	Vila
152		
153	GETÚLIO VARGAS:	Munic. 39.º T — 20.ª C.
	Zona da sede — Getúlio Vargas ..	Cidade
154	Erebango	Vila
155	Charrua	Vila
156	LAGEADO:	Munic. 40.º T — 21.ª C.
	Zona da sede — Lageado	Cidade
157	Santa Clara	Vila
	Progresso (ex-São Francisco do Gramado)	
158	Sério	Vila
159	Marques de Souza	Vila
160	Cruzeiro do Sul (ex-São Gabriel da Estrêla)	Vila
161	Fão (ex-Bela Vista do Fão)	Vila
162		

N O M E N C L A T U R A

Número de ordem	Municípios — Cidades (com zonas) — Vilas (com zonas)	Categorias
163	ARROIO DO MEIO:	Munic. 41.º T — 21.ª C.
	Zona da sede — Arroio do Meio ..	Cidade
164	Tiradentes (ex-Nova Bréscia)	Vila
	1.ª Zona — Tiradentes	
	2.ª Zona — Pouso Novo	
165	ENCANTADO:	Munic. 42.º T — 21.ª C.
	Zona da sede — Encantado	Cidade
166	Anta Gorda	Vila
167	Ilópolis (ex-Itapuca)	Vila
168	Putinga	Vila
169	Revaldo (ex-Gramado)	Vila
170	Arvorezinha (ex-Figueira)	Vila
171	ESTRÊLA:	Munic. 43.º T — 21.ª C.
	Zona da sede — Estrêla	Cidade
172	Ouro Branco (ex-Pinheiro Machado)	Vila
173	Roca Sales	Vila
174	Corvo	Vila
175	Teutônia	Vila
176	LAGOA VERMELHA:	Munic. 44.º T — 22.ª C.
	Zona da sede — Lagoa Vermelha	Cidade
177	Barracão	Vila
178	André da Rocha	Vila
179	Sananduva	Vila
180	Clemente Argolo	Vila
181	Cacique Doble	Vila
182	Paim Filho	Vila
183	Caseiros (ex-Caseros)	Vila
184	Machadinho (ex-Pinhal Machadinho)	Vila
185	Maximiliano de Almeida	Vila
186	São José	Vila
187	Vazulmiro Dutra	Vila

N O M E N C L A T U R A

Número de ordem	Municípios — Cidades (com zonas) — Vilas (com zonas)	Categorias
188	LIVRAMENTO (ex-Santana do Livramento):	Munic. 45.º T — 23.ª C.
	1.ª Zona — Livramento (Sede) ..	Cidade
	2.ª Zona — Upamoroti	
	3.ª Zona — Ibicuí	
189	Porteirinha (ex-Conceição):	Vila
	1.ª Zona — Porteirinha	
	2.ª Zona — São Diogo	
	3.ª Zona — Espinilho (ex-Parada Espinilho)	
	4.ª Zona — Catí (ex-Vista Alegre)	
190	MONTENEGRO (ex-São João de Montenegro)	Munic. 46.º T — 24.ª C.
	Zona da sede — Montenegro	Cidade
191	Maratá	Vila
192	Harmonia	Vila
193	Barão	Vila
194	Bom Princípio	Vila
195	São Salvador (ex-Estação São Salvador)	Vila
196	São Venderlino	Vila
197	Natal (ex-São Salvador)	Vila
198	Brochier	Vila
199	Poço das Antas	Vila
200	Parecí Novo	Vila
201	PALMEIRA:	Munic. 47.º T — 25.ª C.
	Zona da sede — Palmeira	Cidade
202	Campo Novo	Vila
203	Santo Augusto	Vila
204	Liberdade (ex-7 de Setembro)	Vila
205	Três Passos	Vila
206	Redenção (ex-Guarita)	Vila
207	Herval Sêco	Vila
208	Fortaleza	Vila
209	Frederico Westfalen	Vila
210	Tesouras	Vila
211	Santa Terezinha	Vila
212	Alto Uruguai	Vila

NOMENCLATURA

Número de ordem	Municípios — Cidades (com zonas) — Vilas (com zonas)	Categorias
213	IRAÍ:	Munic. 48.º T — 25.ª C.
	1.ª Zona — Ijuí (Sede)	Cidade
	2.ª Zona — Alpestre	
	3.ª Zona — Rio dos índios (ex-Gramado)	
214	Prado	Vila
215	PASSO FUNDO:	Munic. 49.º T — 26.ª C.
	Zona da Sede — Passo Fundo ...	Cidade
216	Campo do Meio	Vila
217	Cochilha	Vila
218	Marau	Vila
219	Teixeira (ex-Sede Teixeira)	Vila
220	Ernestina (ex-Colônia Ernestina) ..	Vila
221	Água Santa	Vila
222	Sertão	Vila
223	PELOTAS:	Munic. 50.º T — 27.ª C.
	Zona da Sede — Pelotas	Cidade
224	Areial:	Vila
	1.ª Zona — Areial	
	2.ª Zona — Cerrito Alegre	
	3.ª Zona — Santa Silvana (ex-Colônia S. Silvana)	
225	Capão do Leão:	Vila
	1.ª Zona — Capão do Leão	
	2.ª Zona — Santa Eulália	
	3.ª Zona — Quilombo	
226	SÃO LOURENÇO:	Munic. 51.º T — 27.ª C.
	Zona da Sede — São Lourenço	Cidade
227	Boqueirão:	Vila
	1.ª Zona — Boqueirão	
	2.ª Zona — Taquaral (ex-Bom Jesus)	
	3.ª Zona — Barrancos (ex-Pinheiros)	
	4.ª Zona — União (ex-Harmonia)	

N O M E N C L A T U R A

Número de ordem	Municípios — Cidades (com zonas) — Vilas (com zonas)	Categorias
228	PINHEIRO MACHADO: 1. ^a Zona — Pinheiro Machado (Sede) 2. ^a Zona — Torrinhas (ex-Arroio Grande)	Munic. 52.º T — 28. ^a C. Cidade
229	Pedras Altas (ex-Candiota)	Vila
230	PÔRTO ALEGRE: 1. ^a Zona — Pôrto Alegre (Sede) — Capital do Estado) 2. ^a Zona — Azenha 3. ^a Zona — Floresta 4. ^a Zona — São João 5. ^a Zona — Glória 6. ^a Zona — Tristeza	Munic. 53.º T — 29. ^a C. Cidade
231	Belém Novo	Vila
232	Pintada (Formada pelas ilhas do Guafba)	Vila
233	GUAÍBA (ex-Pedras Brancas): 1. ^a Zona — Guaiíba (ex-Pedras Brancas) — Sede 2. ^a Zona — Bom Retiro do Guafba (ex-Bom Retiro)	Munic. 54.º T — 29. ^a C. Cidade
234	Barra do Ribeiro	Vila
235	Mariana Pimentel	Vila
236	Sertão de Santana	Vila
237	QUARAÍ: 1. ^a Zona — Quarai (Sede) 2. ^a Zona — Minuanos (ex-Inhanduí) 3. ^a Zona — São Rafael	Munic. 55.º T — 30. ^a C. Cidade
238	RIO GRANDE: Zona da Sede — Rio Grande	Munic. 56.º T — 31. ^a C. Cidade
239	Casino (ex-Mangueira)	Vila
240	Pôrto Novo	Vila
241	Taim	Vila
242	Quinta (ex-Júlio de Castilhos)	Vila
243	SÃO JOSÉ DO NORTE: Estreito	Munic. 57.º T — 31. ^a C. Vila
244	Bojurú	Vila
245	Mostardas	Vila
246		

N O M E N C L A T U R A

Número de ordem	Municípios — Cidades (com zonas) — Vilas (com zonas)	Categorias
247	RIO PARDO:	Munic. 58.º T — 32.ª C.
	1.ª Zona — Rio Pardo (Sede)	Cidade
	2.ª Zona — Pederneiras	
248	Passo do Sobrado (ex-Couto)	Vila
249	Rincão d'El Rei	Vila
250	Bexiga (ex-Cruz Alta)	Vila
251	Capivari:	Vila
	1.ª Zona — Capivari	
	2.ª Zona — Tabatinga (ex-Garcia Ferraz)	
252	ROSÁRIO:	Munic. 59.º T — 33.ª C.
	1.ª Zona — Rosário (Sede)	Cidade
	2.ª Zona Mangueira	
	3.ª Zona — Caverá	
	4.ª Zona — São Carlos (ex-Batista Corrêa)	
253	Saica (ex-Capela do Saica):	Vila
	1.ª Zona — Saica	
	2.ª Zona — Touro Passo	
254	SANTA CRUZ:	Munic. 60.º T — 34.ª C.
	Zona da Sede — Santa Cruz	Cidade
255	Tereza (ex-Vila Tereza)	Vila
256	Monte Alverne	Vila
257	Sinimbu	Vila
258	Herveiras (ex-Herval)	Vila
259	Sete Léguas (ex-Estância)	Vila
260	Trombudo	Vila
261	VENÂNCIO AIRES:	Munic. 61.º T — 34.ª C.
	Zona da Sede — Venâncio Aires ..	Cidade
262	Mariante (ex-Pôrto Mariante)	Vila
263	Deodoro	Vila
264	SANTA MARIA:	Munic. 62.º T — 35.ª C.
	Zona da Sede — Santa Maria ...	Cidade
265	Dilermando de Aguiar	
266	Colônia (ex-Estação Colônia)	
267	Silveira Martins	Vila
268	Arroio do Só	Vila
269	São Martinho	Vila
270	Bôca do Monte	Vila

N O M E N C L A T U R A

Número de ordem	Municípios — Cidades (com zonas) — Vilas (com zonas)	Categorias
271	SÃO PEDRO: 1. ^a Zona — São Pedro (Sede) 2. ^a Zona — Cerro Claro (ex-Cêrro Branco)	Munic. 63.º T — 35. ^a C. Cidade
272	SANTA VITÓRIA DO PALMAR: 1. ^a Zona — Santa Vitória do Palmar (Sede) 2. ^a Zona — Árvore Só 3. ^a Zona — Mirim (ex-Canoa) 4. ^a Zona — Curral Alto	Munic. 64.º T — 36. ^a C. Cidade
273	Chuí	Vila
274	SANTIAGO (ex-Santiago do Boqueirão) 1. ^a Zona — Santiago (Sede) 2. ^a Zona — Caroví 3. ^a Zona — Itacurubí (ex-Carneirinho) 4. ^a Zona — Unistalda (ex-Costa do Itú)	Munic. 65.º T — 37. ^a C. Cidade
275	Florida (ex-Vila Flores)	Vila
276	Ernesto Alves	Vila
277	SANTO ÂNGELO: Zona da Sede — Santo Ângelo	Munic. 66.º T — 38. ^a C. Cidade
278	Giruá: 1. ^a Zona — Giruá 2. ^a Zona — Independência 3. ^a Zona — São José do Inhacorá	Vila
279	São Miguel: 1. ^a Zona — São Miguel 2. ^a Zona — Coimbra	Vila
280	Catuípe (ex-Rio Branco)	Vila
281	SANTA ROSA: Zona da Sede — Santa Rosa	Munic. 67.º T — 38. ^a C. Cidade
282	Três de Maio	Vila
283	Laranjeiras	Vila
284	Santo Cristo	Vila
285	Campina	Vila
286	Porto Lucena (ex-Pedro Álvares Cabral)	Vila
287	Tucunduva	Vila
288	Horizonte (ex-Belo Horizonte)	Vila
289	Tuparendí (ex-Belo Centro)	Vila

N O M E N C L A T U R A

Número de ordem	Municípios — Cidades (com zonas) — Vilas (com zonas)	Categorias
290	SANTO ANTÔNIO (ex-Santo Antônio da Patrulha):	Munic. 68.º T — 39.ª C.
	Zona da Sede — Santo Antônio ..	Cidade
291	Miraguaia	Vila
292	Entrepeçado	Vila
293	Pinheirinho	Vila
294	Caráa (ex-Rio dos Sinos)	Vila
295	Rolante	Vila
296	Riosinho	Vila
297	OSÓRIO:	Munic. 69.º T — 39.ª C.
	1.ª Zona — Osório (Sede)	Cidade
	2.ª Zona — Passinhos	
298	Marquês do Herval	Vila
299	Itapeva (ex-Três Forquilhas)	Vila
300	Maquiné	Vila
301	Palmares	Vila
302	Cornelius	Vila
303	Tramandaí	Vila
304	TÔRRES:	Munic. 70.º T — 39.ª C.
	Zona da Sede — Tôrres	Cidade
305	Três Irmãos (ex-Três Forquilhas)	Vila
306	Rio Verde	Vila
307	Morro Azul (ex-Júlio de Castilhos)	Vila
308	SÃO BORJA:	Munic. 71.º T — 40.ª C.
	1.ª Zona — São Borja (Sede)	Cidade
	2.ª Zona — Itacumbí	
	3.ª Zona — Itaroquém (ex-Camaquã)	
309	Garruches	Vila

N O M E N C L A T U R A

Número de ordem	Municípios — Cidades (com zonas) — Vilas (com zonas)	Categorias
310	SÃO GABRIEL:	Munic. 72.º T — 41.ª C.
	1.ª Zona — São Gabriel (Sede) ..	Cidade
	2.ª Zona — Santa Margarida	
	3.ª Zona — Catuçaba (ex-Santa Bárbara)	
311	Suspiro:	Vila
	1.ª Zona — Suspiro	
	2.ª Zona — Cêrro d'Ouro	
312	Vacacai:	Vila
	1.ª Zona — Vacacai	
	2.ª Zona — Pôsto Branco	
	3.ª Zona — Campo Sêco	
313	Tiarajú:	Vila
	1.ª Zona — Tiarajú	
	2.ª Zona — Pau Fincado	
314	Azevedo Sodré	Vila
315	Cacequi	Vila
316	SÃO JERÔNIMO:	Munic. 73.º T — 42.ª C.
	Zona da Sede — São Jerônimo ..	Cidade
317	Arroio dos Ratos	Vila
318	Butiá (ex-Minas Carvão do Butiá):	Vila
	1.ª Zona — Butiá	
	2.ª Zona — Leão	
319	Barão do Triunfo (ex-Colônia Barão do Triunfo):	Vila
	1.ª Zona — Barão do Triunfo	
	2.ª Zona — Quitéria	
320	GENERAL CÂMARA (ex-Margem):	Munic. 74.º T — 42.ª C.
	Zona da Sede — General Câmara	Cidade
321	Santo Amaro:	Vila
	1.ª Zona — Santo Amaro	
	2.ª Zona — Volta do Freitas	
322	Melos (ex-Colônia dos Melos)	Vila

N O M E N C L A T U R A

Número de ordem	Municípios — Cidades (com zonas) — Vilas (com zonas)	Categorias
323	TRIUNFO:	Munic. 75.º T — 42.ª C.
	Zona da Sede — Triunfo	Cidade
324	Costa da Cadeia	Vila
325	Passo Raso	Vila
326	Pôrto Batista	Vila
327	SÃO LEOPOLDO:	Munic. 76.º T — 43.ª C.
	Zona da Sede São Leopoldo	Cidade
328	Campo Bom	Vila
329	Bom Jardim	Vila
330	Dois Irmãos	Vila
331	Sapiranga	Vila
332	Sapucaia	Vila
333	Padre Eterno (ex-Boa Vista do Her- val)	Vila
334	Joaneta	Vila
335	Genufno Sampaio (ex-Estância Ve- lha)	Vila
336	João Correia (ex-Nova Palmeira) ..	Vila
337	CANOAS:	Munic. 77.º T — 43.ª C.
	Zona da Sede — Canoas	Cidade
338	Berto Círio (ex-Santa Rita)	Vila
339	NOVO HAMBURGO:	Munic. 78.º T — 43.ª C.
	Zona da Sede — Novo Hamburgo	Cidade
340	Hamburgo Velho	Vila
341	Lomba Grande	Vila
342	SÃO LUIZ GONZAGA:	Munic. 79.º T — 44.ª C.
	1.ª Zona — São Luiz Gonzaga (Se- de)	Cidade
	2.ª Zona — Bossoroca (ex-Igrejinha)	
343	São Nicolau	Vila
344	Pôrto Xavier	Vila
345	Guaraní (ex-Colônia Guaraní)	Vila
346	Cêrro Azul	Vila
347	Quarepotí (ex-São Lourenço das Missões)	Vila
348	Santa Lúcia	Vila
349	Roque Gonzales	Vila

N O M E N C L A T U R A

Número de ordem	Municípios — Cidades (com zonas) — Vilas (com zonas)	Categorias
350	SOLEDADE: 1. ^a Zona — Soledade (Sede) 2. ^a Zona — Mormago (ex-Ibirapuitã ou Porongos) 3. ^a Zona — Depósito	Munic. 80.º T — 45. ^a C. Cidade
351	Maurício Cardoso (ex-Vitória) ...	Vila
352	Espumoso (ex-Borges de Medeiros)	Vila
353	Jacufzinho: 1. ^a Zona — Jacufzinho 2. ^a Zona — Tunas	Vila
354	Camargo (ex-Coronel Ferreira) ..	Vila
355	Barros Cassal (ex-Dumoncel)	Vila
356	Fontoura Xavier (ex-Getúlio Vargas)	Vila
357	TAQUARA: Zona da Sede — Taquara	Munic. 81.º T — 46. ^a C. Cidade
358	Santa Cristina (ex-Sta. Cristina do Pinhal)	Vila
359	Parobé	Vila
360	Mundo Novo	Vila
361	Gramado	Vila
362	Canela	Vila
363	Padilha	Vila
364	Igrejinha	Vila
365	SÃO FRANCISCO DE PAULA: Zona da Sede — São Francisco de Paula	Munic. 82.º T — 46. ^a C. Cidade
366	Criuva	Vila
367	Cazuza Ferreira (ex-Capela do Laggado)	Vila
368	Tainhas: 1. ^a Zona — Tainhas 2. ^a Zona — Cambará (ex-Campo Bom)	Vila
369	Chapéu (ex-Vista Alegre)	Vila
370	Salto	Vila
371	TAQUARÍ: Zona da Sede — Taquarí	Munic. 83.º T — 47. ^a C. Cidade
372	São Joaquim	Vila
373	Bom Retiro	Vila
374	Concórdia (ex-Aroio Grande)	Vila

N O M E N C L A T U R A

Número de ordem	Municípios — Cidades (com zonas) — Vilas (com zonas)	Categorias
375	URUGUAIANA: 1.ª Zona — Uruguaiana (Sede) ... 2.ª Zona — Vertentes (ex-Ibirocaí ou Camoatim) 3.ª Zona — Plano Alto 4.ª Zona — Braz (ex-Colônia Rosas) 5.ª Zona — Ipané	Munic. 84.º T — 48.ª C. Cidade
376	Barra do Quarai	Vila
377	VACARIA: Zona da Sede — Vacaria	Munic. 85.º T — 49.ª C. Cidade
378	Entre-Rios (ex-Vista Alegre)	Vila
379	Korff (ex-Capão Alto)	Vila
380	Esmeralda (ex-São João)	Vila
381	Cochilha Grande (ex-São Pedro) ..	Vila
382	Muitos Capões	Vila
383	Luz (ex-Capela da Luz)	Vila
384	Segrêdo (ex-São Pedro do Ipiranga)	Vila
385	Pinhal (ex-São José do Pinhal)	Vila
386	Ipé	Vila
387	BOM JESÚS: 1.ª Zona — Bom Jesus (Sede) 2.ª Zona — Itaimbézinho 3.ª Zona — Capão dos Patos	Munic. 86.º T — 49.ª C. Cidade
388	VIAMÃO: 1.ª Zona — Viamão	Munic. 87.º T — 50.ª C. Cidade
	2.ª Zona — Estiva	
389	Itapuã:	Vila
	1.ª Zona — Itapuã	
	2.ª Zona — Passo da Areia	
390	GRAVATAÍ: 1.ª Zona — Gravataí (Sede)	Munic. 88.º T — 50.ª C. Cidade
	2.ª Zona — Ipiranga	
391	Glorinha	Vila
392	Morungava	Vila

Observação 1.ª) Os “termos judiciários” correspondem rigorosamente, em número de ordem e nomenclatura, às “circunscrições administrativas” (Municípios constantes deste quadro.

Observação 2.ª) As “comarcas judiciárias” são em número de cinquenta, abrangendo algumas mais de um município, como consta

do "Decreto n.º 7842, de 30 de Junho de 1939, bem como foi anotado neste quadro.

Observação 3.ª) Em resumo, a divisão territorial do Estado do Rio Grande do Sul, em 1941, compreende: municípios 88; Cidades (sedes dos Governos Municipais, com o mesmo nome do respectivo município) 88; Vilas (sedes de distritos municipais) 304.

Observação 4.ª A notação — 1.º T — 1.ª C., deve ser entendida como representando à ordem do termo e da comarca, na organização judiciária, lendo-se: Primeiro termo judiciário do Estado do Rio Grande do Sul pertencente à primeira Comarca. De maneira análogo fazer à leitura das outras anotações.

J. Tupi Caldas
Porto Alegre
Praça Garibaldi, 68.

A Terra em que nasceu Júlio de Castilhos

A um tempo tumultuário e promissor, corria o ano de 1891.

Abrira-se para o Brasil republicano a era constitucional. Integrada no sentimento da Nação, a gente continentina esculpia também as tábuas de sua Lei. Mas aqui, como por todo o País, a calma não voltara completamente aos espíritos. Havia ainda nuvens pressagas no céu da Pátria...

Foi num ambiente assim, de radiosas esperanças e rumores subterrâneos, que o dr. Fernando Abbott, ao findar o seu atribulado governo, no dia mesmo em que se ia promulgar a Constituição Rio Grandense, criou o município de Vila Rica, hoje Júlio de Castilhos.

A êsse autentico lutador, grato se tornou, sem dúvida, inscrever de novo, no mapa do Brasil, o nome lendário de Vila Rica, evocação viva dos alevantados ideais de Pátria e Liberdade.

Demais, absorpto embora na solução de urgentes problemas governamentais, vivendo para a manutenção da paz social, finalidade precípua do poder público naquela época, guardaria êle, nítida, na retina, a paisagem dêste pedaço do planalto serrano, em que, ao lado de Júlio de Castilhos, Pinheiro Machado, Assis Brasil e outros gloriosos pioneiros da idéia nova, participara, dous anos antes, da memorável Convenção da Reserva.

O dia 14 de Julho de 1941 assinala para o povo castilhense meio-século de vida municipal.

Certo, nestes cinquenta anos — um minuto na existência da humanidade — não se improvisou aqui uma “urbs” heterogênea e ruidosa, de proporções materiais agigantadas.

Felizmente, nossa formação não decorreu de um “verde sonho”, nem de uma “jornada ao país da Loucura”.

Tínhamos terra pobre, para não dizer sóbria, sem ouro nas entranhas, sem esmeraldas na escarpa das serranias... Mas, graças ao labor diuturno de nosso homem e à valiosa ajuda que lhe trouxe o imigrante europeu, da planura verde emana, viva, palpitante, sempre maior, essa riqueza incomparável que são os nossos rebanhos; da gleba querida, o agricultor corajoso e pertinaz tem feito surgir o melhor dos ouros, na ondulação dos trigais maduros.

E, desta forma, sedimenta-se, dia a dia, o esforço coletivo, no sentido do bem comum e a prosperidade real do Brasil.

Cumpre-nos agora, numa verdadeira conjugação de energias, aumentar e aperfeiçoar a obra já realizada, que só assim seremos dignos de nossos antepassados e auxiliares eficientes das gerações futuras.

Viriato Dutra.

1891 1941
1º CINCOENTENÁRIO
DA
CREAÇÃO DO MUNICÍPIO
DE
JÚLIO DE CASTILHOS
(EX-VILA RICA)

ATO Nº 607, DO VICE-GOVERNADOR, DR. FERNANDO ABBOTT
EM 14 DE JULHO DE 1891

"O VICE-GOVERNADOR DO ESTADO, NO USO DOS
PODERES CONFERIDOS PELO DECRETO Nº 7,
DE 20 DE NOVEMBRO DE 1889, RESOLVE ELEVAR
A VILA COM A DENOMINAÇÃO DE VILA RICA,
A FREGUESIA DO MESMO NOME..."

PLACA COMEMORATIVA
INAUGURADA NA PREFEITURA MUNICIPAL DE
JULIO DE CASTILHOS
AOS 14 DIAS DO MÊS DE JULHO DE 1941

SENDO

PRESIDENTE DA REPÚBLICA O
DR. GETULIO DORNELLES VARGAS
INTERVENTOR FED. NO ESTADO O
CNEL. O. CORDEIRO DE FARIAS
PREFEITO MUNICIPAL O
SR. ARISTIDES DE MORAES GOMES

Mamíferos Fósseis do Brasil

por CARLOS DE PAULA COUTO

INTRODUÇÃO

Iniciamos, com o trabalho de hoje, uma série de estudos sobre a paleontologia mamalógica do Brasil.

O fim principal dêste nosso trabalho é o de condensar, numa só obra, os estudos apresentados, neste setor, por diversos autores, estudos êsses que se acham espalhados em grande número de publicações.

Como já fizemos, em nosso trabalho sobre a "Paleontologia do Rio Grande do Sul" adotaremos aqui a classificação apresentada na última edição inglesa do grande insuperável "Tratado de Paleontologia" (*Text-book of Paleontology* — vol. III, London, 1925), de Karl Alfred von Zittel, modificando-a em certos pontos, de acôrdo com os trabalhos mais recentes de Édmond Périer (*Traité de Zoologie* — fasc., IV — Paris, 1932) e de George Gaylord Simpson (*A New Classification of Mammals* — Bul. Am. Mus., vl. LIX, Art. V — New York, 1931) e seguindo, ainda, o mesmo *Text-book of Paleontology* e mais a sua edição francesa (*Traité de Paléontologie* — vol. IV, Paris, 1893), assim como Édmond Périer (op. cit.), Marcellin Boule e Jean Piveteau (*Les Fossiles* — Paris, 1935), L. Vialleton (*Morphologie des Vertébrés* — Paris, 1911), Frank Evers Beddard (*Mammalia* — Londres, 1920), William Berryman Scott (*A History of Land Mammals in the Western Hemisphere* — Princeton, 1937) e outros, na citação dos caracteres de cada grupo (ordem, sub-ordem família, etc.).

Para muitos, há-de parecer perfeitamente dispensável a citação dos caracteres em questão, citação essa que — dirão — poderia, ou melhor, deveria, quando muito, limitar-se aos gêneros e espécies mais importantes, pois os que desejassem ir mais longe teriam o recurso das consultas aos Tratados.

Conhecendo, porém por experiência própria, a carência, verdadeiramente lastimável, de bibliografia científica especializada, que se nota em nossas Bibliotecas e até em muitas de nossas entidades culturais e departamentos técnicos, como sejam Museus, Faculdades e outras entidades especializadas, e conhecendo, também, perfeitamente a dificuldade e o sacrifício com que lutam os nossos estudiosos, para a aquisição de tais obras, tôdas editadas no estrangeiro e portanto, de preço, para nós, muitíssimo elevado, devido à diferença de câmbio, foi que resolvemos entrar na citação de tais detalhes, colhendo-os de autoridades de valor indiscutível, afim de facilitar o conhecimento desses detalhes aos que se interessam por estudos de tal natureza, sem que disponham de recursos ou de tempo bastantes, para beber êsses conhecimentos nas próprias fontes.

Para os neófitos, principalmente esta orientação, que tem o mérito de reunir, num só trabalho, os estudos e observações de diversos mestres, adquire uma importância verdadeiramente relevante, pois são exatamente os que se iniciam nos estudos especializados que lutam com as maiores dificuldades, neste sentido, e que, por tal razão, necessitam o amparo daqueles que, à custa de sacrifícios e por amor à ciência, já firmaram uma trilha segura, contornando ou atravessando os obstáculos que, ordinariamente, se antepõem na senda dos menos favorecidos pela fortuna.

— No Brasil, infelizmente, os naturalistas especializados ainda lutam com grandes dificuldades, nos seus estudos, pesquisas e determinações taxinômicas, não só por disporem, ordinariamente, de escassos meios, como também por não terem à sua disposição nos departamentos públicos competentes, a bibliografia indispensável para o bom êxito de seus trabalhos. A nossa carência bibliográfica não só se nota no que diz respeito às obras clássicas, gerais (Tratados), como no que concerne principalmente às *monografias* que são de enorme importância ou — melhor dizendo — indispensáveis para as determinações genéricas e específicas, por constituírem estudos detalhados de cada gênero ou espécie, sem cujo conhecimento o naturalista conciente estará inhabilitado para determinar, genérica ou especificamente, pelo menos, os espécimes zoológicos, botânicos ou paleontológicos que lhes vierem às mãos, a não ser que tais gêneros ou espécies sejam muito vulgares e, pois, facilmente reconhecíveis por êste ou aquele caráter inconfundível. Por outro lado, o naturalista só poderá pensar em fundar um gênero ou espécie nova, depois de ter comparado, num exame negativo e positivo, com os demais gêneros e espécies da mesma família, o espécime novo que lhe vier às mãos. Se, depois de um tal exame meticoloso, verificar que o espécime em questão não se enquadra, por determinado ou determinados caracteres, dentro dos gêneros ou espécies já conhecidos poderá, então, propor o seu batismo genérico ou

específico, com o nome que julgar mais conveniente ou adequado, não esquecendo de citar, naturalmente, o caracter ou caracteres distintivos do novo gênero ou espécie. Para isto, ser-lhe-á necessário consultar tôdas as monografias existentes sôbre os gêneros e espécies, já conhecidas, da mesma família, ou, pelo menos os trabalhos que condensem, sem grande resumo esses estudos detalhados. Os que, fugindo a estas normas científicas, fundarem, a seu livre arbítrio, novos gêneros ou espécies, não poderão, absolutamente, ser levados a sério.

Essas monografias, os nossos estudiosos e principalmente as nossas entidades especializadas, públicas ou privadas, poderão obter, com relativa facilidade por meio dum intercâmbio de publicações, com as entidades congêneres, do país e do estrangeiro. Mas, para isso, é preciso interesse e vontade de trabalho ou, em suma, amor à ciência e interesse pelo progresso da nação, o que, aliás, parece ser um dos tantos e nobres apanágios do Estado Novo, razão que nos leva a acreditar que estas e outras falhas serão, gradativamente, sanadas, para gáudio dos nossos naturalistas e dos patriotas de verdade.

— A despeito de todo o nosso esforço, o nosso trabalho ressen- tir-se-á, ainda, por estas e outras razões, do caráter de obra completa mas, aos poucos, iremos dirimindo, por meio de novas pesquisas e com o auxílio inestimável e indispensável dos que — como nós — se dedicam, no Brasil e fora dêle, ao estudo da mãe Natura as falhas que aquí ainda existam.

E, qual o melhor meio de contribuir para o progresso da ciência do que o publicar, cada qual, o resultado de seus estudos e pesquisas?

Não conhecemos.

Por isso mesmo, publicamos — nós — os frutos, ainda modestos, é certo, de nosso trabalho, na esperança de que o nosso exemplo sera seguido por muitos dos outros nossos naturalistas, do mesmo modo como nós estamos seguindo a trilha já aberta pelo trabalho competente e persistente de alguns mestres, naturalistas, patricios como sejam Matias Gonçalves de Oliveira Roxo, Candido de Melo Leitão, Alipio de Miranda Ribeiro, Costa Lima, Cesar Pinto, Artur Neiva e tantos outros que tiveram também, como predecessora, no cenário científico nacional, uma pléiade de naturalistas eminentes. E, se quisermos citar também o nome dos naturalistas estrangeiros a quem muitíssimo devemos o progresso que, ultimamente, têm tido em nosso país as ciências naturais, devemos então mencionar Louis Agassiz, Fritz Muller, Franz Sellow, John Casper Branner, Charles Frederick Hartt, Orville A. Derby, Hermann e Rodolfo von Ihering, Emilio Goeldi, Peter Wilhelm Lund e uma infinidade de outros nomes, não menos ilustres, cuja citação tornar-se-ia fastidiosa.

Para o progresso de nossa Paleontologia têm contribuído decisivamente, nestes últimos anos, as expedições científicas que têm enviado

ao Brasil a Universidade de Tübingen (1928-1929), sob a chefia do eminente paleontologista Friedrich F. von Huene, do Wurttemberg, Alemanha, e a Universidade de Harvard (Cambridge, Mass., Estados Unidos) (1937), sob a chefia do não menos eminente paleontologista Llewellyn Ivor Price que, presentemente, se encontra entre nós, por dois anos, pesquisando, em colaboração com os nossos técnicos do Serviço Geológico e Mineralógico Federal, e sob o patrocínio da Universidade de Harvard, o solo de nossa amada terra do Brasil, com o intuito de arrancar de seu seio ubérrimo muitos dos secretos tesouros paleontológicos que nele dormem, em seu sono multiseccular.

— Em Minas Gerais, um grupo de naturalistas dedicados resolveu, recentemente, prosseguir — sob o patrocínio da Academia Mineira de Ciências — o trabalho de pesquisas paleontológicas, encetado por Lund, no século XIX, e abandonado desde a morte do ilustre naturalista dinamarquês, nas cavernas da região calcárea do vale do Rio das Velhas. Esses continuadores dos trabalhos de Lund são o Prof. Anibal Mattos, já muito conhecido, por seus inúmeros e valiosos trabalhos, Dr. Arnaldo Cathoud e o Sr. Harold V. Walter, vice-consul britânico em Belo Horizonte, também autores de grande número de obras de real mérito. Os dois primeiros dedicam-se especialmente à arqueologia, antropologia e etnografia e o último, à paleontologia mamalógica.

— E, por fim, devemos citar, por um dever de justiça o nome das entidades nacionais que têm dado o seu valiosíssimo concurso, seja com explorações, seja com publicações, para o progresso das ciências naturais: Museu Nacional, Serviço Geológico e Mineralógico Federal, Academia Mineira de Letras (à qual devemos o inestimável serviço de tradução de alguns trabalhos do grande Peter W. Lund), Museu Paulista, Museu Goeldi (Pará), Academia Brasileira de Ciências e outras tantas entidades científicas, públicas e privadas.

— E' digno de nota o surto de progresso que, nestes últimos anos, sob os auspícios do Estado Novo, têm apresentado as nossas entidades científicas mas, infelizmente, há ainda brasileiros — e brasileiros de responsabilidade — que não têm atendido ao apêlo do Estado Novo, deturpando os seus altos e nobres desígnios, seja por desinteresse e negligência, no desempenho do trabalho que a Nação lhes confiou, seja por má vontade injustificável, contra os altos órgãos da administração pública, ou por um egoísmo sem limites.

Esperamos, porém, que o Governo com a boa vontade e energia que lhe são peculiares, vá sanando, aos poucos, desses males insidiosos que tanto o prejudicam, o nosso aparelho administrativo, de modo a torná-lo como que uma máquina que tenha as suas peças e engrenagens tão perfeitamente ajustadas e lubrificadas que correspondam, com a máxima prontidão e eficiência, ao menor movimento da alavanca de comando. Mas essa alavanca de comando deve ser manejada por ho-

mens que conheçam bem a máquina que têm sob seus cuidados e saibam compreender bem as suas necessidades, de modo que nem mesmo a menor de suas peças venha a ser prejudicada e a falhar, por falta de atenção às suas necessidades, prejudicando, assim, a harmonia do conjunto e pondo em perigo o funcionamento de muitas outras peças, porque, na máquina administrativa, como em qualquer máquina, uma engrenagem estragada constitui uma ameaça mais ou menos séria, segundo a sua importância, para a perfeita integridade das engrenagens vizinhas e, portanto, para o perfeito desempenho de suas funções. Deve ser também evitada a substituição, mesmo provisória, de uma peça por outra de função diferente, isto é, cada peça deve ser colocada no lugar que, por sua natureza, lhe fôr mais próprio pois assim o seu trabalho renderá o máximo que dela podemos esperar ou, em outras palavras, no trabalho público, como no privado, o especialista não deve ser aproveitado em serviços fora de sua especialidade, porque nestes o rendimento de seu trabalho nunca poderá ser tão grande como nos serviços que constituem a sua especialidade. Aliás, o Estatuto dos Funcionários Públicos Civis da União, em seu capítulo sobre a *readaptação*, ainda por regulamentar, já prevê isto.

— *Carpent tua pomas nepotes* (Teus netos colherão os teus frutos), diz, mui acertadamente Virgílio (*Eclogas*, IX, 50), o mais justamente célebre dos poetas latinos. Trabalhem, pois, com pertinácia e boa vontade, para o progresso de nossa grande pátria, afim de que os nossos netos a encontrem ainda mais elevada no conceito universal e, buscando exemplo em nosso esforço, a façam ainda maior.

Pôrto Alegre, Abril de 1941.

O Autor.

HOMENAGEM



Llewellyn Ivor Price, paleontologista técnico do Museu de Zoologia Comparada, da Universidade de Harvard, Cambridge (Mass. — Estados Unidos), ora entre nós, em missão científica, patrocinada por aquela Universidade.

Price é, por sua operosidade incansável e extraordinária, um verdadeiro padrão de trabalho conciente e pertinaz. O seu amor à ciência, as suas solidíssima cultura e admirável disposição para o trabalho, aliadas à sua grande modéstia, fazem dê-lo o tipo perfeito de sábio.

(Fotografia apanhada no Laboratório de Paleontologia do Serviço Geológico e Mineralógico do Brasil - Rio de Janeiro).

Chave Taxinômica do nosso Trabalho

CLASSE MAMMALIA

SUB-CLASSE "PROTOTHERIA" (x)

I — Ordem única: *Monotremata*

SUB-CLASSE "METATHERIA" (x) (xxx)

II — Ordem única: *Marsupialia* (xxx)

+ Sub-ordem A: *Allotheria*

Sub-ordem B: *Diprotodontia*

Sub-ordem C: *Polyprotodontia* (xxx)

EPLACENTALIA,
como sub-classe
(Zittel)

SUB-CLASSE "EUTHERIA" (x) (= *PLACENTALIA*, Zittel)

III — Ordem 1: *Insectivora*

Sub-ordem A: *Zalambdodonta*

Sub-ordem B: *Dilambdodonta*

IV — Ordem 2: *Chiroptera* (xxx)

Sub-ordem A: *Microchiroptera* (x) (xx) (xxx)

Sub-ordem B: *Megachiroptera* (x) (xx)

V — Ordem 3: *Carnivora* (xxx)

+ Sub-ordem A: *Creodontia*

Sub-ordem B: *Fissipedia* (xxx)

Sub-ordem C: *Pinnipedia*

VI — Ordem 4: *Cetacea*

+ Sub-ordem A: *Archeoceti*

Sub-ordem B: *Odontoceti*

Sub-ordem C: *Mystacoceti*

+ VII — Ordem 5: *Taeniodonta* (xx)

VIII — Ordem 6: *Edentata* (xxx)

+ Sub-ordem A: *Palaeonodonta* (xx)

Sub-ordem B: *Xenarthra* (xxx)

Sub-ordem C: *Pholidota* (xx) (?)

IX — Ordem 7: *Tubulidentata* (x) (xx)

Nomarthra (como
sub-ordem) (Zittel)

Edentata
(como ordem)
(Zittel)

- X — Ordem 8: *Rodentia* (xxx)
 Sub-ordem A: *Simplicidentata* (xxx)
 Sub-ordem B: *Duplicidentata* (xxx)
- XI — Ordem 9: *Ungulata* (xxx)
 + Sub-ordem A: *Condylarthra*
 + Sub-ordem B: *Litopterna* (xxx)
 Sub-ordem C: *Perissodactyla* (xxx)
 Sub-ordem D: *Artiodactyla* (xxx)
 Tribu 1: *Bunodontia* (xxx)
 Tribu 2: *Bunoselenodontia*
 Tribu 3: *Selenodontia* (xxx)
 + Sub-ordem E: *Amblypoda*
- Notoungulata* (como ordem) (Zittel) {
 + XII — Ordem 10: *Notoungulata* (xxx)
 + Sub-ordem A: *Typotheria*
 + Sub-ordem B: *Toxodontia* (xxx)
 + Sub-ordem C: *Entelonychia*
 + Sub-ordem D: *Astrapotherioidea*
 + XIII — Ordem 11: *Pyrotheria* (xx)
- Subungulata* (como ordem) (Zittel) {
 + XIV — Ordem 12: *Embrithopoda* (xx)
 XV — Ordem 13: *Hyracoidea* (xx)
 XVI — Ordem 14: *Proboscidea* (xx) (xxx) } *Proboscidea* (como
 + XVII — Ordem 15: *Barytheria* (xx) } sub-ordem) (Zittel)
 XVIII — Ordem 16: *Sirenia* (xx)
 XIX — Ordem 17: *Primatas* (xxx)
 Sub-ordem A: *Lemuroidea* (xx) } *Prosimia* (como
 Sub-ordem B: *Tarsioidea* (xx) } sub-ordem) (Zittel)
 Sub-ordem C: *Anthropoidea* (xx) (xxx)

Convenções: + Extinta, isto é, sem representantes vivos ou atuais
 x Segundo É. Périer — op. cit.
 xx Segundo George Gaylord Simpson — op. cit.
 xxx Representada no Brasil
 ? De posição sistemática ainda um tanto incerta.

MARSUPIALIA E CHIROPTERA

SINÓPSE TAXINÔMICA PARA OS MARSUPIAIS
E QUIROPTEROS FÓSSEIS DO BRASIL

SUB-CLASSE "METATHERIA" Huxley, 1880 (= *Marsupialia*, sens. lat.)

Ordem única: *Marsupialia* Illiger, 1811 (= *Didelphia*,
Blainville, 1816)

Sub-ordem *Polyprotodontia* Owen

Família "Didelphyidae", Gray, 1821

SUB-CLASSE "EUTHERIA" Huxley, 1880 (= *Monodelphia*, Blainville,
1816; *Placentária*, Flemming, 1822; *Placentalia*, Owen, ca.
1837; *Eutheria*, Gill, 1872, mas não no uso geralmente adotado,
agora).

I — Ordem *Chiroptera*, Blumenbach, 1779

Sub-ordem *Microchiroptera*, Dobson, 1875

A — Família "Vespertilionidae", Gray, 1821 (x)

a) Sub-família *Vespertilioninae* (x)

b) Sub-família *Natalinae* (x)

B — Família "Emballonuridae", Gervais, 1855 (x)

a) Sub-família *Emballonurinae* (x)

b) Sub-família *Molossinae* (x)

C — Família "Phyllostomidae", Gray, 1825

a) Sub-família *Phyllostominae* (x)

b) Sub-família *Glossophaginae* (x)

c) Sub-família *Stenodermatinae* (x)

d) Sub-família *Desmodinae* (x)

(x) Segundo É. Périer — op. cit.



Um marsupial: *Lutreolina* sp., gênero que compreende diversas espécies distribuídas pelo Sul do Brasil (Rio Grande do Sul), Uruguai, Argentina e Paraguai. Fotografia de Polzinetti, para Biliken (Buenos Aires).

CLASSE MAMMALIA

SUB-CLASSE "METATHERIA", Huxley, 1880

ORDEM ÚNICA: *MARSUPIALIA* (Illiger, 1811)

Os *Marsupiais* (= Didelphos, Pedimanos ou Metaterianos) são animais terrestres, arborícolas, fossadores, vivíparos ou, melhor, ovo-vivíparos, cujos característicos principais são os apresentados pelo duplo órgão genital feminino (didelphos = dois úteros), a cujo caráter corresponde uma bipartição do órgão genital masculino, externo, e pela presença, no ventre das fêmeas, de uma bolsa marsupial (*marsupium*) que esconde as glândulas mamárias e onde os filhotes, nascidos num período precoce, vivem os primeiros tempos de sua vida extra-uterina, agarrados aos mamilos. Placenta alantóide rudimentaríssima ou completamente inexistente (implacentários). Os dois ossos marsupiais, existentes tanto nas fêmeas como nos machos, considerados por alguns autores como sustentáculos da bolsa marsupial, cujos rudimentos notam-se também, às vezes, em alguns machos, são uma dependência do púbis (ossos prepubis). Dentição completa, muito variável, heterodonte, semelhante em alguns aspectos à dos herbívoros e roedores e, em outros, à dos insetívoros e carnívoros. A sua fórmula dentária não deriva da fórmula típica dos mamíferos placentários: o número de incisivos (I) varia de um para o outro maxilar, podendo atingir a 5. Molares (M) de tubérculos embotados ou pontudos. Ângulo do maxilar inferior quase sempre recurvado para cima. O osso palatino apresenta orifícios e o jugal vai até a cavidade glenóide destinada à articulação do côndilo mandibular. Clavícula desenvolvida; apófise coracóide da omoplata reduzida; precoracóide inexistente. Cérebro pequeno, com um corpo caloso rudimentar ou inexistente. Herbívoros ou carnívoros.

"Aos Marsupiais pertence um assaz grande número de formas que diferem umas das outras por seu aspecto exterior, por seu gênero de vida e por sua organização, formas essas que podem ser comparadas aos representantes de ordens mui diversas de Mamíferos placentários.

Assim, por exemplo, os Phascolomyidæ herbívoros lembram os Roedores, os Macrópodos lembram os Ongulados, os Phalangistidæ trepadores assemelham-se aos Lemurianos, os Myrmecobiidæ e Didelphyidæ aos Insetívoros e os Marsupiais carnívoros (Dasyuridæ) aos Carnívoros placentários. Os Marsupiais formam então um grupo composto de elementos heterogêneos, que corresponde não a uma ordem especial mas a muitas das ordens mais uniformes e de limites muito mais restritos, dos Placentários. (1)".

"Os Marsupiais apresentam muitos caracteres comuns com os Monotremos, como sejam o desenvolvimento sem placenta do embrião, os ossos marsupiais e uma cloaca pouco profunda, da qual encontramos neles, entretanto, apenas uma indicação."

"A *pele* é sempre coberta de pêlos e nunca provida de espinhos, escamas ou escudos."

"A *coluna vertebral* compõe-se de 7 vértebras cervicais, 19 dorsais e lombares, 1 ou 2 sacras e dum número variável de vértebras caudais. Os centros das vértebras são, como nos Mamíferos placentários, planos adiante e atrás e providos de epífises. A apófise odontóide do axis solda-se geralmente cedo com o centro."

"O *crânio* apresenta grandes variedades, segundo o gênero de vida e o desenvolvimento da dentadura, de sorte que não podemos citar aqui senão um pequeno número de caracteres fundamentais comuns. Em geral, as suturas dos diversos ossos permanecem nitidamente visíveis. A cavidade cerebral é pequena e o cérebro tem uma estrutura análoga à dos Monotremos, não sendo o cerebelo ocultado pelos hemisférios lisos do cérebro e permanecendo os tubérculos quadrigêmeos, assim como os lóbulos olfativos, em parte visíveis. O corpo caloso é atrofiado. O mesetmóide (= etmóide), que fecha adiante a cavidade cerebral, distingue-se pela extensão de sua ossificação. Os ossos nasais têm um tamanho considerável e as arcadas jugais são fortes e completamente desenvolvidas. O palato duro é ordinariamente perfurado atrás por um par de grandes aberturas. Os ossos da cápsula auditiva não são fundidos, mas unidos por suturas. O osso timpânico é

(1) Em vista da deficiência da bibliografia paleontológica, existente entre nós, resolveramos traduzir, para a Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, numa série de trabalhos, tudo o que, no grande *Tratado de Paleontologia* de Zittel (*"Traité de Paléontologie"*, Zittel-Barrois, Paris, 1894) fôsse relativo ao Brasil, no que concerne aos característicos gerais de cada grupo (ordens, sub-ordens, etc.). Como, porém, resolvemos, neste interim, fazer um estudo geral, mais ou menos detalhado, da Paleontologia mamalógica brasileira, julgamos oportuno fazer preceder ao estudo de cada grupo sistemático a tradução dos caracteres gerais, supracitados, o que tornará, sem dúvida muito mais completa e interessante a sequência de nossos trabalhos.

pequeno, rudimentar, anular e não é soldado aos ossos vizinhos, do crânio, formando, pelo contrário, a extremidade posterior do alisfenóide uma cápsula de paredes delgadas, que toca no bordo anterior do osso timpânico. Quanto aos ossinhos do ouvido, o tamanho da bigorna ultrapassa o do martelo; o estribo é perfurado.”

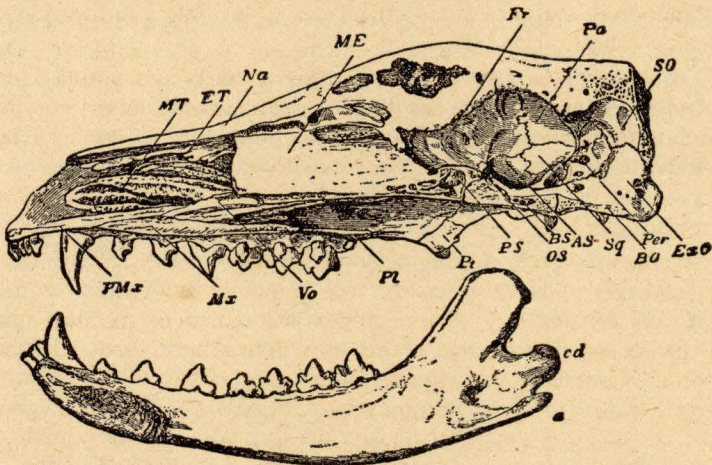


Fig. 1 — Corte mediano do crânio de *Thylacinus cynocephalus* Wagn., o “lobo marsupial” da Austrália. $\frac{1}{2}$ do tamanho natural (de Flower, segundo Zittel). PMx premaxilar, Nx maxilar superior, Vo vomer, MT e ET cornetos do etmóide, ME mesetmóide, Na osso nasal, Fr. frontal, Pa parietal, So supra-ocipital, Pl osso palatino, Pt osso pterigóide, PS presfenóide, OS orbitoesfenóide, AS alisfenóide, BS basisfenóide, Sq esquamosal, Per periótico, BO basiocipital, ExO exocipital, cd côndilo do maxilar inferior, a ângulo do maxilar inferior.

“A apófise coronóide do *maxilar inferior* é, na maioria dos casos, mui desenvolvida, alta, larga e dobrada atrás; o ângulo posterior alonga-se frequentemente numa apófise e é fortemente recurvado para dentro em todos os gêneros vivos. Em muitos Marsupiais mesozóicos, observa-se, do lado interno do maxilar inferior, um sulco (sulco milo-hióideo) que começa no orifício do canal dentário e continua, dali para diante, quase paralelamente ao bordo inferior da mandíbula; era êle destinado a receber uma artéria ou um cordão nervoso. O orifício lateral do canal alveolar é situado do lado externo, sob o último dente molar, voltado mais ou menos para traz.”

“A *dentadura* dos Marsupiais não oferece maior unidade de estrutura que o crânio. Nela se encontram antes, em correspondência com a diversidade da alimentação, tipos dentários tão heterogêneos que não podemos encontrar equivalente para êles numa só e mesma ordem dos Mamíferos placentários. Em geral, a dentadura é *completa*, isto é, composta de incisivos, caninos e molares; num grande número de herbívoros, os caninos desaparecem mas, ao mesmo tempo, os incisivos, cujo número tornou-se reduzido, adquirem um comprimento con-

siderável e apresentam a estrutura de dentes de roedores. O número primitivo dos *incisivos* (4-5 de cada lado) não se encontra senão nos Poliprotodontes carnívoros. Êsses dentes são, neste caso, pequenos, em forma de cinzeis ou cônicos e intimamente apertados uns contra os outros; mas acontece também frequentemente produzir-se neles uma redução do número dos incisivos a 3 ou 2 pares, redução essa que, neste caso, começa sempre primeiramente no maxilar inferior. Os *caninos* possuem ainda duas raízes em algumas das mais antigas formas mesozóicas e assemelham-se aos premolares mais anteriores; nos jovens marsupiais Carnívoros e Insetívoros, êles têm uma só raiz e a forma de cone pontudo; nos Herbívoros, êles não existem, em ambos os maxilares ou somente no maxilar inferior.”

“Os *molares* são mais ou menos francamente heterodontes, sendo os posteriores às vezes mui diferentes dos premolares. E’ arbitraria a designação dos molares anteriores sob o nome de premolares, pois a *substituição dos dentes* é sempre imperfeita em todos os Marsupiais e não se processa, mesmo, em certos marsupiais herbívoros (*Phascologyidae*). Os incisivos e os caninos nunca são substituídos e mesmo, no que concerne aos molares, não há senão um só entre êles (o 3.º ou, nos gêneros fósseis, o 4.º, a partir da frente) que possa ser designado, com toda a razão, como premolar, pois substitui um dente de leite. Nos Marsupiais vivos, nunca se encontram mais de três *Pm*, no estado adulto. Segundo Oldf. Thomas, havia, não obstante, também nesse caso, como na maioria dos Placentários, 4 premolares esboçados na origem, entre os quais entretanto 2 ou 3 chegam frequentemente a desaparecer: são sobretudo (pelo menos nos Dasiúrideos) os *Pm* 2/2 e *Pm* 4/4 que parecem sofrer esta atrofia. Nas formas fósseis, o número total dos premolares (4) é frequentemente mantido. Enquanto Flower e Thomaz consideram a dentadura de leite como uma aquisição secundária, Kükenthal retorna, para os Marsupiais monofiodontes, à antiga opinião, segundo a qual os incisivos, caninos e molares anteriores que não sofrem substituição representam a *dentadura de leite*; esta observação funda-se no fato de que, no jovem *Didelphys*, a segunda denticção é esboçada por germes dentários, não chegando entretanto a aparecer, salvo no que concerne ao terceiro premolar.

Os *molares* apresentam, segundo o modo de alimentação, duas sortes de formas: 1.º as coroas cortantes (secodontes) dos Carnívoros e dos Insetívoros e 2.º as largas coroas (bunodontes e lofodontes), providas de tubérculos ou de colinas transversais, dos Herbívoros. Os dois tipos parecem já completamente separados nos gêneros mesozóicos.”

“Os dentes secodontes representam o tipo mais simples e provavelmente também o mais primitivo. Nas formas mais antigas (*Droma-*

therium), a coroa compõe-se, nos molares superiores e inferiores, exclusivamente duma ponta principal, ao lado da qual se desenvolvem, adiante e atrás, 1 ou 2 pequenas pontas adventícias. A coroa e a raiz não são nitidamente separadas uma da outra; a raiz é ainda incompletamente fendida. Encontra-se uma forma mais avançada de desenvolvimento nos Triconodôntidos mesozóicos, nos quais a coroa é, tanto nos molares superiores como nos inferiores, um pouco alongada e provida de três pontas colocadas numa mesma fila, não ultrapassando a ponta mediana senão um pouco a anterior e a posterior; ao mesmo tempo, forma-se na base da coroa uma pequena faixa de esmalte (cingulum, intumescência basal) que se desenvolve principalmente do lado interno, nos molares inferiores, e do lado externo, nos superiores. Uma diferenciação ulterior consiste no fato de que as duas pontas adventícias recuam, nos molares superiores, um pouco para fora e, nos inferiores, um pouco para o lado interno; se essas pontas, assim separadas, se afastam ainda mais da ponta principal, a coroa adquire uma forma triangular (tipo tritubercular). As três pontas aparecem mais frequentemente reunidas por linhas cortantes, em relêvo, formando uma figura em forma de V. No maxilar inferior, a estrutura puramente tritubercular não se encontra senão raramente; na maioria das vezes as três pontas anteriores aproximam-se um pouco mais intimamente uma da outra, desenvolvendo-se atrás delas um apêndice (talon, heel, hipoconido) que pode apresentar 1 a 3 pontas (tipo tubérculo sectorial de Cope), mas mantém-se geralmente mais baixo que a parte anterior da coroa. Por formação de duplas pontas e de pontas intermediárias, tanto a fila externa como a fila interna de tubérculos pode sofrer uma diferenciação posterior. As pontas (ou tubérculos) dos dentes trituberculares são ou cônicas, ou em forma de V. Nas formas mesozóicas, cujos dentes têm a estrutura triconodonte e tritubercular, o número de molares oscila entré 4 e 8; nas famílias dos *Dasyuridae* e *Didelphyidae*, que existem ainda hoje, não se encontram regularmente senão 4 molares; unicamente o *Myrmecobius*, que vive na Austrália, lembra, pelo maior número de seus molares (5-6) as antigas formas mesozóicas."

"Em geral, na dentadura da série secodonte, produz-se uma diferenciação em duas direções. Há todos os termos de transição entre os Dromaterianos (*Dromatherium*) triássicos, nos quais incisivos, caninos e molares diferem pouco uns dos outros e cujos molares apresentam o plano mais simples de estrutura, e os Triconodontes e Trituberculados fósseis. Os últimos, por sua vez, ligam-se intimamente ao *Myrmecobius* atual, aos *Didelphyidae* e aos Insetívoros placentários. Em muitos casos mesmo, é francamente impossível distinguir entre Marsupial e Insetívoro, porque não se possuem frequentemente, dos gêneros fósseis mesozóicos, senão maxilares inferiores, aos quais falta, em grande número de casos, a incurvação do prolongamento angular, tão

característica dos Marsupiais. Na segunda série herbívora, o número dos molares oscila entre 4, no máximo, e 2 ou 1, no mínimo. Sobre a coroa desenvolvem-se quatro tubérculos, dispostos nos Hypsiprymniidæ (Cangurús ratos) e nos Phalangistidæ, em duas séries, separadas por um vale transversal, e reunidas aos pares, por meio de colinas transversais, nos Macropódidos e Diprotodôntidos. Nos Phascolomyidæ, que são os mais diferenciados, os dentes adquirem uma altura considerável, uma forma prismática e as duas colinas transversais tomam a forma de crescentes.”

“A estrutura da *cintura escapular* não difere consideravelmente da dos Placentários. O coracóide perdeu sua independência e aparece como uma pequena apófise da omoplata; o precoracóide e o episternum (interclavícula) não existem, de sorte que as clavículas se articulam, como nos Mamíferos placentários, por um lado com a apófise acrômio da omoplata e, por outro, com o manubrium do esterno, que é geralmente seguido de quatro peças mesosternais e dum xifisterno. Apenas nos Didelphyidæ existe um episternum rudimentar.”

“O *humerus* (Fig. 2) tem uma crista deltoideana mui desenvolvida e quase sempre um orifício entepicondilóideo, na extremidade distal alargada. O radius e o cubitus são sempre separados e fortes. O *carpo* não possui central independente senão em alguns Didelphyidæ; a série proximal contém geralmente três ossinhos, a distal quatro, porém o semilunar pode às vezes atrofiar-se (*Macropus*, *Phascolomys*). Com exceção de *Chaeropus*, todos os Marsupiais possuem 5 metacarpianos e 5 dedos, cujas falanges terminais são providas de garras.”

“A *cintura pélvica* (Fig. 3) não se liga senão a uma única vértebra sacra à qual se solda, entretanto, geralmente uma segunda vértebra, por anquilóse. O ilion é um osso réto, de três lados, de comprimento considerável, que encontra no acetábulo os isquíones e os pubis mais ou menos separados ou também soldados. Estes últimos formam uma longa sínfise e encerram um grande orifício obturador. No bordo anterior dos pubis, próximo da sínfise, liga-se um par de ossos, dirigidos para diante ou para cima e um pouco divergentes, de forma alongada, delgada, e achatados. São os denominados *ossos marsupiais* (Epipubis), embora não tenham absolutamente o papel de suportes da bolsa da fêmea mas se encontram igualmente em ambos os sexos. No gênero vivo *Thylacinus*, eles são substituídos por fibro-cartilagem. Enquanto Owen, Huxley, Flower, etc. não vêm nos ossos marsupiais senão ossificações de tendões, Leche e Wiedersheim consideram-nos como elementos originais da bacia, equivalentes aos outros ossos da bacia. Nos indivíduos jovens, observa-se que, no estado cartilaginoso, eles formam um todo contínuo com a região da sínfise dos pubis e se ossificam do mesmo modo que estes.”

“O fêmur não tem terceiro trocanter, a rótula é raramente ossificada, o perônio é sempre desenvolvido e provido proximalmente duma apófise olecraniforme. O tarso compõe-se de 7 ossinhos, entre os quais o astrágalo se distingue frequentemente por suas dimensões relativamente pequenas.”

“A pata posterior apresenta, nos Marsupiais vivos, variedades mui notáveis que podemos atribuir a uma diferenciação fisiológica avançada. Em geral, os cinco dedos existem, pelo menos no estado de esbôço. Nos Didelphyidæ, o grande artelho, mui desenvolvido, opõe-

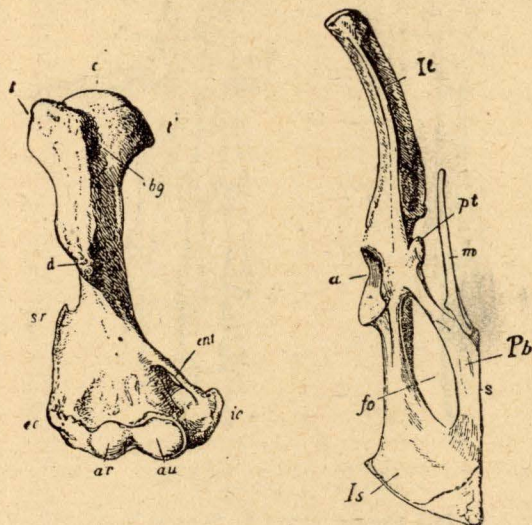


Fig. 2 — Úmero de *Phascolomys*, visto de frente. $\frac{1}{2}$ tam. nat. (de Flower, segundo Zittel). c, cabeça articular; t, grande tuberosidade; t', pequena tuberosidade; bg, fosseta de inserção do biceps; d, crista deltóidea; sr, crista supinatória; cf, orifício entepicondilóideo; ec, cêndilo externo; ic, cêndilo interno; superfície articular ar, radial; au, cubital.

Fig. 3 — Metade direita da bacia do cangurú (*Macropus major*). $\frac{1}{2}$ tam. nat. Il, ílion; Is, ísquion; Pb, púbis; a, acetábulo; pt, apófise pectínea; s, sínfise; m, ossos marsupiais (epipúbis); fo, orifício obturador (de Flower-Zittel).

se aos 4 outros dedos, providos de garras; nos Dasyriudæ, ele é fraco ou rudimentar e colocado ao lado dos outros dedos. O Wombat (*Phascolomys*) tem pés curtos e largos, de grande artelho curto e dedos de comprimento frequentemente igual e munidos de garras, dos quais os dois externos são um pouco mais fortes que os dois internos. Em todos os outros Marsupiais atuais (*Macropodidæ*, *Phalangistidæ*, *Peramelidæ*, *Hypsiprymnidæ*), os 2.º e 3.º dedos são delgados, consideravelmente mais fracos que os dois externos e envolvidos por uma pele comum até sua extremidade distal. Nos cangurús, o metapodium

estende-se consideravelmente (Fig. 4), o grande artelho atrofia-se completamente, os dois dedos internos, excessivamente pequenos, ligam-se a dois delgados metatarsianos em forma de vareta, lado a lado com o quarto dedo, que é forte e alongado; as falanges ungueais, cônicas e achatadas em baixo, dos dedos externos, têm a forma de cascos e o tarso lembra também os Ongulados pela extensão do cubóide e do astrágalo.”

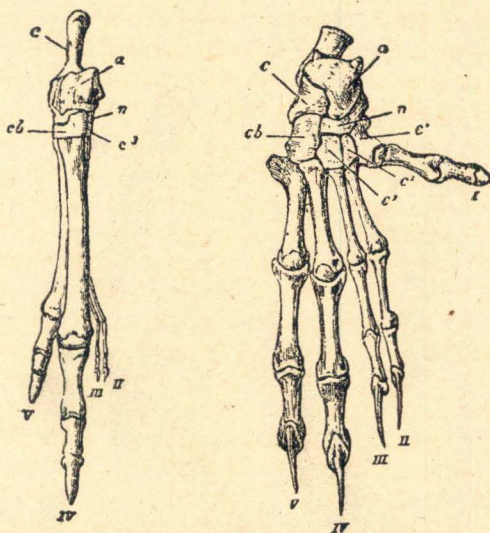


Fig. 4 — Pata posterior direita de Cangurú. $\frac{1}{8}$ tam. nat. de Flower, segundo Zittel).

Fig. 5 — Pata posterior direita de *Phalangista vulpina*. $\frac{3}{4}$ tam. nat. (de Flower-Zittel). *c*, calcâneo; *a*, astrágalo; *cb*, cubóide; *n*, escafóide (navicular), *c^{1, 2, 3}*, 1.º, 2.º e 3.º cuneiformes; I-V, 1.º a 5.º dedo.

“Muito pouco conhecemos, infelizmente, dos membros das famílias extintas, de modo que, sobre este ponto de vista, restam ainda importantes lacunas a preencher. Não podemos mais achar sobre as formas fósseis os outros caracteres fundamentais dos Marsupiais, tais como a estrutura dos órgãos genitais, a presença duma bolsa para receber o jovem recém-nascido, informe, o desenvolvimento do embrião sem placenta, de modo que com materiais osteológicos defeituosos topamos frequentemente com dificuldades consideráveis para decidir se devemos considerá-los como Marsupiais.”

“Com exceção dos Didelphyidæ, espalhados na América do Norte e na América do Sul, a repartição geográfica dos Marsupiais vivos é limitada à Austrália e às ilhas vizinhas (Terra de Van Diêmen, Nova Guiné). As formas fósseis dos depósitos cenozóicos acham-se essencialmente na região de repartição atual e somente os ratos de

bolsa (*Didelphyidae*) habitaram, na época terciária, não somente a América, mas ainda a Europa. Na Austrália, encontram-se numerosos representantes pleistocenos dos Marsupiais, que às vezes ultrapassam consideravelmente, em tamanho, as espécies ou os gêneros vizinhos que vivem atualmente. Certos gêneros fósseis atingem mesmo dimensões gigantescas (*Nototherium*, *Diprotodon*). As formas descritas em assaz grande números de depósitos mesozóicos afastam-se tanto dos ratos de bolsa (gambás) americanos que vivem atualmente como dos Marsupiais australianos. São formas excessivamente pequenas, cujo tálhe raramente ultrapassa o de um camondongo ou de um ouriço, que se distinguem por caracteres primitivos.”

“A primeira prova da existência dum marsupial fóssil foi fornecida, em 1812, por Cuvier. Um esqueleto, enterrado no gesso de Montmartre, foi reconhecido pelo grande anatomista, de acôrdo com a dentadura, como o dum marsupial (*Didelphys*) e como Cuvier, segundo a lei da correlação das formas, supusesse a presença de ossos marsupiais, preparou êle a bacia, na presença dum certo número de amigos e pôs em evidência, efetivamente, os ossos supostos. No mesmo ano, Broderip achou, no oolito de Stonesfield, um pequeno maxilar inferior que Cuvier, em 1818, a despeito das dúvidas formuladas por Agassiz e De Blainville, declarou formalmente pertencer a um marsupial semelhante a uma sarigueia (gambá). Outras descobertas feitas no grande oolito de Stonesfield, às quais se juntaram mais tarde outros trabalhos, feitos nas camadas de Purbeck do Dorsetshire e no trias, jurássico e cretáceo da América do Norte, confirmaram plenamente a existência, demonstrada por Cuvier, de Marsupiais mesozóicos. Devemos a R. Owen, Falconner e recentemente a Osborn explorações minuciosas sôbre os Marsupiais triássicos e jurássicos da Europa. As formas jurássicas do Oeste americano foram descobertas por O. C. Marsh e ultimamente Marsh descreveu também restos de Marsupiais poliprotodontes, provenientes do cretáceo superior do Wyoming e do Colorado. Os *Didelphyidae* terciários da Europa foram estudados por Cuvier, H. v. Meyer, Gervais, Filhol, Lemoine, Schlosser, etc., os da América do Norte por Marsh, Leidy e Cope, os da América do Sul por Ameghino. O estudo dos numerosos restos encontrados no pleistoceno da Austrália foi magistralmente executado por R. Owen.”

“Segundo Owen, os Marsupiais dividem-se em dois grandes grupos: *Polyprotodontia* (*Sarcophaga*) e *Diprotodontia* (*Poëphaga*). O último grupo contém exclusivamente herbívoros, o primeiro, carnívoros e insetívoros.”

— A tendência dos autores modernos é, porém, a de subdividir a ordem *Marsupialia* em três sub-ordens: *Allotheria*, *Diprotodontia* e

Polyprotodontia. A primeira encerra formas extintas; as outras duas encerram formas extintas e atuais. (2)

— *Resumo da história paleontológica*. — Os mais antigos Marsupiais, até agora conhecidos, são fósseis nos terrenos secundários. Êsses primitivos e extintos marsupiais mesozóicos tinham o talhe dum rato ou dum esquilo e são fósseis no Triássico, Jurássico e Cretáceo.

No Triássico, marsupiais da sub-ordem *Allotheria* Marsh (= *Multituberculata* Cope) viviam na Europa (*Tritylodontidae*, *Plagiaulacidae*) e no sul da África (*Tritylodontidae*). No mesmo período, alguns *Polyprotodontia*, da família *Dromatheriidae*, habitavam a América do Norte.

No Jurássico, a Europa e América do Norte nutriam marsupiais das sub-ordens *Allotheria* (*Plagiaulacidae*) e *Polyprotodontia* (*Triconodontidae*, *Pantotheriidae*).

No Cretáceo superior, alguns *Allotheria*, da família *Plagiaulacidae*, viviam na América do Norte, juntamente com alguns *Polyprotodontia*, da família *Didelphyidae*.

Estudos realizados, em 1926, pelo American Museum of Natural History, de New York, sobre alguns crânios parcialmente conservados, procedentes da formação Djadochta (deserto de Gobi, Ásia), revelaram a existência de aloterianos ou multituberculados, no Cretáceo superior daquela região (*Djadodhtatherium*) (W. K. Gregory and G. G. Simpson — "Cretaceous Mammals Skulls from Mongolia" — American Museum Novitates, 225, October, 8, 1926).

No Terciário da Europa e América do Norte, alguns *Allotheria*, da família *Plagiaulacidae*, ainda persistiam, tendo sido contemporâneos, no último dos citados continentes, dos mais antigos *Polymastodontidae* (da mesma sub-ordem), até hoje conhecidos, e, em ambos os continentes, de alguns *Polyprotodontia*, da família *Didelphyidae*. No mesmo período, a América do Sul era habitada por marsupiais das sub-ordens

(2) Grande número de autores separa os *Allotheria* ou *Multituberculata* dos Marsupiais, por suas afinidades um tanto duvidosas. Afinidades com os Monotremos e até com os Roedores foram neles apontadas mas as suas afinidades com os Marsupiais, principalmente por sua dentição, são muito mais nítidas, donde a tendência moderna de classificá-los entre estes.

Zittel, em seu "*Traité de Paléontologie*", edição de 1894, da qual extraímos a tradução dos caracteres gerais da ordem Marsupialia, dá aos *Allotheria* uma posição sistemática equivalente á dos Marsupialia, isto é, separa-os numa ordem distinta (2.ª ordem. *Allotheria*), ao lado das ordens *Monotremata* (1.ª ordem) e *Marsupialia* (3.ª ordem), tôdas compreendidas na sub-classe 1.ª — *Eplacentalia*. Por esta razão — é obvio — os caracteres dos Marsupiais, dados por Zittel e aquí transcritos, linhas atrás, correspondem apenas às sub-ordens *Diprotodontia* e *Polyprotodontia*.

Allotheria (*Polydolopidae*) ⁽³⁾, *Diprotodontia* (*Caenolestidae*) e *Polyprotodontia* (*Dasyuridae*, *Didelphyidae*, *Caroloameghiniidae*) e, na Austrália, viviam *Diprotodontes* da família *Phalangeridae*.

A partir do Plioceno superior, a distribuição geográfica dos Marsupiais era já, aproximadamente, a mesma de hoje.

No Pleistoceno, a Austrália foi habitada por grandes Marsupiais ongulados e herbívoros, cujo talhe era comparável ao do Rinoceronte. Tais eram os grandes *Diprotodontes*, da família dos *Phascolomyidae* (*Diprotodon*, cujo crânio chegava a medir 1 metro de comprimento; *Nototherium*). No mesmo período, ali viviam também Marsupiais do talhe do Tapir, como seja o *Phascolonus gigas* Owen, da mesma subordem e família, e Marsupiais da família *Phalangeridae* também *diprotodontes*, como *Thylacoleo* Owen, *Palorchestes* Owen, extintos, e *Bettongia* (Cangurú rato), *Aepyprymnus*, *Macropus* (Cangurú), ainda vivos. Na América, viviam, então, alguns *Polyprotodontia*, da família *Didelphyidae*.

Atualmente, a América e a Austrália são as únicas regiões do globo habitadas por Marsupiais.

Na América, vivem *Diprotodontes*, da família *Caenolestidae* ⁽⁴⁾, e *Poliprotodontes*, da família *Didelphyidae*, enquanto, na Austrália, se encontram *Diprotodontes*, das famílias *Phalangeridae* e *Phascolomyidae*, e *Poliprotodontes*, das famílias *Myrmecobiidae*, *Peramelidae*, *Notoryctidae* e *Dasyuridae*, das quais, a segunda e a última tinham já representantes indiscutíveis, no Pleistoceno do mesmo continente.

E' muito provável que os pequenos mamíferos da Éra Secundária, fósseis na Europa, etc., como sejam o *Amphitherium*, *Dromatherium*, *Triconodon* *Dicrocynodon*, etc. fóssem já verdadeiros Marsupiais, embora grande número de autores ainda tenha dúvidas a este respeito ⁽⁵⁾. Segundo Owen e Flower, o *Triconodon serrula*, fundado

(3) A exata posição sistemática dos *Polydolopidae* de Ameghino é ainda objeto de discussão entre os taxonomistas. Enquanto, por ex., na edição inglesa de Zittel, publicada em Londres, em 1925, vemos esta família colocada na sub-ordem *Allotheria*, isto é, entre os *multituberculata*, Simpson ("A New Classification of Mammals" — Bul. of The Am. Mus. of Nat. Hist.; New York, Março de 1931) considera-a, com os *Caenolestidae*, participante duma superfamília *Caenolestoidae*, ligada diretamente à Ordem Marsupialia.

(4) Os *Caenolestidae* são classificados ora entre os *Polyprotodontes*, ora entre os *Diprotodontes* ou, mesmo, isolados ou em sub-ordem distinta. Eles são como que um termo de passagem entre as duas sub-ordens aqui citadas.

(5) Simpson (op. cit.) separa-os em diversas sub-classes e ordens, à parte. Quanto ao *Triconodon*, o mesmo autor considera-o participante duma ordem própria (Ordem *Triconodonta*, Osborn, 1888) cuja posição sistemática julga incerta (*Mammalia incertæ sedis*).

sobre um maxilar, achado nas camadas jurássicas de Purbeck, na Inglaterra, teria uma dentição de leite idêntica à dos modernos *Didelphys*. Cope, entretanto, admite que êsses mamíferos mesozóicos eram ainda inferiores aos marsupiais, aventando a hipótese de que êles teriam sido *ovíparos*, como os atuais *Monotremos*, opinião essa perfeitamente admissível, em se tratando dos marsupiais mais primitivos, porque, como nos demonstra a embriologia dos *Didelphys* e dos outros marsupiais atuais o modo de evolução dêsses animais é bem uma fase de transição entre a *ovoparidade* e a *viviparidade*, característica dos mamíferos euterianos (*Eutheria*) ou placentários.

Os Marsupiais fósseis do Brasil pertencem todos à sub-ordem *Polyprotodontia* Owen e família *Didelphyidae*.

Sub-ordem POLYPROTODONTIA Owen

Marsupiais de talhe médio ou pequeno, carnívoros ou insetívoros, raramente onívoros, de dentição completa, apresentando 4 a 5, às vezes 3 incisivos (I), no maxilar superior, e 3 ou 4, no inferior. Caninos (C) pontudos, frequentemente com duas raízes. Premolares (Pm) com uma só ponta, menos frequentemente com pontas secundárias, e, na maioria das vezes, biradiculados. Os molares (M), em geral mui numerosos nas formas fósseis (8 a 12), apresentam-se em menor número, nas formas atuais (4 a 6); são cortantes, triconodontes e trituberculares. Regime geralmente carnívoro.

Das diversas famílias que fazem parte desta sub-ordem, unicamente a dos *Didelphyidae* é representada atualmente na América. As formas fósseis até agora encontradas no Brasil pertencem a esta família.

Família *Didelphyidae*, Gray, 1821

Pequenos marsupiais, de regime carnívoro, cuja fórmula dentária é a seguinte: 5/4 I; 1/1 C; 3/3 Pm; 4/4 M. Os incisivos são pequenos e os caninos são bem desenvolvidos. Premolares superiores trituberculados e triangulares. Patas pentadátilas, sendo o halux oposto aos demais dedos, nos membros posteriores. Cauda longa, frequentemente preênsil e calosa, nas formas arborícolas. Úmero com forâmen entepicondilóideo.

Os gêneros *Chironectes*, *Didelphys* e *Marmosa* são os únicos que, até agora, foram encontrados, como fósseis, nos terrenos antigos do Brasil.

Chironectes Illiger (1911). Êste gênero, ainda representado na fauna da Guatemala e do Brasil (de norte a sul), pela espécie única *Ch. minimus* Zimmermann, é subfóssil no Pleistoceno brasileiro. Em visita ao belo museu escolar do Ginásio Anchieta, de Porto Alegre,

tivemos a surpresa de ver uma “Cuica dagua” com indicação de procedencia local. A *Ch. minimus* parece ser comum tambem às margens do Guaíba. A êste gênero e espécie pertencem animais aquáticos ou, melhor, anfíbios, que se nutrem de peixes, caranguejos e insetos aquáticos. Têm os pés palmados, adaptados à natação, possuindo os anteriores um polegar desenvolvido, acompanhado de uma apófise do pisciforme, que simula um 6.º dedo. Marsupium bem desenvolvido. Nomes vulgares: *Cuica d’água* ou *Chichica d’água*, na região amazônica.

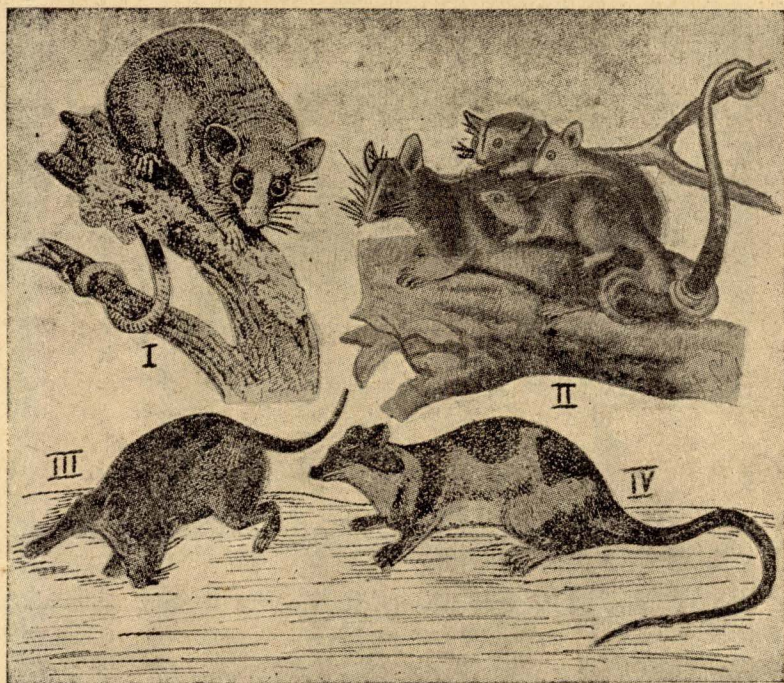


Fig. 6 — Marsupiais. I, *Marmosa cinerea* (Cuica ou Jupati) ($\frac{2}{5}$); II, *Didelphys lanigera* (Opossum lanudo, gambá do norte); III, *Peramys ihering* (Gualiquica) ($\frac{1}{2}$ ap.); IV, *Chironectes minimus* (Cuica d’água) ($\frac{3}{10}$ ap.). (I, III e IV, de R. von Ihering; II, de Flower e Lydekker).

Ameghino atribuiu, com incerteza, ao *Ch. minimus* restos subfósseis, encontrados nas grutas calcáreas da região do Iporanga (São Paulo) ⁽⁶⁾.

Estes restos são um fragmento do ramo mandibular esquerdo, com o canino e os primeiros molares e os alvéolos da maior parte dos outros dentes.

(6) Ameghino, Fl.: in Revista do Museu Paulista, tomo VII, 1907.

Como a espécie não habita hoje a região, o seu achado, em estado subfóssil, naquelas cavernas, caso seja confirmado, é um fato verdadeiramente notável, segundo declara o próprio Ameghino, com razão.

Didelphys Linneu (1758) (sinonímia: *Herpetotherium*, *Embas-sis* Cope; *Peratherium* Aymard; *Amphiperatherium* Filhol; *Oxygom-phius* Meyer). Molares mais baixos que os premolares posteriores e providos, os superiores, de três, e os inferiores de duas raízes. Car-niceiros arborícolas. Marsupium presente, nas fêmeas (6 a 16 filho-tes). Cauda nua, escamosa, peluda apenas na base, preensil. Vérte-bras cervicais, com exceção da primeira (atlas) e das 6.^a e 7.^a, reu-nidas, em bloco, por sinostose.

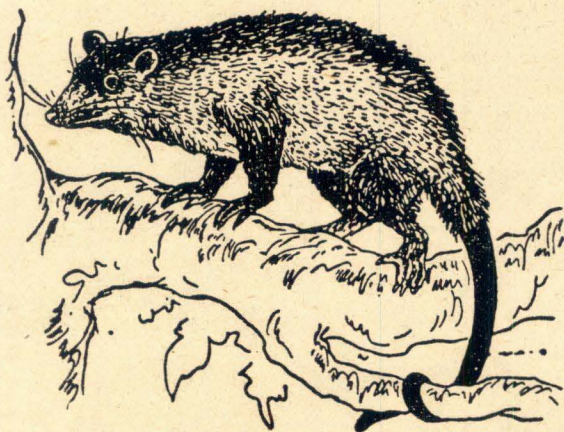


Fig. 7 — *Didelphys aurita*, o vulgar gambá (Rio Grande do Sul), *Sarigueia* (Baía), *Cassaco* (Pernambuco), *Mucura* (Amazônia).

Quase todas as formas fósseis da América do Sul são mais ou menos idênticas às atuais ou destas muito se aproximam. (Gambás, Sarigueias, cassacos).

Lund ⁽⁷⁾ cita, como fósseis, nas cavernas de ossadas pleistoce-nas do vale do Rio das Velhas (Minas Gerais) as seguintes espécies:

Didelphys aff. *aurita*;
" " *albiventris* e
" " *myosurae*.

A espécie *Didelphys Lundii*, de Lesson, foi fundada sobre restos fósseis, procedentes das mesmas cavernas. Esta espécie é, provavel-mente, sinônima de alguma das outras espécies bem conhecidas e de-terminadas.

(7) Lund, P. W.: "Memorias Scientificas" — Belo Horizonte, 1935.

Marmosa Gray, 1821 (Gloger?). Pequenos e graciosos didelfos cujo talhe varia entre o de um Camondongo e o de uma ratazana comum. Pelágio curto, espesso e macio. Focinho saliente. Cauda mui-longa (o seu comprimento supera o da cabeça e corpo, reunidos). Marsupium inexistente. 7 a 19 tetinhas, 20 espécies, entre as quais se salientam *M. murina* L., do México e Brasil, *M. incana* Lund, do Brasil, *M. elegans* Waterhouse, do Chile, atuais.

Espécies fósseis, citadas por Lund (⁷):

Marmosa incana Lund;
" aff. *eleganti* e
" " *pusillae* (⁸).

A primeira das supracitadas espécies foi minuciosamente descrita, em dinamarquês, infelizmente, por Herluf Winge que baseou os seus estudos em exemplares procedentes da Lapa da Escrevaninha, Capão Sêco e Serra das Abelhas, em Lagoa Santa (Estado de Minas Gerais), onde foram coletados por Lund.

No seu crânio, nota-se convergência das cristas temporais, tendendo à crista sagital, assim como redução da altura dos zigomas, projeção dos premaxilares um pouco adiante dos incisivos, palato crivado de orifícios.

Pelágio superior cinzento, apresentando também pintas vermelhas. Pelágio ventral branco. Cerdas caudais superiores pardacentas, sendo as inferiores esbranquiçadas. A espécie (*M. incana*) é, como vimos, atual e fóssil nos depósitos pleistocenos das cavernas de Minas Gerais que parece ser, aliás, o seu principal habitat atual.

APÊNDICE À ORDEM MARSUPIALIA

Depois de fazer algumas considerações preliminares sobre as espécies vivas do gênero *Didelphys*, no qual confunde as espécies do gênero *Marmosa*, Lund (⁸) passa ao exame das espécies fósseis, começando pelas formas de menor talhe, cujos restos fazem parte dos montes de ossadas, existentes no interior da argila das cavernas, os quais revelam a mais perfeita analogia, quanto à sua origem, com os das espécies vivas.

(8) Em sua 2.^a memória, escrita na Lagoa Santa, em 16-XI-1837, assim se expressou Lund, a respeito dos marsupiais da família *Didelphyidae*:

"No período atual, esta família é aqui representada por um gênero único, muito rico em espécies."

"Podemos grupá-las, quanto ao talhe, em duas secções: — uma, que compreende as espécies maiores, comparáveis, por suas dimensões e por seus hábitos de vida, às martas e às doninhas; outra, que encerra formas de tamanho sensivelmente igual ao dos nossos ratos e camondongos."

“Neste exame — diz Lund — terei pela primeira vez o ensejo de comparar a fauna dos dois períodos geológicos, quanto às suas produções de pequeno talhe.”

“O maior número de ossos desta categoria, que encontrei, fossilizados, nas condições já sabidas, pertence às 5 espécies diferentes:

“1.^a — Uma espécie mui pequena, do tamanho do *D. pusillæ*, parecendo especificamente distinta.”

“2.^a — Uma espécie que tem o talhe e quase as mesmas proporções do *D. murina*.”

“3.^a — Uma espécie que considero diferente do *D. incanæ*.”

“4.^a — Uma espécie um tanto menor que a precedente, estreitada de tôdas as formas vivas, aproximando-se, em certos respeitos, do grupo das formas de cauda curta.”

“5.^a — Uma espécie maior que os cinco tipos vivos da 2.^a divisão.

“Corresponde em tamanho ao *D. Myosura* (T.); como não posso o esqueleto desta forma viva, que ainda não encontrei aqui, não posso decidir se os detalhes da conformação do tipo fóssil são os mesmos.”

— “Encontrei também, entre os destroços fósseis, restos de duas espécies maiores, pertencentes à 1.^a divisão (8) do gênero *Didelphys*.”

“A maior aproxima-se de tal modo do *D. aurita* que ainda não conseguí encontrar qualquer diferença de valor específico. A menor corresponde, em tamanho, ao *D. albiventris*, mas apresenta notáveis dissimilaridades nos detalhes de sua conformação.”

“Comparando, com o auxílio destes materiais ainda mui incompletos, as duas faunas — a extinta e a presente — em relação à família dos Marsupiais, reconhecemos, em primeiro lugar, que o número das espécies fósseis não era inferior ao das vivas. Tomando em consideração as circunstâncias que fazem admitir como mui provável que o co-

“Da primeira subdivisão conheço duas espécies: *Didelphys aurita* (Pr. Max) e *Didelphys albiventris* (m); na segunda, conheço três: *D. murina* (Lin.), *D. brachyura* (Pall.) e *D. pusilla* (Desm.).”

“Encontrei restos fósseis, pertencentes às duas secções, e os atribuo a duas espécies.

“Aplicarei, porém, ao gênero atual as mesmas reflexões acima feitas a respeito das espécies do g. *Mus*, das quais concluí não ser admissível que o seu número fôsse antigamente menor do que é hoje.”

“As condições em que os restos deste grupo foram achados são as mesmas, descritas relativamente à forma dos Roedores. Os ossos da pequena espécie fazem parte de conglomerados em forma de brecha, enquanto que os da maior se acham de mistura com os de restos animais que serviam de pasto às feras (nota n.º 14).”

Os marsupiais da 1.^a divisão de Lund correspondem ao g. *Didelphys*; os da 2.^a, ao g. *Marmosa*, confundido por Lund com aquele.

nhecimento das formas atuais é mais completo que o dos tipos fossilizados, ser-nos-á lícito supor que a família em questão, quando adquirir maior amplitude o estudo das formas antigas, apresentará as mesmas relações que as famílias precedentes, isto é, mostrará ter tido outrora maior riqueza de espécies que tem hoje.”

“Se compararmos as duas faunas, quanto à correspondência das espécies, acharemos que, das sete que cada uma delas possui, cinco são inteiramente diferentes, enquanto que as duas restantes são tão próximas que a sua identificação se impõe.”

“Em tôdas as famílias até o presente estudadas, encontramos ora maior quantidade de formas nos gêneros fósseis, ora dimensões mais consideráveis nas espécies antigas, e muitas vezes estas duas circunstâncias reunidas.”

“A família de que ora me ocupo é a primeira que não permite a clara demonstração da superioridade da fauna fóssil. Entretanto, posso um espécime que não deixa dúvida quanto ao fato de terem aqui existido grandes animais, pertencentes a gêneros extintos desta divisão.”

“Mencionei, em minha última memória, um dente molar que só pode proceder de um carniceiro, tendo afinidades consideráveis com os gêneros *Dasyurus* e *Didelphys*, e comparável, quanto ao tamanho, ao maior e mais terrível carnívoro vivo da América do Sul — o jaguar (9).”

“Os marsupiais são animais bulhentos e vorazes, e mesmo as espécies pequenas devastam terrivelmente os galinheiros. Se atribuirmos o mesmo temperamento ao grande animal da família, de que venho de falar, será fácil imaginar que estragos devia causar entre os numerosos seres dos tempos primitivos. Assim, a lista dos grandes carniceiros que outrora devastavam estas regiões da Terra, é aumentada com uma espécie de tamanho não inferior ao de outras já conhecidas, tendo a mesma voracidade e os mesmos instintos sanguinários.”

“Proponho para este animal o nome de *Thylacotreriidm ferox* (10), até que o seu conhecimento mais amplo me permita criar denominação mais significativa.”

Liais (11) modificou para *Gambatherium* a denominação generica de Lund (*Thylacotherium*). Não nos consta, porém, que tenha sido confirmada a existencia deste pretenso marsupial de Lund.

(9) Jaguar — *Felis onça* Linneu.

(10) *Tylacotherium* Lund. — Não confundir com *Thylacotherium* Val., sinônimo de *Amphitherium* Blainville, que corresponde a pequenos *Allotheria*, do Jurássico médio da Inglaterra.

(11) Liais, Emmanuel: “Climats, Géologie, Faune et Géographie botanique du Brésil” — Paris, 1870.

SUB-CLASSE EUTHERIA, Huxley, 1880

(= *Monodelphia*, Blainville, 1816 = *Placentaria*, Flemming, 1822 = *Placentalia*, Owen, ca. 1837 = *Eutheria*, Gill, 1872, mas não no uso, agora, geralmente adotado) ⁽¹²⁾.

Mamíferos vivíparos, isto é, que parem os filhos depois de terem estes completado, no útero, todo seu desenvolvimento orgânico. Desprovidos de marsupium e de ossos marsupiais. Na mandíbula, o processo angular não é recurvado para dentro. Na cintura escapular, o coracóide é reduzido a uma apófise da escápula ou omoplata. O cérebro apresenta corpo caloso bem desenvolvido. Órgão genital feminino sempre simples (*monodelphia* = *mono*, um; *delphos*, útero; do grego), ao qual corresponde, no macho, um penis não bífido.

“Os Mamíferos placentários atuais — escrevem Boule e Piveteau ⁽¹³⁾ — dividem-se em grupos ou ordens relativamente bem distintas, fáceis de definir por caracteres anatômicos nítidos e bem delimitados. O mesmo acontece com os mamíferos dos períodos geológicos recentes, mas, à medida que recuamos na série dos tempos geológicos, para aproximar-nos da aurora dos tempos terciários, êsses caracteres perdem cada vez mais seu valor; a ligação dos tipos fósseis aos atuais torna-se progressivamente mais difícil; somos obrigados a criar ordens especiais para muitas dessas formas antigas.”

“A grande variedade e a vasta repartição dos Placentários, no começo da era terciária, não podiam ser explicadas senão por uma longa história anterior, da qual não dispúnhamos até agora de nenhum testemunho material, escrevem os mesmos autores, noutro capítulo. Um dos resultados mais importantes das expedições americanas na Ásia central foi a descoberta, num terreno cretáceo da Mongólia, de Mamíferos placentários indiscutíveis.”

“Os do gênero *Deltatheridium* apresentavam semelhanças tanto com os Creodontes do começo do Eoceno como com certos Insetívoros vivos da África austral, como o *Potamogale*.”

“Outros, para os quais foi criado o nome de *Zalambdalestes*, eram nitidamente insetívoros, aproximando-se dos *Centetes*, ou Tanrecs, de Madagascar, e principalmente dum grupo extinto da América do Norte, os *Leptictidos*, que teriam sido espécies de Ouriços do Eoceno e do Oligoceno.”

“Se bem que êsses fósseis pertençam à ordem, ainda atual, dos Insetívoros que pode ser julgada como a mais primitiva da classe dos

(12) George Gaylord Simpson — “A New Classification of Mammals”. Bulletin of The American Museum of Natural History, vol. LIX, Art. V, pp. 259-293, New York, March 18, 1931.

(13) Marcellin Boule e Jean Piveteau — “Les Fossiles”, Paris, 1935.

Mamíferos, parecem êles, por certos detalhes de sua organização, já bastante especializados. Não representam, pois, o verdadeiro tronco do grande grupo dos Placentários, cujas origens aprofundam-se cada vez mais na imensa duração da era mesozóica.”

Os Placentários fósseis do Brasil, até agora descobertos, distribuem-se pelas ordens *Chiroptera*, *Carnívora*, *Edentata*, *Rodentia*, *Ungulata*, *Notoungulata*, *Proboscídea* e *Primates*.

I — ORDEM CHIROPTERA, Blumenbach, 1779

Os Quirópteros ou Morcegos são mamíferos onguiculados, adaptados ao vôo, de regime insetívoro, frugívoro ou hematófago (sanguivoro). Caracterizam-se principalmente por suas asas membranosas, sustidas por quatro dedos mui longos e delgados, em cada um dos membros anteriores, ficando livre o polegar que é curto, forte e composto por um metacarpiano e duas falanges, a última das quais armada de garras. A membrana cutânea que forma as asas liga-se, por outro lado, às partes laterais do corpo e da cauda, quando esta existe (exceto nos Embalonurídeos). A clavícula é forte e bem desenvolvida. A dentadura é heterodonte, geralmente completa, variando o número dos dentes de 24 a 38. Os incisivos (I) são pequenos, às vezes caducos; os caninos (C) são fortes, largos, pontudos e cortantes, apresentando, às vezes, fortes sulcos basais; os premolares (Pm) são pontudos ou cortantes, sendo o primeiro às vezes reduzido; os molares (M) são grandes, secodontes ou bunolofodontes, de 2 ou 3 pontas ou denticulos ordinariamente cortantes, sendo os do maxilar superior trituberculares, com tubérculos em forma de V, e os do maxilar inferior, tubérculo-sectoriais. Dentes de leite rudimentares. O crânio é pequeno, encerrando um cérebro reduzido e liso. As órbitas são abertas atrás, em franca comunicação com as fossas temporais. O tórax é bem desenvolvido. Apresentam duas mamas peitorais e placenta discóide.

“O caráter mais extraordinário dos Quirópteros — diz Zittel (1) — reside no desenvolvimento mui notável dos membros anteriores num órgão que serve ao vôo; mas em todo o esqueleto, êsses animais mostram igualmente diversas particularidades que denotam uma diferenciação muito mais avançada que a observada nos Insetívoros. No crânio, o focinho é curto, a região ocular nunca é tão alongada como na maior parte dos Insetívoros. A crista sagital é, na maioria das vezes, mui saliente, o arco jugal é ausente apenas num único gênero e apresenta, segundo as famílias, uma força mui variável. As órbitas são largamente abertas atrás, a apófise postorbitária do frontal falta ou apresenta às vezes um desenvolvimento normal. A abóbada palatina é completamente ossificada. Os intermaxilares são frequentemente separados um do outro por um grande intervalo; em certos casos, êles

são substituídos por duas pequenas peças ósseas móveis; podem ainda faltar completamente. A cápsula auditiva é solidamente ossificada, quase esférica, apresentando uma grande abertura externa, arredondada, que é a embocadura do canal auditivo externo. O maxilar inferior tem uma forma geralmente delgada, alongada, às vezes também uma forma grossa; a apófise coronóide é ordinariamente pouco desenvolvida, sendo a angular, pelo contrário, frequentemente proeminente e de forma variável. O cérebro é pequeno, liso, e conformado essencialmente como o dos Insetívoros."

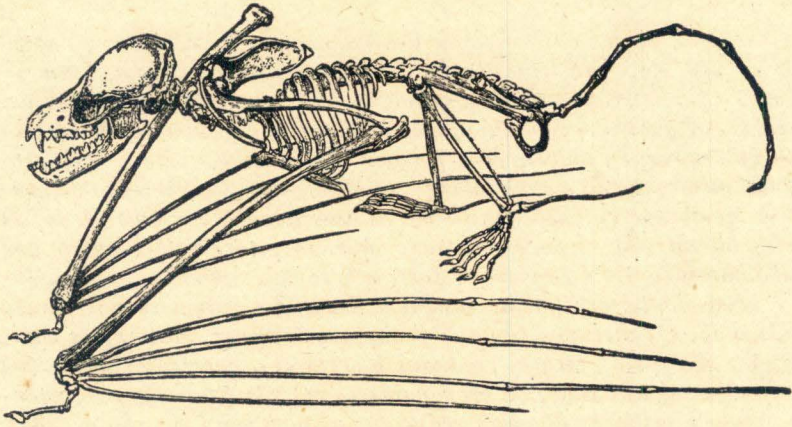


Fig. 8 — *Vespertilio murinus* Lin. Esqueleto (de Blainville, segundo Zittel).

" A dentição dos morcegos que se nutrem de Insetos assemelha-se, em seus traços gerais, com a dos Insetívoros e Didelfiídeos; a dentição dos morcegos frugívoros lembra a dos Lemurianos. Entretanto, em virtude do encurtamento da região ocular, produz-se sempre uma redução dos premolares e os dentes são aproximados um do outro, formando uma série quase fechada. Os *I* são ordinariamente pequenos, uniradiculados, cônicos ou munidos dum denticulo acessório basilar; os *I* inferiores têm quase sempre três pontas. Os *C* são fortes e pontudos, sua face externa é convexa, sua face interna, um pouco côncava, e apresentam, como os outros dentes, uma intumescência basilar. Entre os *Pm*, o mais anterior nunca é representado, o penúltimo distingue-se frequentemente por seu tamanho menor e sai um pouco da série; êste dente falta também frequentemente, de modo que em muitos casos o segundo e o quarto premolares são os únicos existentes. O primeiro dêles tem uma só raiz, o outro tem duas raízes e, no maxilar superior, às vezes três raízes. Os *Pm* têm frequentemente a forma de cones simples; entretanto, o *Pm* posterior do maxilar superior possui às vezes um tubérculo interno e tem sempre as dimensões dum molar. Os *M* superiores dos Frugívoros são bunodontes e tetratuberculares, os

dos Insetívoros apresentam do lado interno um tubérculo em forma de *V* e, do lado externo, dois tubérculos em forma de *V*, formando um muro externo em *W*; observa-se na maioria dos casos a existência dum quarto tubérculo interno posterior, menor. O terceiro e último *M* é frequentemente mui curto, pela perda de sua metade posterior; sua corôa é alongada transversalmente, cortante; nos Frugívoros, a corôa deste dente é arredondada. Os *M* inferiores dos Quirópteros frugívoros são alongados, quadrangulares e tetratuberculados; nos outros Quirópteros, êsses dentes são exatamente conformados como nos Insetívoros e nos Didelphyidæ; compõem-se duma porção anterior mais alta, formada por três pontas cortantes, reunidas em forma de *V*, e dum talon posterior de duas pontas; além disso, observa-se às vezes a presença dum terceiro e pequeno tubérculo, no bordo posterior.”

“A renovação dos dentes é mui incompleta e se acha manifestamente em regressão, nos Quirópteros. A substituição produz-se frequentemente durante a vida fetal e se limita sempre aos incisivos, caninos e a um, dois ou muito raramente três molares. Todos os dentes são pouco diferenciados, caíndo às vezes antes do nascimento ou não funcionando senão durante muito pouco tempo.”

“Em todo o esqueleto, o caráter mais notável é o desenvolvimento dos membros anteriores como órgãos destinados ao vôo; êsse caráter acarreta em todo o corpo modificações que afastam êsses seres dos outros Mamíferos. O tórax, por exemplo, em virtude do grande desenvolvimento dos músculos torácicos, dos pulmões e do coração, é excessivamente vasto, as costelas são achatadas e mui aproximadas entre si. A coluna vertebral tem um comprimento medíocre, sendo composta de 7 vértebras cervicais, 12 dorsais, 5 lombares, 2 ou 3 sacras e dum número variável de vértebras caudais, cilíndricas, sem apófises espinhosas e transversas.”

“A clavícula é forte, alongada, um pouco curva, ligada, por uma extremidade ao grande e largo Manubrium Sterni, e, por sua extremidade distal, ao acrômio que tem a forma duma possante apófise saliente, recurvada. A omoplata é grande, triangular ou oval, sendo notável pelo grande desenvolvimento de sua apófise coracóide. O úmero é longo, delgado, pouco curvo; o antebraço é pelo menos um terço mais longo que o úmero, mas atinge frequentemente um comprimento duplo do deste osso; é quase que unicamente formado pelo rádio, sendo o cúbito completamente atrofiado em sua metade distal, apresentando porém, em sua metade proximal, a forma dum osso delgado, estiliforme, desprovido de olécrano e soldado com o rádio na articulação do cotovêlo. Na série proximal do carpo, o escafóide, o lunar e o cuneiforme são soldados num só osso; na série distal, os quatro ossinhos são distintos, variando muito em forma e tamanho; o pisciforme é pequeno.”

“Entre os cinco dedos, o polegar, curto e oposto, compõe-se dum metacarpiano e de duas falanges, a última das quais é armada duma garra; os outros dedos são excessivamente alongados e reunidos entre si por uma grande membrana; o quarto e o quinto dedos não têm senão duas falanges, sendo o dedo médio sempre o mais alongado.”

“Comparativamente aos membros anteriores, os membros posteriores são delgados e curtos, e a bacia é, por conseguinte, relativamente fraca. Os Ílions são longos e estreitos, os pubis não são reunidos numa sínfise senão nos Rhinolophidæ; pelo contrário, os isquíones são fixos, às vezes, à coluna vertebral. O fêmur, longo e delgado, tem uma forma cilíndrica, uma pequena cabeça articular e um colo curto. A tíbia atinge quase o comprimento do fêmur, o perôneo é mui delgado e representado geralmente só por sua metade distal. No estado embrionário, o perôneo e a tíbia, como o rádio e o cúbito, são completos.”

“O tarso é notável por seu pequeno comprimento; o calcâneo apresenta ordinariamente uma longa apófise óssea delgada (espora) à qual se liga a membrana alar que se estende da cauda à pata posterior. Esta compõe-se de cinco artelhos quase do mesmo comprimento, armados de garras.”

— Subdivide-se esta ordem em duas sub-ordens: *Megachiroptera*, que encerra os maiores morcegos (o *Pteropus vulgaris* chega a atingir 1,60 mt. de envergadura, por 45 cms. de comprimento — Madagascar), de regime frugívoro, próprios do Velho Mundo, e *Microchiroptera*, que encerra os menores animais da ordem e que é a única representada na América do Sul, embora tenha também representantes no Velho Continente.

— *Resumo da história paleontológica.* — Devido ao pequeno talhe dos animais desta ordem, entre outras causas, o número de seus exemplares fósseis, atualmente conhecido, é mui reduzido. A Paleontologia dos grandes Quirópteros frugívoros do grupo dos *Megachiroptera* é ainda quase que completamente desconhecida. Podemos, talvez, considerar o gênero *Archæopteropus* Meschinelli, fundado sôbre restos fragmentados, descobertos no Oligoceno de Monteviale, no Vicentino (Itália), como pertencente a este grupo, a despeito do fato, embora incerto mas mui provável, de apresentar êle caracteres intermediários entre os dois grupos atuais dos *Mega* e *Microchiroptera*. Restos fósseis, assinalados no Mioceno do sul da França, foram atribuídos também a um animal dêste grupo, do gênero atual *Cynonycteris* Peters (= *Roussettus* Gray), segundo Trouessart. Êste gênero teria habitado, naquele período geológico mais para o Norte e Oeste do que atualmente (*Cynonycteris Gaillardi*).

Um fato que constitue bem uma confirmação do que dissemos, no início desta síntese histórica, é o relatado por Lund, ao tratar, em

sua 2.^a memória, da ordem dos Quirópteros, que êle chama de Família dos Morcegos (14):

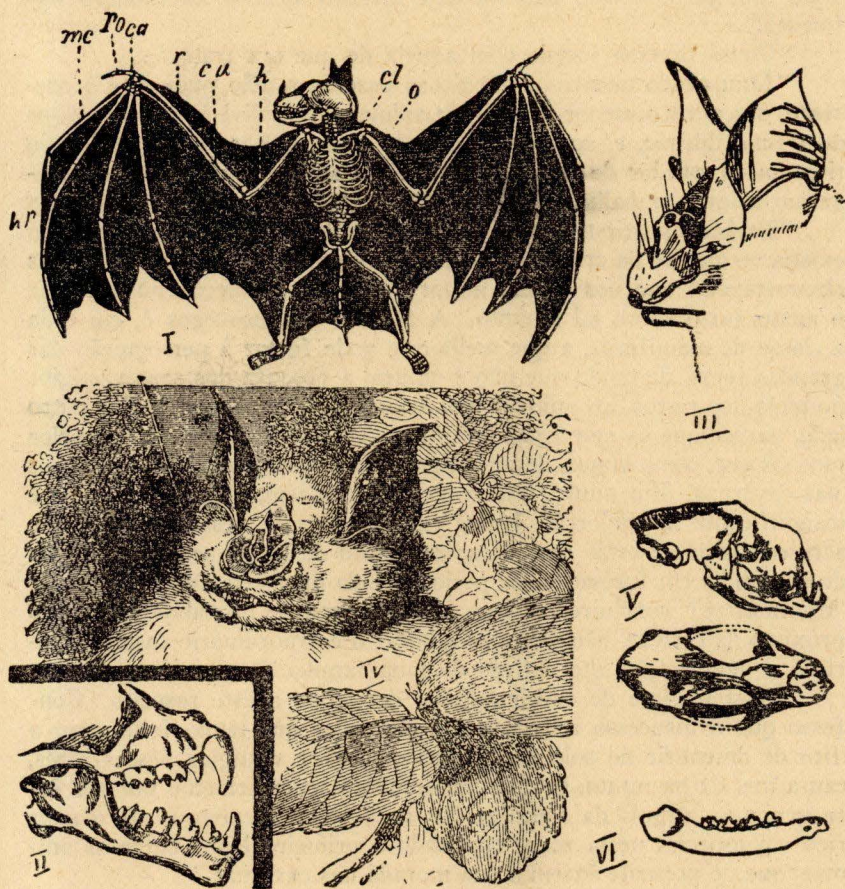


Fig. 9 — Chiroptera. I, esqueleto; II, dentadura de Morcego (o, omoplãta; cl, clavícula; h, humerus; cu, cubitus; r, radius; ca, carpo; po, polegar; mc, metacarpo; ph, falanges). III, cabeça de *Rhinolophus hipposideros*. IV, idem do morcego chamado ferradura, por causa de seu estranho focinho (*Rhinolophus ferrum equinum*). V, *Pseudorhinolophus* sp., crânio, visto de perfil e de cima. Fosforitos de Quercy. Tamanho natural: 2,8 cms. VI, maxilar inferior direito, visto de lado, de *Vespertiliavus* sp. Fosforitos de Quercy. Tam. nat.: 2,5 cms.

(14) Peter Wilhelm Lund: 2.^a memória, datada de Lagoa Santa, 16 de Novembro de 1837, in "Memorias Scientificas" — tradução do Dr. Leonidas Damasio — Biblioteca Mineira de Cultura — publicação que inicia uma série de outras, editadas sob o patrocínio da Academia Mineira de Letras — Belo Horizonte, 1935.

“As famílias até o presente estudadas, mostram que a fauna da era geológica passada era mais rica em gêneros e espécies do que a atual, ou, pelo menos, não lhe era inferior quanto ao número das formas.”

“Cousa diversa sucede com aquela de que ora trato.”

“Mau grado as mais meticulosas pesquisas, não pude, até o presente, descobrir o menor vestígio de animais desta divisão nos depósitos do último dilúvio, e, ao que me consta, quase que o mesmo insucesso tiveram os estudos de naturalistas que, no antigo continente, se entregaram a igual trabalho.”

“Parece assistir-nos o direito de concluir que esta família não existia no quadro da criação passada. Apresentarei, entretanto, diversas circunstâncias que nos devem impor tódia a circunspeção no externar o nosso juízo sôbre tal assunto. A família dos morcegos é, em tódia a classe de mamíferos, a que melhor se pode furtar à perseguição das grandes feras, de modo que não é natural a procura dos seus vestígios no meio dos restos dos animais que lhe serviam de sustento. Por outro lado, parece que os morcegos deviam ser frequentemente caçados pelos mochos que, como vimos, deram origem a montões particulares de ossos nas cavernas. Em minha última memória, porém, demonstrei como é insignificante a proporção 1/100 em que entram nessas massas. Se acrescentarmos a estas considerações o fato de se ter achado vestígios desta família em formações de período ainda mais remoto (no gesso de Montmartre), concluiremos que, sem um grau de probabilidade muito próximo da certeza, não devemos admitir o extraordinário caso da aparição e desaparecimento alternativas de uma família de mamíferos.”

“Abstenho-me de emitir opinião definitiva a êste respeito. Confesso que o insucesso reiterado das pesquisas que tenho feito, com o fito de descobrir no solo das grutas quaisquer vestígios dêsses seres, causa-me, de há muito, grande admiração, particularmente por ser êste grupo — depois da famílias dos roedores e carnívoros — o mais rico em espécies nesta zona, ocupando o primeiro lugar entre os animais que de presente fazem a sua morada nas cavernas.”

Em sua 3.^a memória, diz Lund ⁽¹⁵⁾:

“Ao estudar as pequenas espécies da fauna fóssil, utilizando os materiais obtidos nas minhas últimas viagens, tive ocasião propícia para elucidar a importante questão da existência da família dos Quirópteros, na era geológica passada.”

“Se as minhas pesquisas dos despojos desta família, nos enormes montões de ossadas de pequenos mamíferos, de aves e répteis, que estudei há pouco, na camada diluviana das cavernas, tivessem sido impróprias, eu me abalancharia a asseverar a não existência dêste grupo na-

(15) Peter Wilhelm Lund: 3.^a memória, datada de Lagoa Santa, 12 de setembro de 1838, in “Memorias Scientificas” — Vide nota 14.

queles tempos longínquos. E sem receio o faria, tanto mais quanto estes depósitos de restos fossilizados excediam em riqueza e variedade os do período atual, que também aqui examinei e de cuja espantosa quantidade procurei dar uma idéia nas minhas memórias precedentes.”

“A minha procura foi, afinal, coroada de sucesso, de maneira que hoje posso asseverar que a família dos Quirópteros existia na fauna antiga.”

“As ossadas desta família, encontradas nos depósitos fósseis, acham-se em proporção bem inferior àquela em que existem nas formações recentes, e a primeira interpretação dêste fato, que acode ao espírito, é ter sido outrora o grupo menos rico em espécies e indivíduos do que é hoje.”

“Pode êste fenômeno resultar, entretanto, de outras causas, entre as quais citarei a natureza dos animais de rapina que levaram para as cavernas as presas cujos destroços estão amontoados na argila. Os rapinantes da era antiga, autores dêstes acúmulos de ossadas, teriam afinidades com o que hoje conduz para os mesmos escuros abrigos tamanha quantidade de vítimas? Seriam também mochos?”

“O estado das peças ósseas, nos depósitos fósseis e nos atuais, é justamente o mesmo, prova suficiente de que o animal que devorava o seres de que as ossadas procedem não era dotado de um aparelho esmagador, tal como os dentes dos mamíferos carnívoros.”

— Depois de outras considerações, conclue Lund, dizendo ser mais verosímil admitir que o habitante das cavernas que, na era passada, ali amontou os pequenos ossos, de diversos animais, devia pertencer ao grupo dos mochos e que não temos pois, motivos bem fundados, para admitir que a família dos Quirópteros fôsse antigamente menos numerosa do que hoje.

A pequenez dos Quirópteros, principalmente dos Microquirópteros, e a fragilidade de seus ossos constituem, pois, duas das tantas causas que conspiram contra a sua conservação em estado fóssil.

Por outro lado, os ossos longos dos membros dos Quirópteros, os únicos perfeitamente característicos, são encontrados muito mais raramente, em estado fóssil, devido à sua fragilidade do que os maxilares e os dentes, os quais nem sempre permitem, por si sós, a classificação exata do animal a que pertenceram, visto sua semelhança com os dos Insetívoros poder dar lugar a confusões. Um exemplo da dificuldade de tal classificação, baseada apenas em crânios, mandíbulas ou dentes, nos é dado pelo gênero *Domnina*, de Cope, estabelecido sobre fragmentos do maxilar inferior, proveniente do Oligoceno (White River Beds) de Nebraska, Estados Unidos, gênero êste que tem sido considerado ora como um Insetívoro, ora como um Quiróptero.

Não há dúvida, porém, de que os Quirópteros já existiam no primeiro período da Era Terciária (Eoceno). Restos fósseis, encontrados

na Europa (Fosforitos de Quercy) e no Eoceno da América do Norte (*Nyctitherium*, *Nyctilestes* Marsh) assim o demonstram claramente. Nos Fosforitos de Quercy, os Quirópteros são representados pelos gêneros *Pseudorhinolophus* (Fig. 2 — V), *Vespertiliavus* (Fig. 2 — VI), ambos de Schlosser, *Taphozous* Geoffroy, *Alastor* e *Necromanter* (*N. adichaster*), de Wheatofer, o último dos quais é relacionado unicamente com as recentes formas sul-americanas, principalmente com as do gênero *Schizostoma*, o que acontece também com o *Provampyrus* Schlosser, do Oligoceno do Egito. No Mioceno, além do gênero, extinto *Palaonycteris*, citam-se os gêneros, ainda vivos, *Vespertilio*, *Vesperugo*, *Rhinolophus* e *Cynonycteris*.

O gênero mais antigo parece ser o *Zanycteris*, do Paleoceno da América do Norte, conhecido por um maxilar superior cuja dentição lembra a dos *Phyllostomidae* atuais, da América do Sul, frugívoros e insetívoros, de estrutura mui generalizada e, talvez, intermediários entre os Mega e os Microchiroptera.

O *Vespertilio parisiensis* Cuvier (1822), que, segundo Lydekker, Zittel, Boule e outros, parece ser realmente um *Nyctitherium* Marsh, é conhecido por seu esqueleto quase completo, descoberto por Cuvier, no gesso oligocênico de Montmartre. Pelos ossos dos seus membros anteriores, conclue-se que suas asas eram mais fracas e menores que as dos Vesperianos atuais. De Blainville, que o descreveu em sua *Ostéographie* (Paris, 1839-64), considera-o mui vizinho, senão idêntico ao *Vesperugo serotinus* Schreb., atual (Europa, Ásia e África). O gênero *Rhinolophus* (Fig. 2 — III e IV), atual, é fóssil no Mioceno inferior de Hoheim, perto de Mayence, do monte Ceindre, perto de Lyon, onde é abundante, etc. (*Rh. Lugdunensis* e *Rh. Collogensis* Depéret) e nas cavernas de ossadas diluvianas da Europa (*Rh. ferrum-equinum* Schreb.).

— A filogenia dos Quirópteros é ainda desconhecida; entretanto, o exame do *Vespertilio parisiensis* e a observação do desenvolvimento embriogênico parecem indicar que os animais desta ordem descendem de tipos quadrúpedes, trepadores, arborícolas, que deveriam ter tido, inicialmente, as patas munidas de simples pára-quedas como os *Petaurus* (marsupiais) e os *Galeopithecus* (prosimianos) atuais. Depois, aos poucos, com o uso constante, tal pára-quedas teria adquirido maior desenvolvimento, terminando por transformar-se numa verdadeira asa membranosa, fato que, naturalmente, teria acarretado o maior desenvolvimento que se nota nos membros anteriores dos Quirópteros, enquanto que os posteriores, que no embrião têm quase o mesmo desenvolvimento dos anteriores, teriam permanecido estacionários ou retrogradado para o tipo ambulatório, em virtude da falta de função cada vez mais acentuada, segundo a lei de equilíbrio dos órgãos.

Huxley considera os Quirópteros como um ramo lateral dos Insetívoros, ramo êsse que se teria separado do tronco primitivo, desde o

período Cretáceo, pois as formas fósseis do Eoceno já apresentam todos os caracteres das formas atuais.

É certo que os Quirópteros apresentam alguns caracteres que os aproximam dos Insetívoros mas esta razão não basta para que os consideremos como parentes próximos destes e, muito menos, como seus descendentes. Muito mais provável é que uns e outros sejam descendentes de um tronco primitivo comum, tendo evoluído em direções divergentes. Esta é a opinião de grande parte dos naturalistas modernos.

A ordem Chiroptera é representada no Pleistoceno brasileiro por diversos gêneros, pertencentes às famílias *Vespertilionidae*, *Emballonuridae* e *Phyllostomidae*, tôdas da sub-ordem *MICROCHIROPTERA*, a única, pois, que nos interessa aqui.

Sub-ordem MICROCHIROPTERA, Dobson, 1875

Encerra esta sub-ordem formas pequenas, de focinho curto, olhos pequenos, orelhas grandes, regime insetívoro, raramente frugívoro ou sanguinívoro (hematófago), com molares (M) de pontas finas, unidas por cristas transversais, engrenando-se com as dos molares do maxilar oposto. O 2.º dedo dos membros anteriores é curto, sem falange ungueal, e aproximado do 3.º

— Restos de Morcegos desta sub-ordem foram encontrados no Eoceno inferior dos Estados Unidos (*Zanycteris*), nos Fosforitos de Quercy (França), onde se apresentam em grande número ⁽¹⁶⁾, no Pleistoceno da Europa e nas cavernas de ossadas diluvianas do Brasil. Os restos achados no Pleistoceno permitem-nos afirmar que as formas de então eram quase que exclusivamente as mesmas de hoje.

A — Família *Vespertilionidae*, Gray, 1821

Os animais desta família distinguem-se principalmente pelos seguintes caracteres: 3.º dedo com duas falanges normais e uma, a terceira ou ungueal, cartilaginosa; uma lacuna mediana separa os dentes incisivos que são empurrados contra os caninos; a cauda é, geralmente, tão longa quanto o corpo e inclusa na membrana interfemural ⁽¹⁷⁾.

Esta família é representada, no Pleistoceno do Brasil, pelos gêneros *Vespertilio*, *Vesperugo*, *Atalapha* e *Natalus* que vivem ainda na América do Sul.

(16) Os Fosforitos de Quercy representam — segundo Boule e Piveteau (13) — o enchimento de cavernas da região.

(17) Edmond Périer — "Traité de Zoologie" — Fasc. X — "Les Mammifères" — Paris, 1932.

a) Sub-família *Vespertilioninae*

Contorno das narinas simples; orelhas moderadamente grandes; fronte sem sulco (17).

Vespertilio Keys. e Blas. Fórmula dentária: $2/3$ I; $1/1$ C; $3/3$ Pm; $3/3$ M. 3.º premolar superior menor que os outros. Os dois molares anteriores têm três tubérculos, um muro externo em forma de W e um tubérculo interno, em forma de crescente. O último premolar tem duas raízes. Atual (*V. derasus*) e fóssil no Brasil.

Wied atribuiu a este gênero a espécie *V. nigricans* Wied, das cavernas de ossadas diluvianas do Brasil onde Lund encontrou também restos fósseis que atribuiu a uma espécie indeterminada deste gênero (*Vespertilio* sp.).

Vesperugo Keys. e Blas. Corpo bastante rechonchudo. Cabeça larga e achatada. Focinho curto e obtuso. Narinas na extremidade do focinho. Asas longas. Calcaneum bem desenvolvido. Fórmula dentária: $2/3$ I; $1/1$ C; $1/2$ ou $2/2$ Pm; $3/3$ M, ao todo, 32 ou 34 dentes. 71 espécies atuais, distribuídas pela Europa, Ásia, África e América.

Este gênero é fóssil no Eoceno (*V. anemophilus* Cope, da América do Norte), no Mioceno de Sansan e de Grive St. Alban (França) (*V. noctuloides* Lartet), nas cavernas diluvianas da Europa (*V. auritus* e *V. pipistrellus* Schreb.) e, também, nas cavernas de ossadas do Brasil onde é representado pelas espécies:

Vesperugo serotinus Schreb. (18);
" *pilarii* Geoffroy Saint-Hilaire e
" *velatus* " " "

Atalapha Rafinesque 5 espécies americanas, entre as quais se salientam *A. (Dasypterus) egregia* Peters, do Brasil, e *A. cinerea* Pal. de Braw., duma bela cor cinzenta, da América do Norte.

Fóssil nas cavernas de ossadas diluvianas do Brasil.

b) Sub-família *Natalinae*

2.º dedo das mãos sem falange, sendo o 3.º provido de duas, apenas. Desprovidos de ventosas adesivas (17).

Natalus Gray, Região neotropical. *N. stramineus* Gray, atual, do Brasil e América Central.

Fóssil nas cavernas de ossadas diluvianas do Brasil.

(18) Atualmente, o *Vesperugo* (*Vesperus*) *serotinus* Schreb. habita a Europa, Ásia e África. Esta espécie é citada por Zittel (19), como fóssil no diluviano das cavernas do Brasil, fato que — confirmado — seria de veras interessante, dada sua atual distribuição geográfica.

(19) Karl Alfred von Zittel e Charles Barrois — "Taité de Paléontologie", vol. IV — Paris, 1893.

B — Família *Emballonuridæ*, Gervais, 1855

Incisivos superiores medianos geralmente aproximados entre si e bem desenvolvidos. Desprovidos de apêndice nasal. Duas falanges bem desenvolvidas no 3.º dedo. Cauda em geral liberada da membrana femural e livre, acima dela, numa certa extensão, ou excedendo, atrás, em comprimento, esta membrana que é encurtada (17).

a — Sub-família *Emballonurinae*

Cauda delgada, geralmente desembaraçada da membrana interfemural, estando sua extremidade acima desta membrana ou, pelo contrário, a cauda é mais curta que a membrana (17).

Grupo A — Cauda mais curta que a membrana interfemural. Nos membros anteriores, o 2.º metacarpo é desprovido de falanges (17).

Saccopteryx Illiger. — 1/3 I. 6 espécies atuais, distribuídas pelo México, América Central, Guianas, Brasil, Perú e, provavelmente, por toda a região tropical da América do Sul. Fóssil nas cavernas de ossadas pleistocenas do Brasil.

b — Sub-família *Molossinae*

Cauda comprida, excedendo a membrana femural. Focinho truncado. Pés grandes e livres da membrana alar que pode dobrar-se completamente e deixar, assim, livre o antebraço, permitindo, pois, uma locomoção rápida sobre o solo (17).

Molossus Étienne Geoffroy (Gray?). Premaxilares soldados entre si. Incisivos superiores aproximados um do outro. Pavilhões das orelhas reunidos (17). 10 espécies atuais, distribuídas pela América Central e Meridional, entre as quais o *M. (Myopterus) Temminckii* Lund, encontrada também, em estado fóssil, nos depósitos pleistocenos do vale do Rio das Velhas (*M. aff. Temminckii* Lund) (20).

C — Família *Phyllostomidæ*, Gray, 1825

Os animais desta família têm, em geral, o crânio grosso e curto. Frequentemente dotados de apêndice nasal, às vezes reduzido. Dentição variável. Os premaxilares, bem desenvolvidos, unem-se entre si, na linha de sutura mediana, e também aos maxilares. O 3.º dedo da mão tem as três falanges perfeitamente ossificadas (17).

(20) Referindo-se a esta espécie, denomina-a Lund com o nome de *Dysopes aff. Temminckii*.

Como acontece com as famílias anteriores, esta família é representada, no diluviano das cavernas de ossadas do Brasil, por gêneros e espécies ainda vivos. Tais são os gêneros *Schizostoma*, *Lophostoma*, *Vampyrus*, *Phyllostoma*, *Tylostomus*, *Carollia*, *Lonchoglossa*, *Glossophaga*, *Chiroderma*, *Sturnira*, *Vampyrops*, *Artibeus*, *Desmodus* e outros, todos citados por Peter W. Lund e Herluf Winge.

a — Sub-família *Phyllostominae*

Narinas atravessadas na base por um longo apêndice nasal em forma de fôlha triangular, apresentando em seu meio uma lâmina reta. Focinho longo e estreito, mento verrugoso ou apresentando 2 pequenos lóbulos membranosos. Lábio superior não dividido na parte de cima. Fórmula dentária: 2/2 I; 1/1 C; (2-3) / (2-3) Pm; 2/3 M. Molares (M) bem desenvolvidos, apresentando tubérculos agudos, em forma de *W* (17).

Schizostoma Gervais. 4 espécies sul-americanas, entre as quais sobressai o *Sc. minutum* Gervais, do Brasil.

Lophostoma d'Orbigny. 3 espécies atuais, na América do Sul, destacando-se o *L. bidens* Spix, do Brasil.

Vampyrus Étienne Geoffroy St. Hilaire. Cabeça grossa e longa, de focinho saliente. Desprovidos de cauda. Fórmula dentária: 2/2 I; 1/1 C; 2/2 Pm; 3/3 M. Exclusivamente insetívoros e frugívoros. 2 espécies atuais. *V. spectrum* Linneu, da América Central e Brasil.

Phyllostoma Ét. Geoffroy. 4 espécies atuais, sul-americanas. Lund diz ter descoberto 4 espécies fósseis deste gênero, no diluviano das cavernas do vale do Rio das Velhas, das quais diz ser uma vizinha do *Ph. dorsale*, outra do *Ph. lineatum* Geoffroy, “sendo as duas restantes diferentes de tôdas as formas vivas que conheço.” Uma espécie a que Lund denominou de *Ph. aff. spectrum* pertence, possivelmente, ao gênero *Vampyrus*, confundindo-se, talvez, com o *Vampyrus spectrum*, já mencionado (21).

Tylostomus Gervais. A espécie *T. crenulatus* É. Geoffroy é das Guianas e do Brasil.

Carollia Gray. A espécie *C. brevicauda* Wied. vive na América Central e Meridional.

b — Sub-família *Glossophaginae*

Focinho longo e delgado. Insetívoros e frugívoros (17).

Lonchoglossa Peters. Incisivo médio superior menor que o inferior. 2 espécies sul-americanas, atuais.

(21) O mesmo se dá, em relação ao *Ph. lineatum*, supracitado por Lund, que deve referir-se ao gênero *Vampyrops* e espécie *V. lineatus*, também de Ét. Geoffroy. Vide § relativo a este gênero.

Glossophaga Étienne Geoffroy. Incisivos médios superiores não separados na linha média e maiores que os inferiores. Coroa dos molares figurando um W . $2/3$ Pm. Arco jugal completo. 2 espécies atuais, repartidas entre a América Central e Meridional.

c — Sub-família *Stenodermatinae*

Focinho curto e largo, obtuso, Molares (M) de coroas largas, tuberculadas, sem figuração em W . Frugívoros (17).

Chiroderma Peters. 3 espécies atuais, entre as quais *C. villosum* Peters, do Brasil.

Sturnira Gray. 3.º molar presente. Focinho cônico. O *St. lilium* Ét. Geoffroy é da América Central e Meridional.

Vampyrops Peters. 3.º molar superior presente, menor que os outros. Incisivo médio superior cônico e oblíquo. 7 espécies, entre as quais o *V. lineatus* Geoffroy é espalhada do México ao Brasil.

Artibeus Leach. 3.º molar superior muito pequeno ou ausente. Incisivo médio superior largo e reto. 9 espécies neotropicais.

d — Sub-família *Desmodinae*

Focinho mui curto. 20 ou 24 dentes. Regime puramente sangüívoros ou hematófago, razão por que são considerados nocivos, por

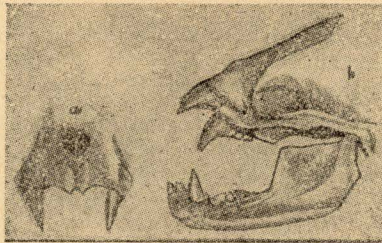


Fig. 10 — Dentição de *Desmodus rufus*.
a, face anterior dos dentes superiores; b,
face lateral dos dentes superiores e
inferiores.

serem culpados da transmissão de diversas doenças entre os animais domésticos e mesmo entre os selvagens, pois nenhum mamífero, nem mesmo o homem, escapa à sua voracidade sangüinívora.

Desmodus Wied. Crânio arredondado. Focinho curto e cônico, apresentando anteriormente um profundo sulco. Antebraço e polegar compridos. Vestígios de cauda. Fórmula dentária: $1/2$ I; $1/1$ C; $2/3$ Pm; $0/0$ M. Incisivos superiores largos e pontudos. Caninos mui longos. (Fig. 10). 2 espécies atuais, avultando entre elas o *Desmodus ru-*

fus Wied, de 8 a 8,5 cms. de comprimento, encontrada no México, América Central e do Sul, inclusive no Brasil. E' o verdadeiro "Vampiro" da família, culpado de muitos crimes atribuídos ao inocente *Vampyrus spectrum*.

Além destes gêneros e espécies atuais, supracitadas, muitos outros, igualmente representados na fauna atual da América, inclusive do Brasil, são encontrados, como fósseis, no diluviano das cavernas brasileiras. E' possível, mesmo, que tôdas as nossas espécies atuais já fôsem representadas em nossa fauna pleistocênica, tendo assistido a extinção, durante aquele período, de muitas formas afins.